



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

GUILHERME DI ANGELLIS DA SILVA ALVES

RA: 2072111-6

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS:

O sexo no século XXI

Brasília

2010

GUILHERME DI ANGELLIS DA SILVA ALVES

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS:

O sexo no século XXI

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Cláudia Busato

Brasília

2010

GUILHERME DI ANGELLIS DA SILVA ALVES

**A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS:
O sexo no século XXI**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Cláudia Busato

Banca Examinadora:

Professora Cláudia Busato

Orientadora

Professora Magda Lucio

Examinadora

Professor XXXXX

Examinador

Brasília
2010

*“Death seed blind man's greed
Poets' starving children bleed
Nothing he's got he really needs
Twenty first century schizoid man”*

King Crimson

DEDICATÓRIA

À Suzanne S., meu grande amor.

AGRADECIMENTO

Neste processo exaustivo, a ajuda da minha família se fez fundamental. Agradeço aos meus pais e meus irmãos pelo empenho em me formar íntegro e humano. Agradeço também à Suzanne Silvestre e Gabriel Delgado pela leitura atenta e crítica contumaz ao meu trabalho e à professora Cláudia Busato, cuja orientação foi determinante para driblar minha teimosia e iluminar meu caminho.

RESUMO

Freud diz que a civilização começa quando a satisfação integral das necessidades é abandonada. A cultura coage a estrutura instintiva e a redireciona porque a busca pela satisfação plena se mostra ineficaz e inconsistente no mundo externo. O processo civilizatório traz consigo a renúncia dos instintos, mas com ela a promessa de que essa renúncia não será em vão, pois o direcionamento dessas energias para o trabalho irá garantir uma nova satisfação, ainda que adiada e condicionada. A justificativa para impor a modificação da estrutura instintiva a qual Freud se refere é econômica: por ser impossível manter a vida sem trabalho por parte de seus habitantes, a sociedade recondiciona a gratificação dos instintos primários, especialmente das atividades sexuais, direcionando essa energia para a produção. Quando mais complexa se torna uma sociedade, maior será o aparato para a renúncia instintiva. Assim como o sexo foi condicionado ao longo da história para atender aos interesses econômicos de uma sociedade, a pesquisa estuda de que forma esse controle – e com que aparatos – é feito atualmente. Esta pesquisa também analisa o discurso da revista Nova e a compara com as edições francesa e estadunidense da Cosmopolitan para entender de que forma a cultura de massa influencia no comportamento sexual de uma cultura.

Palavras-chave: Sexo. Comportamento. Nova. Cosmopolitan. Freud. Análise de Discurso.

ABSTRACT

It was said by Freud that the civilization process requires the renounce of the primary instincts and its conversion into productive energy. This happens due to an economic reason: Society cannot afford the existence of its inhabitants without labor. As the civilizations advances into more complexes forms, so it does the repression over the instincts. For that reason, different cultures with different economic systems will rule over primary impulses in different ways. That being said, how does today's economic system influences the behavior of mass culture society, especially regarding the sexual activities? This work analyses the speech of the Brazilian version of Cosmopolitan magazine and compares it to the French and American edition to understand how the mass culture influences in the sexual behavior of its society.

Key words: sex behavior. Nova. Cosmopolitan. Freud. Speech analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. A INCOMPLETUDE INERENTE AO SER.....	16
1.1 Princípio de prazer X Princípio de realidade.....	16
1.2 Ontogênese da repressão	19
1.2.1 Id, Ego e Superego.....	19
1.2.2 Eros e Tânatos: vida e morte.....	21
1.3 Filogênese da repressão	23
1.3.1 O complexo de Édipo.....	23
1.3.2 Totem e tabu.....	26
2. DA LIBERALIDADE GRECO-ROMANA ÀS RESTRIÇÕES DA MECÂNICA INDUSTRIAL: O DITAME ECONÔMICO DOS COSTUMES SEXUAIS.....	30
2.1 Antiguidade clássica	31
2.1.1 Grécia.....	31
2.1.2 Roma.....	34
2.2 Feudalismo	37
2.3 Revolução industrial e o vitorianismo	40
3. CÁRCERE DE MODELOS E DESEJOS: A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A CULTURA DE MASSA.....	47
3.1 O ponto de partida para um novo modelo econômico	47
3.2 O nascedouro de uma nova era	50
3.3 A indústria cultural	53
3.3.1 Os novos tempos.....	53
3.3.2 A nova Práxis.....	55
3.3.3 O novo corpo.....	56
3.3.4 Os novos deuses.....	58
3.3.5 A nova religião.....	59
3.4 A revolução feminina	60
3.5 Breve histórico dos periódicos femininos	62
4 A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS	66
4.1 O elemento desencadeador	66
4.2 Um novo puritanismo	67
4.3 A vitória do princípio de realidade	70
4.4 A derrocada de Eros	71
4.5 O domínio sobre o lúdico	74
5. ANÁLISE DE DISCURSO DE NOVA.....	77
5.1 Objeto	77

5.2	Capa	77
5.3	Reportagem de capa sobre sexo	79
5.3.1	Reportagem <i>aquecimento global</i>	79
5.3.2	GPS do sétimo céu.....	81
5.3.3	Prova oral.....	82
5.4	Outras reportagens sobre sexo	83
5.4.1	Boa não, ótima!.....	83
5.4.2	Seu namoro está quente ou frio?.....	84
5.5	Ilustrações	85
5.6	Mensagens	86
6.	AFETO NÃO SE COMPRA COM LUBRIFICANTES.....	89
6.1	Objeto	89
6.2	Capa	89
6.3	Reportagem de capa sobre sexo	90
6.3.1	The Orgasm Whisperer (o encantador de orgasmos).....	90
6.3.2	Peut-on reconnaître un bon amant? (Como reconhecer um bom amante?)	91
6.4	Resultado	92
	CONCLUSÃO.....	95
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
	ANEXO.....	120

INTRODUÇÃO

Para Freud, a civilização começa quando a satisfação integral das necessidades, objeto primário do inconsciente, é abandonada. Ele postula que a história do homem é a história de sua repressão. A cultura, portanto, coage instintos porque essa coação é a precondição para o progresso.

É preciso converter em ação o acúmulo excessivo de estímulos, recondicionar a energia de forma a ser empregada na alteração apropriada da realidade. Freud chama isso de Princípio de Prazer transformado em Princípio de Realidade.

A justificativa da sociedade ao impor a modificação da estrutura instintiva a qual Freud se refere é econômica: como é impossível manter a vida sem trabalho por parte de seus habitantes, a sociedade recondiciona a gratificação dos instintos primários, especialmente das atividades sexuais, direcionando essa energia para a produção.

Quando mais complexa se torna uma sociedade, maior será o aparato para a renúncia instintual. É preciso, portanto, correlacionar a repressão dos instintos básicos com a economia. O sistema produtivo é determinante na conduta de uma população, especialmente na forma em que ela se relaciona sexualmente. Isso é

notado de maneira clara ao longo da história, especialmente nos períodos de transição do modelo escravagista para o feudal para o capitalista.

Com a conversão do princípio de prazer em princípio de realidade, tanto os desejos como a sua alteração da realidade deixam de pertencer, daí em diante, ao próprio sujeito e passaram a ser organizadas pela sociedade. Ao restringir e desviar, a cultura transforma os impulsos naturais, convertendo-os. Se o sexo, portanto, foi condicionado ao longo da história para atender os interesses econômicos de uma sociedade, de que forma esse controle – e com que aparatos – é feito atualmente?

A sociedade pós-moderna assim também o faz com o sexo, em tentativas de normatizá-lo e reduzi-lo a técnicas corpóreas. O psicoterapeuta Rollo May defende que a indústria, amparada pela comunicação social, separou o sexo de Eros. Na mitologia grega, Eros é o deus do amor e um dos quatro criadores do Universo. Freud utiliza essa ideia quando se refere à pulsão de vida (Eros) e à pulsão de morte (Tânatos).

Ao fazer essa separação, a indústria, reforçada pela cultura de massas, aliena a sexualidade a uma série de processos tecnicistas, eliminando elementos subjetivos. O corpo é um produto da indústria que deve ser constantemente modificado e adequado aos padrões estéticos vigentes. É a produção industrial de Tânatos.

A indústria subverteu a revolução sexual da década de 60 e lhe retirou significado ao normatizar e atribuir valor de mercado à relação sexual. O sexo não é apenas a conjunção carnal, mas todos os elementos que o norteiam. É o desempenho (fruto de conhecimento técnico, este adquirido nos veículos midiáticos), é a forma como o indivíduo se veste, como se apresenta, é o que ele possui. E na sociedade pós-moderna tudo isso é derivado da sua condição econômica.

O liberalismo sexual pelo qual passamos não é autêntico, portanto, na medida em que a lógica do mercado se apodera do sexo do início ao fim do processo porque é economicamente melhor assim fazê-lo que reprimi-lo. Nesse processo, a indústria cultural possui um papel determinante ao criar as necessidades e definir

os modelos de conduta da população, sempre alinhados com as demandas do sistema econômico.

A mídia possui uma influência enorme na população. A comunicação social detém o poder de pautar as pessoas. É o agenda-setting: a mídia pode até não conseguir dizer para as pessoas o que elas devem pensar, mas consegue dizer para as pessoas sobre o que elas devem pensar. É danoso, portanto, quando a imprensa age sob a lógica de mercado. Analisar o que há por trás das manchetes e reportagens da revista NOVA é cumprir um papel que é também dos jornalistas que escrevem as reportagens da revista: promover a reflexão sobre os temas e dar ao leitor a capacidade de discernir e compreender o mundo ao seu redor.

Organizações midiáticas são empresas. Possuem a informação como produto a ser comercializado. Sendo assim, é quase impossível não correlacionar o comportamento dos veículos de comunicação à lógica de mercado da indústria. Para isso, basta notar a quantidade de merchandisings pagos em valores elevados nos veículos de comunicação. Uma roupa ou uma música consumida por determinado artista ou exibido em determinada revista pode afetar a decisão de compra do consumidor. A mídia sabe usar o seu poder mediador para influenciar as pessoas, e com isso aumentar seu poder econômico e político.

Manchetes como a da edição de dezembro 2008, que diz "SEXO com GPS. Todas as zonas erógenas mapeadas (frente e verso), para ele brincar de piloto de orgasmo. Acelera, meu bem!", exemplicam aspectos de estandardização do corpo, aos moldes do dito por pensadores da escola de Frankfurt ao tratar de indústria cultural.

Vale lembrar que a revista Nova é uma versão brasileira da revista americana Cosmopolitan. É quase como uma franquia: ela importa o modelo editorial e comercial da matriz americana e faz pequenas adaptações aos costumes locais. É preciso estudar quais os impactos da incorporação de um modo de vida que não é o brasileiro, que não tem as mesmas raízes e os mesmo laços.

Pode-se falar do sexo como produção industrial. Quais as consequências de tal modelo de repressão sexual para a sociedade de consumo? O que é afetado a partir dessa conduta?

A pesquisa analisa o discurso das reportagens que tratam de sexo, sexualidade e amor. Para tanto, serão utilizadas quatro edições aleatórias da revista Nova do ano de 2008. O conteúdo destas edições será comparado em discurso com o conteúdo de duas outras publicações da mesma franquia, uma edição francesa e uma edição estadunidense.

A abordagem metodológica da pesquisa é a análise de discurso baseada na psicanálise freudiana e lacaniana e na sociologia de massas de Marcuse e Morin.

A pesquisa aborda os conceitos freudianos de princípio de prazer e princípio de realidade – que é a conversão o acúmulo excessivo de estímulos em ação, que passa, pois, a ser empregada na alteração apropriada da realidade – para mostrar as modificações que a sociedade impõe com o objetivo de direcionar a ação para o trabalho. Temos, de acordo com Rollo May e Wilhelm Reich, uma nova postura da sociedade ocidental em relação à sexualidade a partir da década de 1960. Michel Foucault também perfaz o contexto histórico para falar de sexualidade na cultura ocidental.

A explicação para esse evento é de ordem econômica, abordada na pesquisa sob a ótica do marxismo e da escola de Frankfurt, em especial Adorno, Horkheimer e Habermas. Para eles, a comunicação social não consegue se dissociar da ordem econômica, empresas que também o são, e que, por isso, refletem o modelo de conduta da infraestrutura da sociedade.

O objetivo da aplicação dessa metodologia é responder aos seguintes questionamentos em relação à forma que o sexo é abordado pela revista Nova:

1) Quais são as condições de produção do discurso analisado? Entende-se como condições de produção o quadro institucional, o aparelho ideológico no qual ele se inscreve, as representações que interferem na sua construção, a conjuntura política, as relações de força e os efeitos estratégicos procurados.

2) Quem produziu o discurso? Nesse caso, deve-se atentar tanto para a inserção social e política do sujeito que está elaborando o discurso como para as intenções e os resultados visados, levando-se em conta o campo ideológico em que atua o sujeito do discurso.

1. A INCOMPLETUDE INERENTE AO SER

1.1 Princípio de prazer X Princípio de realidade

Freud ensina que a civilização¹ surge quando os instintos² são subjugados. Para ele, a história do homem é a história da sua repressão. É incompatível com o processo civilizatório a gratificação permanente e ininterrupta das necessidades instintivas. Renúncia e sublimação constituem pré-requisitos para o progresso. Diz o psicanalista austríaco:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, artísticas ou ideológicas o desempenho tão importante na vida civilizada³.

¹ O termo “civilização” é utilizado por Freud diversas vezes como sinônimo de cultura, tal qual em “Civilização e Seus Descontentes”.

² Por instintos, deve-se entender impulsos primários do organismo humano que estão sujeitos à modificação histórica.

³ FREUD, Sigmund. **Mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.52

A cultura, portanto, coage a estrutura instintiva e a redireciona porque a busca pela satisfação plena se mostra ineficaz e inconsistente no mundo externo. O homem passa a se diferenciar dos outros animais a partir do momento que modifica essa estrutura, afetando os princípios que norteiam a satisfação dos impulsos primários. O filósofo alemão Herbert Marcuse sustenta que “a civilização começa quando o objeto primário – isto é, a satisfação integral de necessidades, é abandonado”⁴.

É impossível obter satisfação de forma permanente. O processo civilizatório traz consigo a renúncia dos instintos, mas com ela a promessa de que essa renúncia não será em vão, pois o direcionamento dessas energias para o trabalho irá garantir uma nova satisfação, ainda que adiada e condicionada.

Marcuse postula que

O motivo da sociedade, ao impor a modificação decisiva da estrutura instintiva, é, pois, econômico; como não tem meios suficientes para sustentar a vida de seus membros sem trabalho por parte deles, a sociedade trata de restringir o número de seus membros e desviar as suas energias das atividades sexuais para o trabalho⁵.

O filósofo alemão define e esquematiza o processo que transforma e redireciona a estrutura instintiva em um sistema dominante de valores. Assim o faz⁶ de forma probatória, baseado nos estudos de Sigmund Freud:

De:	Para:
Satisfação imediata	Satisfação adiada
Prazer	Restrição do prazer
Júbilo (atividade lúdica)	Esforço (trabalho)
Receptividade	Produtividade
Ausência de repressão	Segurança

A esse fenômeno descrito acima por Marcuse, Freud dá o nome de transformação do princípio de prazer em princípio de realidade.

A teoria freudiana divide o aparelho mental humano na luta entre dois princípios básicos, o princípio de prazer e o princípio de realidade, em um sentido estrito, ou, entre inconsciente e consciente, em um sentido amplo. O inconsciente é governado pelo princípio de prazer, e corresponde à estrutura mais remota e

⁴ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.33

⁵ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 37

⁶ Ibidem, p.34

recôndita da psique. Ele abrange os processos mentais mais primários e instintivos. Luta tão e somente para obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. Esse princípio de prazer irrestrito, no entanto, entra em choque com o meio natural e humano, já que o indivíduo eventualmente chega à conclusão – traumática para ele – de que é impossível ter uma gratificação total e indolor de suas necessidades. Em Além do Princípio de Prazer, Freud conclui que

Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso⁷.

Freud afirma que dessa experiência de desapontamento surge o princípio de realidade, que passa a duelar com o princípio de prazer. Do embate entre as duas estruturas da psique, o homem acaba por renunciar ao prazer momentâneo que o princípio de prazer busca, que é incerto e de natureza destrutiva, e o substitui por um novo prazer, procrastinado e cerceado, mas garantido. Diz Freud:

Sob a influência dos instintos de autopreservação, o princípio de prazer é substituído por princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer.⁸

Marcuse completa a afirmação de Freud dizendo que adaptação do prazer ao princípio de realidade implica a transubstanciação do próprio prazer, já que ela vem para subjugar a força destruidora da gratificação instintiva, que é incompatível com as normas e com relações estabelecidas da sociedade⁹.

É sabido, portanto, que a estrutura primeva da mente humana, o inconsciente, busca obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. Da percepção traumática de que é impossível obter por completo o que essa estrutura almeja, ela é sobreposta por uma nova estrutura, que condiciona e redireciona a obtenção do prazer. A civilização surge a partir da repressão e da renúncia dos instintos básicos. O motivo para tanto é econômico, já que a civilização não se sustentaria sem o direcionamento das forças dos indivíduos para o trabalho. A sociedade precisa direcionar os impulsos se ela quer manter uma ordem estabelecida. É em

⁷ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.12.

⁸ FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.12.

⁹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.35

consonância com a estrutura econômica da civilização que os instintos básicos do princípio de prazer são direcionados e desviados.

Freud analisa o desenvolvimento desse aparelho repressivo em duas ordens: a ontogenética e a filogenética, esta pela evolução da civilização repressiva. Aquela, pela evolução do indivíduo reprimido.

1.2 Ontogênese da repressão

1.2.1 *Id, Ego e Superego*

À repressão dos impulsos primários e ao desvio desses impulsos em esforço produtivo dá-se o nome de transformação do princípio do prazer em princípio de realidade. Essa transformação acontece tanto por causas coletivas como por causas individuais. No aparelho mental humano, a repressão ocorre a partir do evento traumático que é a impossibilidade de serem satisfeitas todas as necessidades primárias. A mente passa a se defender e a buscar alternativas frente à frustração. É a partir desse fenômeno que a estrutura mental passa a ser dividida em três camadas distintas, que atuam entre si: o Id, o Ego e o Superego.

O id é dominado pelo inconsciente. É a camada mais fundamental e a mais antiga do ser. Nele, residem todos os instintos primários. Não visa a autopreservação nem se deixa influenciar por valores ou moralidade. O id se esforça exclusivamente à obtenção de prazer, à satisfação das necessidades instintivas regidas pelo princípio de prazer.

A parte do id que é dotada de órgãos capazes de receber estímulos acaba entrando em contato com o mundo externo e é modificada até formar o ego, que é o mediador entre o id e os dois mundos. Freud explica que a principal função do ego é controlar e coordenar os impulsos instintivos do id para reduzir os conflitos deste com a realidade.

O ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do pré-consciente-consciente; em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões¹⁰.

Com o desenvolvimento do ego, uma última camada surge: o superego, que também é definido por Freud como o ideal do ego. Ele surge da identificação do indivíduo com a figura paterna na sua pré-história pessoal. O superego é resultado do complexo de Édipo (que será discutido posteriormente) e é o representante da moralidade e dos valores que são identificados pelo indivíduo nas figuras de autoridade quando este ainda é infante. Por isso, o superego – ou o ideal do ego – impõe exigências de uma realidade pretérita. Ele tem no sentimento de culpa a sua maior arma. Freud diz que as moralidades que os pais e as entidades impuseram nos indivíduos são destiladas no ego e se transformam na consciência deste. No entanto, as lutas originalmente conscientes com as exigências da realidade (os pais e as entidades sociais que os substituirão) se transformam em reações automáticas e inconscientes¹¹. Marcuse completa que

O princípio de realidade afirma-se através de uma contração do ego consciente, numa direção significativa: o desenvolvimento autônomo dos instintos é congelado, e o seu padrão fixa-se no nível da infância. A adesão a um “status quo ante” é implantada na estrutura instintiva. O indivíduo torna-se instintivamente reacionário – tanto no sentido literal como figurativo. Exerce contra si próprio, inconsciente, uma severidade, que, outrora, era adequada a um estágio infantil da sua evolução, mas que há muito tempo se tornou obsoleta, à luz das potencialidades racionais da maturidade (individual e social). O indivíduo pune-se (e, depois, é punido) por feitos que já foram anulados ou que já não são incompatíveis com a realidade civilizada, com o homem civilizado¹².

Importante ressaltar que a renúncia ao instinto conduziria a uma tensão perpétua se não fosse possível deslocar a energia para reduzir sua intensidade. Esse deslocamento de energia é fundamental para a manutenção da ordem dentro

¹⁰ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.38

¹¹ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.49.

¹² Ibidem, p. 49

do indivíduo e dentro da sociedade. Não basta reprimir: é preciso prometer algo em troca. Quando essa repressão se dá por razões externas, ela é apenas fonte de desprazer; mas, quando se dá por razões internas, em obediência ao superego, a renúncia tem um efeito econômico diferente.

Em acréscimo às inevitáveis consequências desprazerosas, ela [a renúncia] também traz ao ego um rendimento de prazer – uma satisfação substitutiva, por assim dizer. O ego se sente elevado; orgulha-se da renúncia instintual, como se ela constituísse uma realização de valor. Acreditamos que podemos entender o mecanismo desse rendimento de prazer. O superego é o sucessor e o representante dos pais (e educadores) do indivíduo, que lhe supervisionaram as ações no primeiro período de sua vida; ele continua as funções dele quase sem mudança. Mantém o ego num permanente estado de dependência e exerce pressão constante sobre ele. Tal como na infância, o ego fica apreensivo em pôr em risco o amor de seu senhor supremo; sente sua aprovação como libertação e satisfação, e suas censuras como tormentos de consciência. Quando o ego traz ao superego o sacrifício de uma renúncia instintual, ele espera ser recompensado recebendo mais amor deste último. A consciência de merecer esse amor é sentida por ele como orgulho¹³.

Conclui-se, portanto, que a estrutura mental é dividida em três camadas que se relacionam entre si. O id é o domínio das pulsões do inconsciente, que objetiva a satisfação integral das necessidades; o ego é formado pela parte do id que se corresponde ao mundo externo. Ele é o responsável pela substituição do princípio de prazer em princípio de realidade. Já o superego é a consciência moral. Ele atua como representante dos valores adquiridos das figuras de autoridade do indivíduo em seu desenvolvimento. Freud diz que o ego efetua as repressões a serviço e a mando do superego.

1.2.2 *Eros e Tânatos: vida e morte*

O estudo sobre o antagonismo entre os instintos libidinais e os de autopreservação se deu em um estágio inicial da teoria freudiana. Posteriormente, ele concentrou seus esforços em outro antagonismo de forças: o conflito entre o instinto de vida (Eros) e o instinto de morte (Tânatos). A vida passa a ser definida como conflito e conciliação entre os dois instintos¹⁴.

As forças que existem por trás das tensões provocadas pelo id são chamadas por Freud de instintos, aos quais ele divide em duas forças antagônicas, Eros, o

¹³ FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.101 et seq.

¹⁴ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.53

instinto de vida, e Tânatos, o instinto de morte. Este tem como objetivo conduzir a vida orgânica de volta ao seu estado inanimado¹⁵. Ele define o instinto como um impulso presente em todos os organismos vivos que tem por objetivo retornar a um estado anterior, o qual só foi abandonado por forças externas desviantes. Assim sendo, ele reconhece a natureza conservadora dos organismos¹⁶. Freud é enfático: “o objetivo de toda a vida é a morte e, retrospectivamente, que o inanimado exista antes que o vivente”¹⁷.

Marcuse explica que a liberdade de excitação foi abandonada no início da vida; portanto, a tendência instintiva para o equilíbrio, com o choque de Eros e Tânatos, é, no derradeiro momento, a regressão para um estado anterior à própria vida. Justifica:

O instinto de morte é destrutividade não pelo mero interesse destrutivo, mas pelo alívio de tensão. A descida para a morte é uma fuga inconsciente à dor e às carências vitais. É uma expressão da eterna luta contra o sofrimento e a repressão¹⁸.

A teoria freudiana buscou na biologia a justificativa para tal fenômeno. Freud diz que por conta desse instinto de morte, os organismos primitivos não sobreviviam por muito tempo, até que, novamente por influências externas, células germinativas foram criadas pelos organismos para alongar o percurso para a morte. Essas células germinativas são os instintos de vida, que fazem oposição aos instintos de morte por obter o que parece ser para ela uma imortalidade potencial¹⁹.

O instinto de vida abrange o instinto sexual desinibido, os impulsos naturais de natureza inibida e também o instinto autopreservativo. Ele se contrapõe ao instinto de morte por buscar a expansão. O psicanalista americano Rollo May considera os instintos sexuais o melhor exemplo do objetivo de prazer por meio da redução de tensão. Como a libido plenamente gratificada acarreta a autodestruição, Eros surge para salvar a libido da anulação. May contrapõe sexo e Eros:

Sexo pode ser definido de maneira bastante adequada em termos fisiológicos com a excitação das tensões fisiológicas e sua satisfação. Eros, pelo contrário, é a vivência das intenções pessoais e o significado do ato. O prazer do sexo é definido por Freud e por outros como a redução da tensão; no Eros, pelo contrário não desejamos ser libertados da excitação, e sim nos agarramos a ela, nela nos comprazemos e até a

¹⁵ Idem.

¹⁶ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.202.

¹⁷ Ibidem, p.204

¹⁸ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 47.

¹⁹ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.207

umentamos. A finalidade do sexo é a gratificação e o alívio de tensão, enquanto que o Eros é o desejo, a ânsia e a eterna procura de expansão²⁰.

Para explicar o embate entre essas duas forças, Freud fez uso da mitologia grega ao dar o nome de Eros para o instinto de vida e de Tânatos para o instinto de morte. Para os gregos antigos, Eros é o criador da vida na terra e é um dos quatro deuses originais. Platão considera Eros o poder formador de todas as coisas existentes.

Eros é o deus ou demiurgo, prossegue Platão, que constitui o espírito criador do homem. Eros é o impulso que leva o homem a unir-se a outra pessoa, não só sexualmente ou por outras modalidades de amor, mas nele excitando a ânsia do conhecimento, impelindo apaixonadamente a procurar a união com a verdade²¹.

Tanto para a mitologia grega quanto para a biologia ou para a psicanálise, o instinto de vida utilizaria as pulsões sexuais para promover a expansão do organismo. Já o instinto de morte, utilizaria as pulsões sexuais e instintivas para promover o alívio de tensão e, assim, tentar retornar a um estado anterior de inércia. Para ilustrar essa assertiva, há um mito grego que diz que Afrodite e Ares tiveram vários filhos, entre eles Eros, deus do amor. Diferente dos outros filhos do casal, Eros não crescia. Era um bebê pequeno, frágil, rosado, de asas transparentes e covinhas no rosto. Preocupada com a saúde do filho, Afrodite consultou Têmis, deusa guardiã da lei, que respondeu que seu filho era assim porque o Amor não podia crescer sem Paixão.

1.3 Filogênese da repressão

1.3.1 O complexo de Édipo

Foram discutidos anteriormente os modos para a repressão ocorrer na perspectiva do indivíduo. Percebe-se a luta entre o instinto de vida e o instinto de morte e as ações do Id, do Ego e do Superego. Esses, no entanto, não são únicos fenômenos que suprimem e condicionam os instintos básicos.

²⁰ Ibidem, p.80.

²¹ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.86.

Foi dito que a civilização nasce com a renúncia dos impulsos primitivos e com a conversão desses impulsos em força produtiva. A repressão internalizada pelo indivíduo continua na vida em grupo. Essa descoberta da psicanálise conseguiu aproximar a psicologia individual da psicologia das massas.

A primeira participação do indivíduo em grupo é na família. Nessa primeira experiência do homem com o mundo, ocorrem duas fases estruturais do desenvolvimento psíquico: Édipo e castração. Apesar de ambas fazerem parte do ser humano, elas se dão em ordem diferentes – e com consequências diferentes – nos homens e nas mulheres.

Nos meninos, a mãe se torna, por meio do seio, o objeto inicial da aplicação de suas energias psíquicas libidinosas. Com o pai, a relação é de reconhecimento por pertencer ao mesmo sexo que ele. O complexo ocorre quando o menino vê no pai um adversário e um concorrente por ter na mãe o seu objeto sexual. A relação é ambígua, já que ao mesmo tempo se identifica com a figura paterna e quer vencê-la e tomar o seu lugar. A rivalidade com o pai culmina no complexo de castração, que tem consequências traumáticas no homem.

O complexo reside no fato de o menino descobrir que a mãe, o seu objeto de desejo, não possui o falo, que a criança compreende como sendo o pênis do pai. A partir daí, surge nela o medo de perder o pênis. Essa perda passa a funcionar no menino como uma punição por ter desejado sexualmente a mãe. Com isso, o Édipo é recalcado e destruído para, no seu lugar, surgir o superego, que foi discutido anteriormente.

Nas meninas, Freud explica que a castração ocorre antes de Édipo. A identificação surge primeiro com a mãe, que é quem lhe alimenta por meio do seio. Diferente dos meninos, essa primeira fase não é traumática. O conflito surge com a castração, ao constatar que é diferente dos meninos anatomicamente por não possuir um membro externo. É o que Freud chamou de *inveja do pênis*. A menina percebe que a mãe também não possui o membro fálico, então a abandona e a substitui pelo pai. É o Édipo feminino: a menina passa a desejar um filho com o pai para com ele repor o falo ausente. Com essa carência, a mulher erotiza todo seu corpo na tentativa de fazer dele um corpo fálico, o que implica em excesso de narcisismo e em vaidade física.

O processo constitui-se, portanto, de três fases. Na primeira, dá-se a produção do falo. A mãe está sempre presente e a criança se torna o falo dela, que predomina neste momento. Na segunda fase, dá-se a castração. É o fim do mito fálico. O pai é o rival do menino e a mãe deixa de ser absoluta. Na menina, a castração é signo da ausência e a busca de repará-la por meio de um filho com o pai. No menino, ela é a ameaça de castigo por ter querido tomar a mãe para si. Neste momento, o predomínio é do pai. Na terceira fase, o problema da castração é eliminado por meio da interiorização do pai, que a criança vê como modelo por conta da castração e da identificação secundária. Com a separação da mãe, a criança passa a querer ter o falo, que, acredita, o pai é detentor. É o momento de predomínio do falo.

Jacques Lacan, crítico de Freud, diz que esses complexos são apenas modelos. Os desejos propriamente ditos, como o de tomar a mãe e tê-la para si, por exemplo, não existe. O que existe é o elemento simbólico que há por trás dos complexos. “Não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não exista, trata-se de um falo simbólico, na medida em que é de sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal”, diz Lacan.²²

O falo funciona como um objeto místico que passa a ocupar o lugar dos demais estímulos. É o símbolo da incompletude inerente ao ser. É a marca do desejo. No caso do menino, Lacan diz que

A função do Édipo parece muito mais claramente destinada a permitir a identificação do sujeito com o seu próprio sexo, que se produz, em suma, na relação ideal, imaginária, com o pai. Mas não é este verdadeiro objetivo de Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser pai²³.

Na menina,

O pai é para ela, inicialmente, objeto de seu amor – isto é, objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta no objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai. Esse objeto de amor se torna em seguida aquele que dá o objeto de satisfação, o objeto da relação natural da procriação. A partir daí, só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser

²² LACAN, Jacques. **Seminário 4: A relação do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 154.

²³ Ibidem, p. 208.

substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança²⁴.

Lacan diz também que o conceito de Édipo e de castração não podem ser reduzidos a uma questão familiar. Freud não diz respeito a sujeitos em si – a mãe ou o pai de fato –, mas a determinadas posições que são normalmente ocupadas por esses sujeitos. A castração pode ou não ser realizada pelo pai. O que importa é que há alguém para ocupar o posto de nome de pai, independente de ser o progenitor biológico. Lacan explica que nome de pai é apenas o conceito da proibição, do primeiro “não”, ou seja, a própria interiorização da lei. O superego é essa lei interiorizada agindo sobre o indivíduo.

1.3.2 *Totem e tabu*

O complexo de Édipo consiste num desejo instintivo por um objeto primário – o seio da mãe. O desejo é total. A separação da criança do seu objeto de desejo é um evento traumático para ela, que vê na figura autoritária a responsável por isso. Ela quer eliminá-la para voltar a um estado anterior de gratificação completa. A castração é o entendimento de que tal desejo não será concretizado. A vitória é da autoridade. A criança passa a aceitar a nova condição, recalando o desejo instintivo por medo da figura autoritária e almejando ser um dia essa figura. Édipo é o princípio de prazer transformado em princípio de realidade.

A partir dos trabalhos de Darwin sobre o estado social do homem primitivo, Freud nota que o comportamento humano que leva à formação de uma comunidade surge com Édipo. Assim como os símios superiores, o homem primevo vivia originalmente em hordas relativamente pequenas. Nela, encontramos um pai cheio de violência e de ciúmes, que guarda todas as fêmeas para si e expulsa os filhos à medida que crescem. A civilização só começa a partir de uma reação dos filhos contra a tirania do pai, líder da horda primordial.

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoram o pai, colocando assim um fim à horda primordial. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. [...] O violento pai primevo fora sem dúvida o modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo

²⁴ Ibidem, p. 207.

ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião²⁵.

Os filhos odiavam o pai porque ele era um obstáculo na busca de poder e de satisfação sexual. No entanto, também o admiravam. Uma vez satisfeito o ódio por meio do assassinato, toda a identificação que fora recalcada vem à tona sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa se espalha por todo grupo. Freud completa: “o pai morto tornara-se mais forte que o pai vivo²⁶”. A repressão das necessidades instintivas, imposta pelo pai, não foi, portanto, um resultado apenas da dominação. Ela criou também as condições mentais propícias ao funcionamento continuado da dominação.

Por conta desse sentimento de culpa, que é sedimentado nos indivíduos, as principais proibições, restrições e condicionamentos nos impulsos básicos – das quais a civilização depende – são formadas. O pai é transformado num totem e surgem a partir daí os tabus que regulam a conduta do clã: não matar o pai e não ter relações sexuais incestuosas.

Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponde inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo²⁷.

O totemismo evoluiu e deu origem às religiões e a sistemas mais rebuscados de leis. Essa evolução da sociedade, no entanto, não conseguiu eliminar as cicatrizes do modelo arcaico de repressão. Marcuse sustenta que até hoje os processos repressivos derivam de Édipo.

O “pecado original” foi contra o homem – e não foi pecado, porque foi cometido contra um que era, ele próprio, culpado. E essa hipótese filogenética revela que a civilização madura está ainda condicionada pela imaturidade mental arcaica. A memória de impulsos e feitos pré-históricos continua assediando a civilização: o material reprimido retorna, e o indivíduo ainda é castigado por impulsos que foram dominados há muito tempo e feitos que há muito se resolveram²⁸.

Diversas críticas foram feitas às afirmações de Freud sobre o totemismo e os tabus. A primeira delas diz respeito ao incesto. O psicanalista vienense cita o

²⁵ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.170

²⁶ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.171.

²⁷ Ibidem, p.172.

²⁸ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.69

sociólogo finlandês Edvard Westermarck²⁹, que considera a endogamia uma aversão inata do homem. Já o psicólogo e sexólogo britânico Havelock Ellis³⁰ não se utiliza das mesmas explicações biológicas e diz que por conta do convívio ao longo de anos, os instintos sexuais são amortecidos entre as pessoas de mesmo sangue. Freud, no entanto, desconsidera ambas as hipóteses:

Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deva necessitar ser reforçado por lei. Não há lei que ordene aos homens comer e beber ou os proíba de colocar as mãos no fogo. Os homens comem e bebem e mantêm as mãos afastadas do fogo instintivamente por temor a penalidades naturais, não legais, que seriam acarretadas pela violência aplicada a esses instintos. A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a natureza proíbe e pune, seria supérfluo para a lei proibir e punir. Por conseguinte, podemos sempre com segurança pressupor que os crimes proibidos pela lei são crimes que muitos homens têm uma propensão natural a cometer. Se não existisse tal propensão, não haveriam tais crimes e se esses crimes não fossem cometidos, que necessidade haveria de proibi-los? Desse modo, em vez de presumir da proibição legal do incesto que existe uma aversão natural a ele, deveríamos antes pressupor haver um instinto natural a seu favor e que, se a lei o reprime, assim o faz porque os homens civilizados chegaram à conclusão de que a satisfação desses instintos naturais é prejudicial aos interesses da sociedade³¹.

Já Lévi-Strauss refuta o complexo de Édipo como o nascimento da sociedade humana e diz que o princípio que deu origem à civilização é a exogamia. O desejo incestuoso é posterior à relação exogâmica. O antropólogo francês vê na troca um valor social que possibilita que a tribo não desapareça por manter um sistema fechado de matrimônio. A relação incestuosa iria de encontro à necessidade tribal. Strauss também diz que os eventos que dizem respeito à estrutura elementar do ser humano não podem ter aparecido somente uma vez, e teriam, portanto, sido repetidas constantemente no interior da consciência.

A ideia fundamental é justa, isto é, a exogamia tem um valor menos negativo do que positivo, afirma a existência social de outrem, e só proíbe o casamento endógamo para introduzir e prescrever o casamento com um grupo diferente da família biológica. Certamente não é porque algum perigo biológico se ligue ao casamento consanguíneo, mas porque do casamento exógamo resulta um benefício social³².

Freud teria invertido a lógica do complexo de Édipo: o desejo da mãe seria uma consequência, não uma causa. E o assassinato do pai e o arrependimento posterior não passariam de um sonho. Diz Lévi-Strauss: “O prestígio desse sonho, seu poder de modelar, sem que se saiba, os pensamentos dos homens provêm justamente do fato dos atos por ele evocados nunca terem sido cometidos, porque

²⁹ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.149

³⁰ Idem.

³¹ FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 150

³² LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 521

a cultura sempre e em toda parte se opôs à isso³³". Para ele, a ontogênese não reproduz a filogênese, ou o contrário. As duas hipóteses conduziriam às mesmas contradições. Com isso, afirma Lévi-Strauss, Freud, ao tentar explicar o início da civilização, acaba por explicar o seu presente.

O que se nota, apesar de todas as revisões à visão de Freud, é que o essencial se mantém: a sociedade nasce da repressão e se mantém com ela. É o instinto de prazer transformado em princípio de realidade. "O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso³⁴".

A repressão tem origens ontogenéticas e filogenéticas. Isso significa dizer que o indivíduo sofre a supressão dos seus impulsos primários que buscam prazer tanto em um duelo contra si mesmo como na sua relação com outros indivíduos. Ambas as origens correspondem a transformação do instinto do prazer em princípio de realidade. Essa transformação precisa garantir que o indivíduo não entenda a supressão como abandono do prazer, mas como um adiamento garantido do mesmo. Marcuse argumenta que toda forma do princípio de realidade deve estar consubstanciada num sistema de instituições e relações sociais que transmitam e imponham a modificação dos instintos. "Uma sociedade em que todos os membros trabalham normalmente pela vida requer modos de repressão diferentes dos de uma sociedade em que o trabalho é exclusivo de um determinado grupo³⁵".

³³ Ibidem, p. 532

³⁴ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 54

³⁵ Ibidem, p. 52

2. DA LIBERALIDADE GRECO-ROMANA ÀS RESTRIÇÕES DA MECÂNICA INDUSTRIAL: O DITAME ECONÔMICO DOS COSTUMES SEXUAIS.

A civilização nasce com a repressão dos instintos primários. Essa renúncia ganha requinte e sofisticação na medida em que as civilizações se desenvolvem e se tornam mais complexas. Portanto, a evolução dos modelos econômicos e dos sistemas de produção modifica o modelo de renúncia e de condicionamento dos impulsos primários. Como disse Marcuse, uma sociedade que requer que todos os seus membros trabalhem exige um sistema de repressão diferente daquela em que somente determinado grupo de membros trabalhe.

Isso pode ser claramente notado quando se observam as transformações econômicas da civilização ocidental e as implicações que elas tiveram nos costumes e nas práticas sexuais. Se o comportamento de um casal grego do século IV a.C era diferente do comportamento de um casal inglês do século XIX d.C é porque as estruturas econômicas das duas sociedades exigiam condicionamentos diferentes. Para se compreender as origens, as causas e os modos da conduta sexual do ocidente no século XXI é preciso conhecer a fundo a estrutura econômica deste período. Antes de conhecer o presente, é necessário mergulhar no passado.

Não é objetivo deste capítulo fazer um estudo profundo e minucioso da relação entre o modelo econômico e a conduta sexual. Visa, apenas, exemplificar momentos em que essa relação se fez mais evidente. Para tanto, a pesquisa escolheu três sistemas de produção diferentes para a análise: os sistemas escravista, feudal e capitalista.

Por conduta sexual a pesquisa considera o comportamento que é aceito e estimulado pela sociedade. Não abordaremos aqui especificamente as práticas marginais porque seria demasiado extenso e não teria ligação direta com o objeto da pesquisa. Trataremos apenas das moralidades em torno dessa conduta.

2.1 Antiguidade clássica

2.1.1 Grécia

Na antiguidade clássica, período que vai do século VII a.C até o século V d.C, com a queda do império romano, o sistema de produção era o escravagista. Tanto na Grécia como em Roma, havia uma diferença enorme entre duas classes: os escravos, que não possuíam direitos efetivos, e os homens livres, que detinham os meios de produção, os escravos e o produto desse trabalho. A qualidade de senhores livres definia a postura e o costume desses homens. Aquilo que fosse compreendido como atitudes dos seres tidos como inferiores – escravos e mulheres – era visto como ruim. O homem livre tinha de se distanciar da outra classe e do outro gênero.

Havia uma distinção enorme entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual. Os homens livres viam com desprezo o serviço manual. É de Platão³⁶ o entendimento de que “O trabalho permanece alheio a qualquer valor humano e em certos aspectos parece mesmo a antítese do que seja essencial ao homem”. A ociosidade era sinônima da perfeição do homem livre. A justificativa é bastante simples: esse é o elemento que diferencia escravos dos senhores livres. Cultuar o ócio e desprezar o trabalho braçal era afirmar-se senhor.

O ideal é o do proprietário fundiário livre, capaz de se bastar a si próprio, sendo o ócio a condição normal do homem de fortuna; a imagem do jovem quadro sobrecarregado de tarefas e responsabilidades é estranha ao espírito grego, como lhe são estranhas as virtudes positivas que o mundo industrial inclui nas palavras produtividade e rendimento. Na ética do grego de outrora, a guerra é um meio de aquisição muito mais defensável do que o comércio³⁷.

³⁶ Platão Apud ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.27

³⁷ AMOURETTI, Marie-Claude; RUZÉ, Françoise. **O Mundo Grego Antigo**. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p.247

A base da economia grega era a agricultura tradicional, com agricultores dispersos, auto-suficientes e com pequenas propriedades de terras. O grande latifúndio era exceção. O comércio marítimo ocupava uma participação pequena, mas notável. No entanto, era realizado em sua grande maioria por estrangeiros.

Tinha-se na Grécia antiga um país de consumidores, não de produtores, que via na guerra um papel de motor para a redistribuição. Atenas arrecadava principalmente por meio dos impostos de circulação de produtos e revertia esse capital de acordo com as vontades dos senhores. Era uma democracia direta, autogovernada pelos homens livres.

Sem a necessidade do trabalho para se sustentar por conta do trabalho escravo, o homem livre se dedicava ao culto do corpo e da mente. Os homens ocupavam os espaços públicos para resolver questões ligadas à política e à cidade, na ágora. Passaram praticamente o dia inteiro fora de casa, na companhia dos amigos ou amantes nos ringues de luta, no centro, nos bosques, no liceu.

O culto do corpo, associado a uma nobreza de espírito – que não levava em conta a escravidão, que era vista com naturalidade –, eram ideais gregos. A conjugação de beleza e harmonia eram formas essenciais para a ideia de perfeição daquele mundo e de suas instituições sociais. A educação era constituída da alfabetização básica e da aritmética, do ensino da música e da educação física.

Uma prática comum entre os gregos era a pederastia, que na antiguidade significava o amor de um homem por um rapaz que já tivesse atingido a puberdade, mas que não era totalmente adulto. Era um relação amorosa que estimulava o conhecimento, a beleza e a vaidade.

Um grego achava natural que um homem que tivesse relações heterossexuais pudesse ter também relações homossexuais. O fator que realmente se levava em conta era a questão do domínio do homem livre sobre os outros. E isso estava associado ao seu papel econômico. Um senhor poderia fazer sexo com um escravo, desde que ocupasse o papel ativo na relação. A postura dominante era realmente o fundamental, independente do tipo de relação.

Em uma sociedade em que as relações sexuais com uma mulher não eram vistas, necessariamente, senão como um meio de procriação ou de satisfação puramente física (estando esta última amplamente disponível através de prostitutas e escravas), a

abordagem de um *erastes* [o parceiro ativo e mais velho] era um meio pelo qual um rapaz jovem podia sentir-se querido e valorizado por si mesmo. O amor de uma mulher, membro dependente da sociedade, talvez não fosse tão valoroso quanto o de um homem, em especial se fosse mais velho, rico, bonito e influente. Mesmo assim, o *eromenos* [o rapaz que o *erastes* tentava conquistar] só chegava até certo ponto. Permitir a penetração anal era, para um grego, ser tratado como uma mulher e, portanto, uma humilhação degradante. É interessante notar que os cidadãos atenienses eram privados da cidadania, se condenados por prostituição masculina. Em Atenas, tal atividade, podia ser deixada com segurança à prática dos não-atenienses³⁸.

O que era moralmente aceito pelos homens livres era um comportamento que afirmassem a sua postura de dominante em relação às demais classes. Enaltecia-se o ócio em relação ao trabalho dos escravos, a masculinidade e a virilidade em relação a feminilidade. É importante salientar que a arte grega demorou até o século IV a.C para representar a figura feminina também como ideal de beleza.

Atenas possuía democracia direta aos seus cidadãos, mas o conceito de cidadania era restrito apenas aos homens que tivessem mães e pais atenienses. Havia uma clara distinção entre os sexos. A mulher pertencia ao homem e estava sujeita à autoridade paterna até o casamento, quando passava a estar sob comando do marido. As esposas viviam dentro de casa e raramente se misturavam com os homens. Quando o marido trazia amigos para jantar em sua casa, a mulher e os filhos se retiravam. Cabia a elas todo o serviço doméstico. Não tinham direitos à educação formal e nem podiam participar da política. Seus atributos deveriam ser a castidade, a obediência, o conhecimento das tarefas domésticas e a economia dos gastos.

O homem podia repudiar a esposa sem qualquer motivo. Isto era direito legal; a mulher só podia fazê-lo em casos de provocação extrema por parte do marido. Alguns direitos à mulher autorizavam-na a freqüentar o teatro e o festival destinado às mulheres. Contudo, para os homens ela continuava a ser apenas *gyne* – portadora dos filhos³⁹.

As mulheres eram seres destituídos de razão para os gregos, o que servia de justificativa para não terem direito à educação formal. Por conta desse desprezo por parte dos homens, a sexualidade feminina ficava restrita. Havia o *dildo*, um objeto no formato do pênis que era esculpido em madeira, que era lubrificado em azeite para ser usado pelas mulheres para se satisfazerem sexualmente. A homossexualidade feminina é bem documentada, talvez num misto de sexualidade reprimida e sentimento de solidariedade entre elas.

³⁸ JONES, Peter V (org). **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

³⁹ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.83

A forma de amor mais elevada era a do amor pelo ser igual. Ao homem era degradante amar um ser inferior – a mulher. O elemento masculino era descrito como um ser superior, com qualidades e virtudes capazes de provocar no próprio homem um sentimento de admiração e desejo. Ao mesmo tempo, os defeitos atribuídos ao elemento feminino acabavam por despertar diferença e os homens o relegavam ao plano sexual-procriativo⁴⁰.

A economia grega era baseada na agricultura e no trabalho escravo, que era obtido das vitórias nas guerras. Os homens exerciam controle sobre todos os habitantes da Grécia. A conduta moralmente aceita e o prazer sexual tinham de reforçar o caráter dominante dos homens em relação a mulheres e escravos. Eles não se misturavam com os outros e suas atividades eram atividades restritas aos homens, como a política, a filosofia, a educação e os esportes. A prática sexual seguia o mesmo princípio. O amor não era compartilhado com as mulheres, mas com os homens, seus iguais. Já a relação sexual teria de ser feita com o homem ocupando o papel ativo, que representa seu caráter dominante sobre os demais. A homossexualidade só era aceita se atendesse tal requisito. O homossexual passivo e a homossexual ativa eram inversões à ordem e seriam, portanto, passíveis de punição. A pena para os homens era a perda de seus direitos de cidadão. As mulheres eram expulsas de casa e obrigadas a buscar sustento por conta própria ou eram mortas.

2.1.2 *Roma*

A guerra tinha uma importância enorme para a economia do império. Delas, os romanos conseguiam escravos e extraíam riquezas das colônias. Por conta disso, a formação do povo tinha de girar em torno desse meio de sustento. Era preciso preparar os espíritos dos romanos para a guerra, fortalecê-los com ideais que enaltecem a unidade e à pátria.

E se Roma atingiu tão rapidamente essa espécie de invulnerabilidade que a protege diante dos inimigos, é porque as tradições e os costumes lhe asseguram uma superioridade de fato sobre todos os outros homens: austeridade, disciplina, fidelidade aos compromissos, uma honestidade rígida fazem dela uma cidade única entre todas as outras⁴¹.

⁴⁰ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.84

⁴¹ GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001, p.65

O historiador Pierre Grimal cita que os romanos sempre exibiram atitudes de elevada exigência moral. Eles haviam fixado para si um ideal de virtude que remeteram para o passado, dando a este valor de mito a ser alcançado. Essa virtude dos romanos é feita de uma dedicação extrema aos valores da pátria. O fim dessa moral romana é claro: a subordinação da pessoa à cidade, que necessitava de habitantes dispostos a se sacrificar por ela nas guerras.

É muito provável que esta concepção tirânica do dever cívico tivesse sido imposta, sobretudo pela sociedade patrícia que tomou o poder em 509 a.C; foi a gens que contribuiu para manter a hierarquia estrita dos elementos sociais, assegurando materialmente a dependência dos indivíduos em relação ao clã⁴².

A disciplina, o respeito e a fidelidade aos compromissos constituíam um ideal para os romanos. É fundamental para homem de Roma ter uma boa reputação e um bom nome e deixar, após a morte, a lição de virtude para sua família e seus conhecidos. O túmulo é um monumento para recordar as ações do falecido. O reconhecimento por uma vida dedicada aos valores de Roma era uma das formas que o império encontrava de estimular em sua população os valores que eram tão fundamentais a sua economia.

Este desejo de glória, de renome eterno, é sem dúvida a vingança do indivíduo que a sociedade reprimia, em vida, de mil maneiras: magistrado, não podia prosseguir a sua obra para além de um ano, chefe militar, se não tinha a sorte de obter qualquer vitória decisiva durante o seu comando, cabia ao sucessor a colheita dos louros. É perante a morte que volta a ser ele próprio, que a vida adquire valor exemplar na medida em que respeitou a disciplina em todas as suas formas: virtus, pietas e fides⁴³.

Na Grécia, os jovens se formavam no ginásio e a sua cultura intelectual vinha para completar a educação do corpo. Os esportes eram um exercício com um fim em si, uma arte. Em Roma, essa prática de ginástica pura foi ignorada. Os exercícios dos jovens eram uma preparação para a guerra, sem arte, sem preocupação estética.

Os ganhos das guerras e da exploração das colônias eram concentrados nas mãos de pouquíssimos habitantes. Assim como na Grécia, havia uma distinção entre os homens livres e os escravos. Estes eram o despojo das vitórias do império, que serviam a seus senhores como lhes conviesse. Com a enorme concentração de renda, os romanos tinham prazer em esbanjar luxo e riqueza.

⁴² GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001, p.67

⁴³ Ibidem, p.72

Roma, a mais rica de todas [as cidades], era aquela em que se ostentavam um luxo por vezes incrível – embora pareça muito mesquinho ao lado do esbanjamento que outros séculos conheceram – mas o resto do povo fazia mais do que recolher as migalhas ou, pior ainda, do que obter pequenas parcelas à custa de um trabalho esgotante e sem tréguas⁴⁴.

As mulheres tinham uma paixão tão exagerada pelo luxo a ponto de alguns historiadores terem atribuído a isso o declínio do império, devido ao enorme gasto com importações. Elas se contentavam com isso frente ao fato de não terem direitos plenos e de ficarem basicamente restritas ao lar. As esposas supervisionavam os cuidados com a casa e se ocupavam com futilidades. Não se diferenciava muito do papel das gregas. Já as mulheres pobres não tinham escolha. Sob condições precárias de vida, eram obrigadas a vender o que quisesse que se comprasse, inclusive elas mesmas.

Diferente da Grécia, em que o casamento servia para fins de procriação e para se garantir uma segurança na velhice, em Roma o matrimônio era a forma de se legitimar a descendência. Era, antes de tudo, um contrato por motivos econômicos ou políticos. A forma mais comum era a de *usus*, que só tornava a união legal depois de um ano de convivência. Enquanto isso, a mulher continuava pertencendo ao pai. Essa espécie de estágio probatório era benéfica aos dois cônjuges. Outro tipo de matrimônio era o *coemptio*, em que se comprava a mulher pagando em dinheiro ao pai da noiva.

O exagero prevalecia entre os homens livres. Era uma forma de se extrapolar a repressão e as exigências da vida pública, cheia de moralidades e demandas por virtude e severidade. Se na vida pública, havia uma série de restrições, no sexo tudo era permitido.

O conto do romano casto, corrompido pelos “maus vizinhos” – os gregos –, realmente é um conto. Deleitar-se em fartura de comida, de bebida e orgias não significa “viver à grega”, pois alugar, comprar mulheres e viver entregue aos prazeres era costume comum entre os romanos⁴⁵.

Gregos e romanos consideravam a prostituição uma peça importante na ordem social. Garantia a segurança das mulheres casadas e era vista como uma necessidade à higiene pública. Contando que os homens e as mulheres que se prostituíssem não fossem de nascimento livre, tudo era permitido, como comprar,

⁴⁴ GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001, p.259.

⁴⁵ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.94

alugar, raptar. Até as crianças que fossem escravas poderiam servir para a prostituição.

O império romano dependia substancialmente da guerra para sua manutenção. Para isso, era necessário que os homens estivessem dispostos a lutar e a morrer pela pátria. O comportamento que era encorajado era justamente o que reforçava essa servidão. Os romanos tinham de ser austeros, disciplinados e fiéis às causas de Roma. Exigia-se muito, mas quem estivesse disposto a cumprir as demandas tinha a glória eterna de seu nome como recompensa. As orgias que os romanos participavam – e que contavam com pessoas de todas as classes – ajudavam a diminuir tensão da severidade que era exigida. Tudo era feito com muito exagero e além do sexo, havia comida e principalmente muita bebida. Terminava com vômitos; como que se para limpar a alma e se preparar novamente para as obrigações da vida pública. O luxo e a luxúria eram válvulas de escape das tensões de Roma. Para os ricos, ao menos.

2.2 Feudalismo

A partir do século I a.C, Roma enfrenta uma crise econômica que culmina na sua desintegração e declínio. Os bárbaros ganhavam território, faltavam escravos para a mão-de-obra e já não se obtinha a renda desejada das colônias.

Os novos tempos de recessão exigiam que o comportamento dos romanos também modificasse. Antes epicuristas, os romanos passaram adotar uma moral mais austera, mais exigente. Já não se podia mais esbanjar luxo e exagero na vida social e na vida sexual. O estoicismo grego ganhava forças ao privilegiar a negação dos prazeres mundanos. Em tempos de pobreza e recessão, até a economia dos corpos se faz necessária.

A crise econômica causou também uma crise religiosa em Roma. Já não se acreditava tanto nos deuses que favoreciam o império nas guerras, porque o império romano não estava sendo tão favorecido assim, perdendo batalha após batalha, colônia após colônia.

No século IV d.C, tinha-se um povo desorientado econômica, política e religiosamente. O império se esfacelara, o povo estava desunido. Para que se mantivesse ao menos uma sobrevivida, seria preciso buscar novamente um elemento unificador, como foi a lealdade à pátria nos tempos de glória.

A mudança do modelo econômico exigia uma nova moral. Dentre as diversas religiões que sobreviviam clandestinamente em Roma, o imperador Constantino viu no cristianismo a que mais se adequava ao novo modelo econômico, que agora exigia temperança em todos os aspectos da vida. Se nos momentos de grandes riquezas, era exigido aos homens romanos grandes feitos, grandes glórias, grandes virtudes – e essa exigência era apaziguada em grandes exposições de luxúria e de gula –, no momento de grande privação econômica era exigido que se tivesse uma moral que privilegiasse a privação da conduta social e sexual.

De um lado, o poder central estava enfraquecido, e de outro, a igreja se sobrepunha forte e estável. Os padres em suas paróquias, na verdade, preenchiam as deficiências de um governante seguro e austero. A imposição das leis do Estado eram substituídas pelas ameaças do inferno e pela promessa de uma vida eterna e feliz. O inferno por sua vez era a punição universal. Na aldeia e nos grandes centros, pobres e ricos, todos estavam submetidos às mesmas ordens. Assim, por vários séculos, a moral cristã foi se alastrando, com rigor de autoridade e como força social⁴⁶.

O cristianismo não introduziu um pensamento novo. Seu grande feito foi ter dado ar sacro e metafísico a um moral que já existia, mas sob a forma pagã. Ele nasce como um socialismo primitivo, para confortar pobres e oprimidos em sua pobreza e opressão. Quando o quadro de miséria passa a se alastrar por toda Roma, o cristianismo incorpora uma ideologia mais universal, de cunho moralista. Combina o maniqueísmo entre corpo e alma, vida terrena e vida espiritual do estoicismo grego, com a cultura judaica e com a cultura romana.

A crise do império desencadeou um processo de ruralização. A baixa produtividade dessa agricultura dificultava a produção de excedente e, portanto, de comércio. As moedas existiam, mas eram pouco práticas. As trocas se tornaram mais comuns.

O pouco comércio dificultava a interação entre culturas e os homens acabavam presos a mesma região. Nasciam e morriam no mesmo lugar. A influência se dava basicamente pela igreja católica e pela nobreza dos feudos,

⁴⁶ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.101.

apesar desta estar subordinada à religião também. A igreja católica é a grande detentora de terras no regime feudal. É a maior potência econômica e também a maior potência política. As suas exigências para com a conduta dos homens da idade média ajudavam a perpetuar o poderio que igreja e nobreza possuíam.

Na fase inicial da civilização cristã, as relações amorosas e conjugais passam por profundas transformações. Todo relacionamento afetivo, amoroso e sexual fora do casamento é considerado pecado contra a carne. A homossexualidade, a prostituição, a bigamia, a poligamia ou a poliandria são classificadas como costumes mundanos. Mesmo no casamento havia ressalvas, pois o sexo era uma aventura condenada e sinal da fraqueza humana. João Crisóstomo e Metódio admitiam que, se os casais limitassem as carícias e a paixão, teriam chances de salvação eterna. Era consenso de toda a igreja a permissão de um só casamento, pois diziam os padres: o segundo será considerado adultério, o terceiro, fornicção e o quarto, ignóbil⁴⁷.

É evidente a negação do modelo econômico e do modelo cultural do período anterior. A vida e os prazeres terrenos passaram ser sinônimos de fraqueza. O verdadeiro prazer está no mundo metafísico. Por isso, a extrema preocupação com a sexualidade. Num período de escassez de alimentos, não se podia gastar energia com o sexo. Era preciso restringi-lo à procriação. Medo, culpa, inferno e castigo eram as possíveis punições para quem desobedecesse. Mas o grande controle se deu com o sacramento da confissão. Nada mais ficava sem o conhecimento da igreja, nem mesmo os pensamentos.

O casamento passou a ser abençoado pela igreja para que esta pudesse regular melhor a vida dos casais. Em *idade média idade dos homens*, o historiador francês George Duby também diz que o matrimônio era a condição necessária para disciplinar a sexualidade. Santo Agostinho havia afirmado que o sexo precisava ser feito de forma pura e sem prazer para não ser pecaminoso. Tudo que se distanciasse disso era passível de punição, nesta ou na outra vida.

A economia estritamente rural dificultava o intercâmbio entre culturas e garantia a manutenção da ordem, que era estabelecida pela igreja, em um plano mais amplo, e pela nobreza, em um plano mais restrito. A baixa produtividade da agricultura criava um estado permanente de precariedade, que piorava com a distribuição de renda absolutamente desigual. A riqueza que havia estava restrita à igreja e à nobreza. A compreensão dessa estrutura econômica é fundamental para se entender porque a moral era baseada na mansidão, na renúncia e negação da

⁴⁷ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.106

vida terrena. A promessa de uma vida melhor após a morte confortava os sofrimentos e a repressão da vida terrestre; e a renúncia dos prazeres – que garantia o poder na mão da ordem dominante e que era fundamental em tempos precários por economizar energia por conta da escassez – não parecia tão ruim assim.

Mas acabou se tornando inviável depois de um tempo e os dias do regime feudal estavam contados quando o feudalismo demonstrou fortes sinais de enfraquecimento a partir do século XIII. As crises de fome aumentaram e começaram a dispersar os camponeses. A riqueza da igreja católica começava a ser questionada e um novo modelo de conduta social, que recontextualizava elementos da antiguidade, estava sendo pensado em detrimento da repressão social e sexual.

Quatro foram os principais elementos que possibilitaram a transformação do mundo medieval para o mundo moderno: o renascimento, que trouxe um pensamento racionalista, humanista e neoplatônico que modificou estruturalmente a mentalidade da época; o protestantismo, que colocou em xeque e enfraqueceu o poderio da igreja católica, que era pleno à época; os descobrimentos ultramarinos, que possibilitaram novas perspectivas econômicas e fortaleceram uma burguesia ainda nascente; e a centralização política, que possibilitou a criação do Estado moderno.

2.3 Revolução industrial e o vitorianismo

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra inaugura a revolução industrial. As máquinas substituem as ferramentas, a energia motriz substitui a força humana e as fábricas substituem o sistema de produção doméstico. Esse fato marcou a gênese do modelo capitalista em detrimento do modelo feudal, o que modificou radicalmente a estrutura da sociedade, bem como a conduta da população.

E tanto a Grã-Bretanha quanto o mundo sabiam que a revolução industrial lançada nestas ilhas não só pelos comerciantes e empresários como através deles, cuja única

lei era comprar no mercado mais barato e vender sem restrição no mais caro, estava transformando o mundo. Nada poderia detê-la. Os deuses e reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente⁴⁸.

A revolução industrial é precedida da revolução inglesa do século XVII, em 1688, que limitou severamente o poder dos monarcas, cuja prerrogativa havia sido transferida para o parlamento. Com isso, a burguesia ganhou forças para explorar o capital e tornar possível a transição para um novo modelo econômico.

Para tal, alguns fatores foram essenciais, entre eles: um excedente de capital, que foi investido no maquinário, possibilitando a máquina a vapor e diversos outros equipamentos que diminuíram os custos e aumentaram a produção; um amplo mercado, para que se vendesse esse excedente; abundância de recursos naturais, como o carvão fóssil, que alimentava as máquinas, e algodão para a indústria têxtil, uma das grandes fontes de renda da Inglaterra; e mão-de-obra.

Sobre esses elementos que propiciaram o novo modelo econômico, o historiador Eric Hobsbawm diz que

O primeiro e talvez mais crucial fator que tinha que ser mobilizado e transferido era o da mão-de-obra, pois uma economia industrial significa um brusco declínio proporcional da população agrícola (isto é, rural) e um brusco aumento da população não agrícola (isto é, crescentemente urbana), e quase certamente, (como no período em apreço) um rápido aumento geral da população, o que, portanto implica, em primeira instância, um brusco crescimento no fornecimento de alimentos, principalmente da agricultura doméstica – ou seja, uma “revolução agrícola”⁴⁹.

No final do século XVIII, 80% da Europa vivia e trabalhava no campo. Em 1831, os setores mineiros, industriais e da construção empregam 41% da população ativa e a agricultura conta com 25%⁵⁰, o que evidencia que em pouco tempo a Inglaterra já havia se transformado em uma nação industrial. Em 1871, 44% da população ativa estava na indústria enquanto 15% concentrava-se no campo.

Neste mesmo período, a população da Europa aumenta consideravelmente: eram cerca de 160 milhões em 1750 para se tornar algo entre 210 milhões em

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.82

⁴⁹ Ibidem, p.76

⁵⁰ BEAUCHAMP, Chantal. **Revolução Industrial e Crescimento Econômico no séc. XIX**. Lisboa: edições 70, 1998, p. 48

1800, um aumento de quase 30%⁵¹. O crescimento demográfico aliado a catástrofes naturais gerou uma crise de alimentos por todo continente europeu. A fome devastada o campo. Os camponeses arruinados são obrigados a vender a sua força de trabalho para não morrer de fome. O burguês compra esta mão-de-obra. Os camponeses e artesãos estavam livres da opressão feudal, mas expropriados dos seus meios de produção. A sensação de liberdade dura pouco: o homem não só se escraviza no trabalho, como também nele se aliena.

Os homens tinham que ser atraídos para as novas ocupações, ou – como era mais provável – forçados a elas, pois inicialmente estiveram imunes a essas atrações ou relutantes em abandonar o seu modo de vida tradicional. A dificuldade social e econômica era a arma mais eficiente; secundada pelos salários mais altos e a liberdade maior que havia nas cidades. Por várias razões, as forças capazes de desprender os homens de seu passado sócio-histórico eram ainda relativamente fracas em nosso período, em comparação com a segunda metade do século XIX⁵².

Havia capital, maquinários, demanda e mão-de-obra barata. O novo modelo econômico prosperou e garantiu que a burguesia se firmasse tanto no plano econômico quanto no social. As classes médias começavam a substituir a aristocracia na estrutura do poder. No entanto, o sucesso econômico era insignificante sem o sucesso social. Após o avanço financeiro, a burguesia queria alçar o topo da escala da distinção e implantar seu pensamento no mundo moderno.

A moral dessa nova classe que aparecia pautava-se em valores opostos aos princípios morais mais essenciais do mundo feudal. No lugar do princípio de casta, surgia uma radical individualização, novo código da pequena família burguesa. A colaboração, uma das principais características da economia mundial, dava sinais de morte, e em seu lugar nascia a concorrência. As ideias comunais, por fim, sucumbiram aos princípios da vitoriosa propriedade privada⁵³.

É a partir do final do século XVIII que se tem uma divisão nítida entre privado e público. O privado, que no período feudal era visto de forma negativa, foi revalorizado a ponto de se tornar um sinônimo de felicidade para as classes médias burguesas. A separação entre esses dois campos foi fundamental para o modelo econômico e social dessa nova classe dominante.

Na elaboração desse ideal, é essencial o papel das classes médias, que aí encontraram uma verdadeira identidade. Ele se irradia desse âmbito para as classes

⁵¹ Ibidem, p.19

⁵² HOBBSAWM, Eric J., **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.78 et seq.

⁵³ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papirus, 1999, p.128

operárias, que se pretende moralizar com as virtudes de uma boa dona de casa. Não há dúvida de que o operariado adota tal ideal, mas à sua própria maneira e para os seus próprios fins⁵⁴.

A moral da nova classe burguesa subjuga a esposa como propriedade do marido. E não mais da forma que era entendida no código aristocrático, em que a esposa pertencia ao marido como corpo físico. A mulher passa a ser propriedade do homem também como um ser dotado de personalidade, ou seja, de seu eu espiritual. Em uma intensidade jamais vista, as mulheres ficam presas à esfera privada.

Há uma explicação econômica para tal fato. A revolução francesa, em 1789, ampliou vários direitos para a mulher, como o divórcio e a ocupação de postos que antes eram exclusivos dos homens. Ela mostrou para os homens o perigo que uma inversão da ordem que era tida como natural traria a eles. Associar as mulheres ao espaço privado – e tornar essa associação como natural – era manter o domínio patriarcal e diminuir os impactos sociais que a revolução francesa havia causado.

E a vida mais íntima se encontrava submetida a pressões devido à secularização do casamento, à restrição religiosa, à mobilização em massa; a ordem até então tida como natural se tornava instável. As mulheres podiam se vestir como os homens e pretender lutar na frente militar. Se fossem “infelizes”, podiam pedir o divórcio. A abolição da deferência perante os reis, as rainhas, os nobres e os ricos, parecia pôr em questão a deferência da esposa em relação ao marido, dos filhos em relação aos pais⁵⁵.

Com a nítida separação entre o público e o privado, a sexualidade é relegada em um segundo plano, escondida na esfera privada. Surge um novo momento para a moralidade europeia: o vitorianismo. As mulheres da era vitoriana, período compreendido entre 1840 e 1900, eram seres apáticos e de uma moralidade exagerada. O desconhecimento do próprio corpo era sinal de pureza. Para elas, ficava a obrigação de exercer o papel de esposa e mãe. Para eles, a de prover a família e proteger as mulheres do intercâmbio exagerado com o mundo.

Todavia a Idade Moderna, com todos os seus avanços científicos e revoluções, não abandonou as ideias do velho puritanismo. Ao contrário, funde estas às novas modas intelectuais, formando-se deste modo um sistema moral conveniente com as suas ambições sociais. É o vitorianismo. (...) Nada mais racional para a burguesia do século XIX, do que desenvolver um apego quase desenfreado à privacidade e, ao mesmo tempo, promover uma busca do refinamento dos desejos terrenos. Era a necessidade de conveniências, de autocensura e de preocupações com a moral⁵⁶.

⁵⁴ PERROT, Michelle... [et al], **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.18

⁵⁵ Ibidem, p.52

O vitorianismo consolidou a revolução industrial e o capitalismo. Na era da rainha Vitória, a Inglaterra dominava os mercados externos e controlava as principais rotas navais. É também um período de enorme repressão sexual. E é neste momento que a Inglaterra vive um de seus maiores períodos de prosperidade e paz, conhecido como *Pax Britannica*. Não é coincidência que a dominação com tanto rigor da sexualidade venha acompanhada do desenvolvimento capitalista. O sexo se torna o grande inimigo do trabalho. Era preciso reprimi-lo para converter essa energia em produtividade nas fábricas.

Se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se⁵⁷?

Ora, era preciso adequar a sexualidade ao modelo de trabalho. Os trabalhadores se submetiam a jornadas de trabalho massacrantes, que duravam doze, catorze horas sem direito a descanso. O ambiente das fábricas era insalubre. Voltavam do trabalho esgotados e tinham de se preparar para uma nova jornada no dia seguinte, pois o salário era tão baixo que não havia escolha além de se submeter àquela rotina.

Em primeiro lugar, todo operário tinha que aprender a trabalhar de uma maneira adequada à indústria, ou seja, num ritmo regular de trabalho diário ininterrupto, o que é inteiramente diferente dos altos e baixos provocados pelas diferentes estações no trabalho agrícola ou da intermitência autocontrolada do artesão independente. A mão-de-obra tinha também que aprender a responder aos incentivos monetários. (...) A resposta foi encontrada numa draconiana disciplina de mão-de-obra (multas, um código de “senhor e escravo” que mobilizava as leis em função do empregador etc.), mas acima de tudo na prática, sempre que possível, de se pagar tão pouco ao operário para que ele tivesse que trabalhar incansavelmente durante toda a semana para obter uma renda mínima⁵⁸.

A moral da época enaltecia o trabalho duro enquanto restringia a prática sexual para fins de procriação. Subjugar a mulher ao lar era restringir os avanços sociais que elas haviam conquistados com a revolução francesa e manter uma ordem patriarcal. Promover a separação do espaço público e do privado era consolidar o direito à propriedade privada, base do capitalismo. E a enorme repressão sexual – reduzindo a sexualidade a uma sexualidade heterossexual,

⁵⁶ CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papirus, 1999, p.136

⁵⁷ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade v.1**. São Paulo: Graal, 2003, p. 11

⁵⁸ HOBBSAWM, Eric J., **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p.79

fundada no matrimônio e para fins de procriação – garantiria um melhor desenvolvimento no trabalho.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada; muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. (...) no espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos⁵⁹.

O exagero da moralidade chegava ao ponto de se proibir consultas ginecológicas a não ser em extrema necessidade. A menstruação era um assunto proibido. A mulher vitoriana, submissa ao marido, era reprimida quanto à instrução, à fisiologia e ao prazer. Elas acabavam se dedicando a uma série de frivolidades e sentiam prazer ao negar o prazer do corpo. Essas moralidades, no entanto, eram adequadas às diferentes necessidades dos gêneros e das classes sociais. O papel da mulher como “anjo da casa” ou “rainha do lar” cabia perfeitamente às esposas da classe média. Às mulheres pobres não havia escolha: era preciso trabalhar. Entre a necessidade e a moralidade, encontrou-se um modelo híbrido que atendesse à moral burguesa.

No começo da década de 1840, para tomar apenas um exemplo, o receio da burguesia quanto ao emprego de mulheres em ofícios incompatíveis com sua natureza manifestou-se com relação ao trabalho feminino nas minas. Já estava bem assente que uma burguesa que trabalhasse para ganhar dinheiro não era feminina. No caso das mulheres pobres, as normas eram um pouco diferentes. As mulheres podiam ter um ofício, se fosse um prolongamento de seu papel feminino “natural”. Não se considerava inconveniente que as empregadas domésticas limpassem, cozinhassem e cuidassem das crianças. O ofício de costureira ou de modista também era compatível, da mesma forma que as profissões ligadas à alimentação. Mas certos ofícios executados por mulheres eram considerados totalmente incompatíveis com a natureza delas, principalmente se fossem exercidos em um ambiente misto⁶⁰.

Essas mesmas modificações valeram para os homens principalmente. As esposas eram de tão forma puras, santas e castas que a ideia de buscar satisfação sexual com elas provocava inibição e repulsa. Vigorava à época uma tese de Santo Agostinho que dizia que o sexo que era feito no paraíso era frio e mecânico, desprovido de prazer. E que assim que deveria se dar no matrimônio. Era

⁵⁹ FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade** v.1. São Paulo: Graal, 2003, p. 9

⁶⁰ PERROT, Michelle... [et al], **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 81.

aconselhado então – até pelos médicos⁶¹ – que se procurasse prostitutas para cumprir tal necessidade fisiológica.

Com a transformação das esposas em guardiãs da moralidade, os homens apelavam para a prostituição, que cresceu vertiginosamente no período vitoriano. Não demorou muito para uma onda de doenças venéreas invadir novamente o mundo cristão – como havia acontecido no século XV. Com medo da infecção em massa, os governos adotaram diversas medidas para coibir a prostituição. Os maridos tiveram de voltar ao lar matrimonial.

Ao fim do século XIX, várias modificações sociais emergiram em decorrência do modelo econômico. As ideias de Engels e de Marx espalham-se, e o capitalismo forte e soberano começa a ser questionado. A exploração da mão-de-obra, que mantinha sua renda em nível de subsistência, criava conflitos com o proletário, que culpava e destruía as máquinas em protesto. Liberais e radicais ganhavam forças com seus conceitos de democracia e de república. Isso transforma também a estrutura da família e seu comportamento. O modelo econômico que sufocava e reprimia estava sendo modificado. Mas o longo século XIX só terminaria em 1914, com a explosão da primeira guerra mundial⁶².

⁶¹ TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.377

⁶² Adotamos aqui a interpretação de Eric Hobsbawm a respeito do século XIX, período que, para ele, vai de 1789 a 1914.

3. CÁRCERE DE MODELOS E DESEJOS: A SEGUNDA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A CULTURA DE MASSA.

3.1 O ponto de partida para um novo modelo econômico

A partir de 1880, a economia da Inglaterra sofre uma estagnação. O modelo de capitalismo da maior potência do século XIX declina por conta de sua política de comércio livre, que fez o investimento no exterior ser mais vantajoso, diminuindo consideravelmente o emprego dentro da ilha. Soma-se a isso a precocidade da revolução industrial britânica; o protecionismo tarifário das outras nações, que dificultava as exportações e reforçava as rivalidades entre elas; e as greves e revoltas da classe operária, que exigia melhores condições de trabalho e de renda. Tem-se aí a crise.

Já as outras nações europeias industrializadas e os Estados Unidos apresentavam índices de crescimento econômico superiores aos do Reino Unido e ganhavam cada vez mais espaço no mercado mundial. Em 1900, os EUA já detinham 30,1% da produção industrial do mundo, enquanto o Reino Unido era responsável por 19,5% e a Alemanha por 16,6%. Treze anos depois, a Alemanha ultrapassa a Grã-Bretanha e se torna a segunda maior potência industrial, com 15,7% da produção, enquanto os Estados Unidos continuavam em primeiro com 35,8%.

Essas novas potências industriais que emergem a partir de 1880 começam a buscar novos territórios, fora da Europa, para expandir sua produção e aumentar a riqueza. Instala-se uma disputa econômica e política entre essas nações, que tem seu ápice na 1ª Guerra Mundial. Em 1898, ocorre uma grave tensão entre França e Inglaterra por conta de uma região disputados por ambos no Nilo. Mais tarde, a Alemanha rivaliza com a França duas vezes por conta de Marrocos. As crises e conflitos regionais se tornam mais graves com o passar do tempo, e o imperialismo

vigente à época – que além da disputa colonial desperta um nacionalismo exacerbado – acentuava as rivalidades.

O motivo era que essa guerra, ao contrário das anteriores, tipicamente travadas em torno de objetivos específicos e limitados, travava-se por metas ilimitadas. Na Era dos Impérios a política e a economia se haviam fundido. A rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites. (...) Mais precisamente, para os dois principais oponentes, Alemanha e Grã-Bretanha, o céu tinha de ser o limite, pois a Alemanha queria uma política e posição marítima globais como as que então ocupava a Grã-Bretanha, com o conseqüente relegamento de uma já declinante Grã-Bretanha a um status inferior. Era uma questão de uma ou outra. Para a França, então e depois, os objetivos do jogo eram menos globais, mas igualmente urgentes: compensar sua crescente e aparente inevitável inferioridade demográfica e econômica frente à Alemanha⁶³.

O crescimento vertiginoso, porém tardio da Alemanha implica em uma nova divisão das colônias, que já estavam partilhadas. A nação germânica era detentora de um enorme poder econômico, mas possuía pouca força externa. A crise diplomática começa com a desconfiança da Inglaterra e da França, que viam na Alemanha um fator de desordem. O fator derradeiro para a crise e a conseqüente guerra é o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, em junho de 1914. Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia. A Alemanha apóia a declaração e a os russos apóiam os servos. A partir daí, surge um jogo automático de alianças que culmina na 1ª Grande Guerra. Esta disputa – que parecia ser a solução para todas as dificuldades econômicas e políticas externas e internas, mas que acaba por ser tornar um problema tão grande a ponto de criar uma nova hierarquia na Europa e no mundo – marca o fim do século XIX.

Nas suas origens, a Grande Guerra é a última conflagração do século XIX, uma vez que exprime os contenciosos acumulados ao longo das décadas passadas. A fatalidade do conflito sai da cronologia, espécie de máquina infernal; o seu absurdo transparece no balanço demográfico e no apagamento definitivo da Europa; mas, pelas suas conseqüências a médio e a longo prazo, a Primeira Guerra mundial é o berço do século XX. Pois não é ela que dá à luz o comunismo e o fascismo, a inflação e as desvalorizações, a instabilidade e a procura desesperada de uma ordem mais ou menos mitificada?⁶⁴

O declínio da Inglaterra e a ascensão dos Estados Unidos ao posto de maior potência industrial evidenciam a falência do modelo britânico de exploração capitalista. A segunda revolução industrial surge da adaptação desse modelo às necessidades emergentes. Se na Inglaterra havia mais mão-de-obra que recursos,

⁶³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.37

⁶⁴ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.49 e seq.

na América, a falta de trabalhadores força os empresários a utilizar cada vez mais máquinas e a exigir mais produtividade de seus empregados. A nova revolução surge com o nascimento da economia-mundo americana, que, por meio de *pools* e *trusts*, mobiliza capital para investir em conhecimento científico.

O século XX leva ao extremo a dinâmica de acumulação própria do capitalismo: a acumulação de bens imateriais acelera-se, uma vez que de 1890 a 1910 são inventariadas 19 descobertas fundamentais, de 1910 a 1930 umas trinta e outras tantas desde essa altura. A dinâmica das invenções condiciona a inovação, fator de crescimento aparentemente sem limites dos bens de produção e de consumo. Uma vez satisfeitas as suas necessidades primordiais, o homem, dispondo de um instrumento produtivo cada vez mais aperfeiçoado, pode “possuir”. (...) Tudo contribui para a civilização material da abundância, do crédito ao consumo, da publicidade, da instauração dos lucros de transferência que desligam o salário do trabalho e do capital⁶⁵.

Entre as invenções mais importantes no período anterior à Primeira Guerra estão a luz incandescente, o cinema, a aviação, os raios-X, a psicanálise, a física quântica. Esses inventos proporcionaram um admirável mundo novo. O homem realiza o sonho de Ícaro, se comunica a distância, guarda o som em uma caixa de cera, vê a fotografia em movimento. Nasce a Era da Eletricidade e com ela todos os sonhos são possíveis para quem tem uma ideia na cabeça e um grupo de investidores no bolso.

Mas talvez a mais revolucionária e impactante invenção tenha sido o automóvel. Ele é mais que um meio de transporte. Origina um novo mercado e reestrutura a organização do trabalho, modifica as bases econômicas e sociais e dá origem a novos comportamentos e costumes. No início, sua produção era artesanal e escassa. Até o desenvolvimento do modelo T da Ford, em 1908, marco da história automobilística. É um veículo barato, seguro, simples de dirigir e que funcionava a base de qualquer produto que produzisse combustão. É a partir desse modelo que, em 1913, Henry Ford desenvolve um sistema de produção que revoluciona a economia e a sociedade: o fordismo.

O novo processo de produção consiste no trabalho em cadeia. O produto percorre a linha de montagem enquanto cada operário fica parado em sua estação cuidando de uma parte específica. Isso estandarizou a produção, reduziu a necessidade de qualificação de mão-de-obra e diminuiu consideravelmente os custos. O tempo de circulação da esteira era o tempo para se produzir cada

⁶⁵ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 10

automóvel. A ideia veio do abatedouro de porcos: Ford queria adaptar a organização do trabalho ao processo reverso de se abater e dismantelar o animal. Enquanto no matadouro se desmontava um organismo completo por setores enquanto o animal abatido desfilava em uma esteira, na fábrica se montaria um organismo completo da mesma forma.

Além desse novo modelo de trabalho, que se manteve vigente até 1980, com o toyotismo, Ford reduziu o preço de venda dos seus automóveis e aumentou o salário dos funcionários de três para cinco dólares. Não era altruísmo: o dono da Ford Motors queria evitar uma crise provocada pela alta produção e baixo consumo. Aumentar a remuneração dos operários era garantir o consumo de mais carros. E foi exatamente isso que aconteceu. Em 1909, antes desse novo modelo, o preço do automóvel era 900 dólares. Sete anos mais tarde, custava 345 dólares.

Esses resultados fizeram que outras grandes empresas adotassem o mesmo modelo de produção. Com isso, surgiram as primeiras linhas de crédito e de financiamento, proporcionando maior poder de compra para a população. A sociedade americana passa a se basear no consumo. É o começo de uma nova era.

O novo meio de transporte transforma, pois, uma das características essenciais das sociedades industriais: à poupança exaltada no passado, garantia de uma moral do esforço, sucede o consumo-fruição sustentado pelo crédito. Assim, por uma completa inversão, já que não é a oferta que se torna o fator essencial do crescimento, mas a procura que dinamiza o rendimento global e permite a elevação do nível de vida⁶⁶.

Esse novo modelo econômico garantiu aos Estados Unidos o posto de grande potência econômica. Já a Europa estava devastada com a guerra, que destruiu 10 milhões de vidas, acabou com indústrias e arruinou a economia. Os americanos estavam no poder agora. E do novo modelo econômica nasceria um novo modelo cultural.

3.2 O nascedouro de uma nova era

⁶⁶ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.469

Com o fim da primeira guerra, uma nova ordem política se estabeleceu no mundo. As mulheres, que entraram no mercado de trabalho com a primeira guerra, já ganhavam poder para tornar possível uma reivindicação antiga: o direito ao voto. Reay Tannahill narra que em 1866 George H. Williams, um senador americano do estado de Oregon, havia afirmado que só depois que as mulheres

Começarem a navegar pelo oceano e empurrar o arado; quando elas gostarem de ser acossadas e cercadas por todos os tipos de homem nas vias públicas do comércio e do mundo dos negócios; quando elas amarem a traição e o torvelinho da política; quando elas amarem a devassidão do campo de luta, o fumo dos ribombos e o sangue da batalha, mais do que amam os afetos e as alegrias do lar e da família, então será tempo de falarmos sobre as tornarmos eleitoras⁶⁷.

A guerra exigia um aumento na produção de armamentos, comidas, vestimentas etc. A indústria precisava contratar mais – só que grande parte dos homens que detinham a força de trabalho estava nos campos de batalha. As mulheres foram chamadas para ocupar esses postos de trabalho, o que deu a elas um limitado poder econômico, mas que possibilitaria a sua busca por direitos.

As mulheres foram as grandes vencedoras da primeira guerra – se é que se pode dizer que houve vencedores, tamanha atrocidade da batalha. Com seu fim, elas adquiriram importantes direitos políticos e seu acesso à educação e sua entrada no mercado de trabalho progrediram. Entre 1918 e 1920, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Áustria, Irlanda, Holanda dão às mulheres plena capacidade política. Pouco tempo depois, outros países acompanham o processo. O Brasil, por exemplo, teve sua primeira eleitora em 1927 e sua primeira prefeita em 1928, na cidade de Lajes, Rio Grande do Norte. É o resultado de uma caminhada política que data da revolução francesa e que foi constantemente freada pela classe dominante.

O fim da guerra é também um período para reconstrução das nações. A queda brusca na taxa de natalidade e na população economicamente ativa, a volta dos homens da guerra para as fábricas e o aumento do salário feminino acabam por desencadear um novo ataque ideológico para forçar o retorno ao lar.

Fortalecida com o apoio da igreja, uma política familialista toma como alvo privilegiado o trabalho das mulheres, e especialmente o das mulheres casadas. Desse trabalho nasce todo o mal, a ele é imputada a queda da natalidade, a mortalidade infantil, a desagregação do lar, a degenerescência dos costumes e a abdicação dos pais face à educação dos filhos. Trata-se de uma luta cerrada e em dois registros simultâneos. Um

⁶⁷ TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 422

radical e repressivo: a proibição pura e simples; o outro educativo e positivo: a revalorização do trabalho doméstico⁶⁸.

Apesar da capacidade política adquirida, as mulheres continuavam majoritariamente donas de casa. Às esposas que retornam ao lar – e às que sequer saíram dele – o novo modelo econômico impôs diversas mudanças em sua vida. É o taylorismo que invade a vida doméstica. A nova esposa tem de adotar em sua casa os mesmos princípios da produtividade e da eficácia que já são comuns nas fábricas. Ela é a administradora do lar, que tem à sua mão uma série de utensílios domésticos recém criados para que economize tempo a ser utilizado em outras atividades. Surgem cursos e escolas para intensificar e a educação doméstica. Os conceitos da indústria são ingressados no lar e a mulher se torna uma operária doméstica.

Mas a principal arma ideológica para colocar as mulheres, principalmente as americanas, de volta ao universo doméstico é Hollywood. À nova mulher, passa a ser exigido, além de destreza e economia no lar, um cuidado com a aparência. Nota-se uma tendência à uniformização da aparência feminina e do próprio ideal de feminino.

Foi Hollywood, desde os dias em que sua popularidade se disseminou – nos anos 20 – até a televisão solapar sua influência nos anos 50, que da maneira mais consistente, conscienciosa e na moda, sustentou a imagem do casamento como o objetivo natural da mulher, a culminação romântica de sua vida. Muitas mensagens foram vendidas ao público, antes e desde então, mas nunca nenhuma o foi tão efetivamente como a mensagem hollywoodiana do glamour, romance e casamento. Muito depois que a “mulher moderna” se libertou das ideias e hábitos de sua avó vitoriana, Hollywood continua a condicioná-la à crença de que o lugar e o destino da mulher estavam no lar. Não porque, como no passado, inexistissem opções para ela, mas porque essa mulher estava atada lá, pelo mágico poder do amor⁶⁹.

É do século XIX o nascimento da publicidade, fruto da concorrência e do livre mercado que surgiram com a revolução industrial. Além disso, a criação de uma economia de mercado e de um público consumidor acabaram por gerar uma demanda cultural, logo incorporada à indústria.

3.3 A indústria cultural

⁶⁸ LAGRAVE, Rose-Marie. **Uma Emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 508.

⁶⁹ TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 438

3.3.1 Os novos tempos

É a partir da segunda metade do século XIX, com o capitalismo liberal, com uma economia de mercado e uma sociedade de consumo que surgem os meios de comunicação em massa. O jornal, o rádio e o cinema nascem com o intuito de informar, mas acabam se tornando também acessórios da indústria.

Assim, a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. É esta, através das alterações que produz no modo de produção e na forma do trabalho humano, que determina um tipo particular de indústria (a cultural) e de cultura (a de massa), implantando numa e noutra os mesmos princípios em vigor na produção econômica em geral: o uso crescente da máquina e a submissão do ritmo humano de trabalho ao ritmo da máquina; a exploração do trabalhador; a divisão do trabalho⁷⁰.

Marx disse que a produção cria o consumidor. Ela produz tanto um objeto para um sujeito quanto um sujeito para o objeto. A indústria cultural reforça essa ideia. Ela surge com as transformações econômicas advindas do taylorismo e do fordismo. O trabalhador deixa de receber apenas o equivalente a sua subsistência para se tornar também um consumidor, tanto de produtos quanto de ideias. Com isso, o operário não é somente alienado do produto de seu trabalho, por receber uma quantia insuficiente para comprar aquilo que produz, ele é alienado da própria vida, por não dispor de instrumentos sociais que possibilitem sua inserção na sociedade e por não ter sequer tempo livre para tanto.

Ele passa a receber o suficiente apenas para comprar bens inferiores ao das classes mais abastadas. Acabam sendo oferecidos simulacros de produtos, especialmente na cultura. O folhetim no lugar do romance, o teatro de revista no lugar do teatro, e assim por diante.

Surge entre os veículos de comunicação, por exemplo, o *pennypress*, jornal de custo irrisório, que contém notícias sobre celebridades, escândalos com homens públicos, tragédias, folhetins e *faits divers*. Ele não tem por objetivo informar a população acerca dos temas mais relevantes, e sim de divertir, entreter. No

⁷⁰ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 10.

entanto, uma grande parcela da população era analfabeta. O alcance dos meios de comunicação só se torna irrefreável na Era da Eletrônica, com o cinema e o rádio.

A primeira exibição feita pelos irmãos Lumière em dezembro de 1895 choca os presentes, que veem não só a descoberta científica, mas a capacidade que ela tem para espantar e surpreender. Mais tarde, o invento se tornaria uma indústria de construção de sonhos – e de valores e ideais.

Louis e Auguste inovam menos pela sua contribuição técnica – um processo de arrastamento periódico da película tirado do funcionamento da máquina de costura – do que pela sua vontade de seduzir um público que paga o direito de entrada. Com eles, as imagens animadas saem do campo reservado dos cientistas para conquistarem as massas, fazê-las sonhar, mostrar as coisas furtivas... Não é um acaso se o cinema, contemporâneo da aviação, do automóvel e da eletricidade é também contemporâneo dos primeiros trabalhos de Freud sobre a psicanálise e da reflexão do filósofo Bergson sobre o movimento e a imobilidade⁷¹.

O cinema diverte multidões a preços baixíssimos (no século XX, ao menos) e proporciona um distanciamento da realidade. Esse distanciamento é fundamental característica de um produto da indústria cultural. O produto de massa reforça o prazer, o que é importante para a indústria, na medida em que o bem estar do trabalhador acarreta ganho em produtividade. Bem disposto, ele pode render mais. Cria-se um produto que distraia, que divirta suas atenções dos problemas reais que o afligem. Ele se projeta no outro para que não lembre de si, e no dia seguinte retorne ao trabalho – seja uma fábrica ou uma repartição pública – bem disposto.

Além disso, Theodore Adorno diz que o prazer é uma incorporação tácita dos valores que são passados. Ao adquirir bens de consumo que divirtam, o consumidor incorpora para si a ideologia burguesa. Ele não questiona a ordem vigente, tampouco a exploração em que é submetido.

Divertir-se significa concordar; (...) significa sempre: não ter de pensar, esquecer a dor, inclusive quando ela é mostrada. Em sua base está a impotência. Com efeito, é um fuga: não, como pretende, fuga da terrível realidade, mas do último pensamento de resistência que a realidade ainda pode ter deixado. A liberação prometida pelo amusement é a do pensamento como negação⁷².

O homem massificado está condenado a um círculo vicioso. Ele aceita aquilo que lhe é imposto – e que não vê como imposto – por não dispor de instrumentos que possibilitem sua compreensão e não possui tais instrumentos por não ter nem renda nem tempo livre para tanto. Mauro Wolf diz que “o espectador, mediante o

⁷¹ NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p.39

⁷² WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 77

material que observa, é continuamente colocado na condição de assimilar ordens, prescrições e proscições sem saber⁷³.

É importante ressaltar que cultura é também uma indústria, e por conta disso adota os mesmos sistemas de produção. Os motivos são econômicos. A padronização e fabricação em série diminuem custos. E quanto maior o público potencial, maior a renda potencial. A justificativa para a própria ideologia propagada é também econômica, com a manutenção da ordem. A indústria cultural age dessa forma porque ela responde ao lucro. Suas perversidades derivam desse fato.

No entanto, aliada a essa necessidade, tem-se a exigência por parte do público – especialmente ao se tratar de produto cultural – de algo novo, diferente. A cultura de massa trabalha então com arquétipos, com uma fórmula que pareça ser diferente, mas que é igual em princípio. “Quanto mais a indústria cultural se desenvolve, mais ela apela para a individualização, mas tende a padronizar essa individualização⁷⁴”.

A concentração técnico-burocrática pesa universalmente sobre a produção cultura de massa. Donde a tendência à despersonalização da criação, à predominância da organização racional de produção (técnica, comercial, política) sobre a invenção, à desintegração do poder cultural. No entanto, essa tendência exigida pelo sistema industrial se choca com uma exigência radicalmente contrária, nascida da natureza própria do consumo individual, que sempre reclama um produto individualizado, e sempre novo⁷⁵.

3.3.2 *A nova Práxis*

O entretenimento contamina a informação. Os veículos de midiáticos acabam por se nivelar por baixo por conta disso, já que também dependem de renda para sobreviverem. Os efeitos da cultura de massa são visíveis também em outras formas de cultura. Isso porque a incitação ao prazer que ela traz a quem consome

⁷³ WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 82

⁷⁴ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX, Vol. 1: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 31.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 25

é tão poderosa a ponto de se tornar fundamental. Como uma droga, o prazer que advém da fuga, da diversão, vicia. Em uma estrutura social em que o tempo livre se torna cada vez mais escasso, o divertimento acaba por se tornar uma necessidade fisiológica.

Simplificação, maniquização, atualização, modernização concorrem para aclimatar as obras de “alta cultura” na cultura de massa. Essa aclimação por retiradas e acréscimos visa a torná-las facilmente consumíveis, deixa mesmo que se introduzam nelas temas específicos da cultura de massa, ausentes da obra original como, por exemplo, o happy end⁷⁶.

A cultura de massa reforça tanto o prazer quanto o consumo. Sua produção é despersonalizada, mas cria-se a ideia de que determinado produto é genuíno ou individualizado. A indústria cultural visa sempre a manutenção da ordem, em que ela é dominante. Para isso, se apropria do mundo, destituindo ideologia, individualidade e aplicando um denominador comum, aprazível a todos.

A cultura de massa é imposta do exterior ao público (e lhe fabrica pseudonecessidades, pseudo-interesses) ou reflete as necessidades do público? É evidente que o verdadeiro problema é o da dialética entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores⁷⁷.

Edgar Morin insere a cultura de massa como produto da dialética produção-consumo, estabelecida no centro de outra dialética, a global, que é a da sociedade como um todo.

3.3.3 *O novo corpo*

Para estimular o consumo, a indústria cultural associou o erotismo feminino com o próprio movimento do capitalismo moderno. Para Morin, o dinheiro, sempre insaciável, se dirige ao Eros, sempre subnutrido, para estimular o desejo, o prazer e o gozo, chamados e entregues pelos produtos lançados no mercado.

Tem-se início à expansão vertical do capitalismo, que invade o reino dos sonhos, acorrenta a libido e domestica o Eros. A cultura de massas mergulha nas profundezas do mundo onírico da libido, o que faz com que o Eros entre no circuito

⁷⁶ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 55

⁷⁷ Ibidem, p. 47

econômico. Dotado de poder industrial, o instinto de vida desaba sobre a civilização.

Morin diz que ao utilizar o desejo e o sonho como ingredientes no jogo da oferta e da procura, o capitalismo impregnou a vida humana de um onirismo e de um erotismo difusos mais que a reduziu ao materialismo. Essa técnica de estimular o consumo por meio da libido, instalou uma relação dúbia, já que as mulheres e homens se tornam ao mesmo tempo sujeitos e objetos.

Foi dito, e Lo Duca também o disse, por sua vez, que essas técnicas de erotismo transformavam a mulher em objeto. A mulher-objeto, objeto de divertimento, de prazer e de luxo, seria, de algum modo, a vítima do cinismo desfrutador do homem. Mas, de fato, o reino da mulher-objeto é a outra face do reino da mulher-sujeito⁷⁸.

Importante ressaltar que tanto na publicidade voltada para o público masculino quanto na direcionada às mulheres, é o corpo feminino que é erotizado. No primeiro caso, numa incitação da libido; no segundo, uma incitação narcisística e identificatória.

Essas imagens que provocam o desejo masculino ditam à mulher suas condutas sedutoras. Constituem os modelos junto aos quais ela irá buscar seus poderes. As imagens mais fortemente erotizadas são da publicidade dos produtos de beleza que se destinam diretamente às mulheres consumidoras, a fim de lhes propor conquistas e vitórias. É para submeter que a mulher se submete ao ideal de sedução e aos figurinos-modelos do erotismo padronizado⁷⁹.

O culto ao corpo jovem retirou da velhice a sua autoridade. A experiência dos idosos, frente aos novos ideais, é vista como anacronismo e a sabedoria dos mais velhos é um disparate. O que conta, diz Morin, não é mais a experiência acumulada, mas a adesão ao movimento.

Assim a cultura de massa desagrega os valores gerontocráticos, acentua a devalorização da velhice, dá forma à promoção dos valores juvenis, assimila uma parte das experiências adolescentes. Sua máxima é “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado, de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela verifica a lei do retardamento contínuo do bolk, prolongando a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice⁸⁰.

⁷⁸ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 122

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 156

3.3.4 Os novos deuses

A imprensa de massa reforça a imagem das celebridades do cinema, das novelas e da música a ponto de mitificá-las em deuses. E o faz de um jeito muito peculiar, porque ao mesmo tempo em que eleva esses – *os olímpianos* –,⁸¹ a uma esfera supra-humana, a mídia se apodera de suas vidas particulares para retirar delas o elemento humano que possibilita a identificação.

Morin diz que a cultura de massa, como toda cultura, elabora modelos e normas. A diferença é que essa cultura é estruturada segundo a lei do mercado, sem prescrições impostas, apenas imagens ou palavras que fazem apelo à imitação, com incitações publicitárias. Esses modelos propostos são eficazes porque corresponderem às aspirações e às necessidades que se desenvolvem realmente. Esses novos deuses, criados pela grande imprensa, se originam da fusão do imaginário para o real.

A informação transforma esses Olímpios em vedetes da atualidade. Esse novo Olimpo é, de fato, o produto mais original do novo curso da cultura de massa. As estrelas de cinema já haviam sido anteriormente promovidas a divindades. O novo curso as humanizou. Multiplicou as relações humanas com o público. Elevou ao estrelato as cortes reais, os playboys e até certos homens políticos. Desde que as estrelas inaccessíveis e sublimes do cinema desceram para a Terra, desde que as cortes se transformaram em Triânicos da cultura de massa, a vida dos olímpianos participa da vida cotidiana dos mortais. Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianos e olímpianos são sobre-humanos nos papéis que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam⁸².

Morin diz que ao mesmo tempo em que esse Olimpo de novos deuses domina a cultura de massa, ele se comunica, por meio dela, com a humanidade. Isso porque a identificação é fundamental, já que cria a ideia de que tal status é possível de ser atingido pelas pessoas comuns e o elemento de separa uns dos outros é justamente a aceitação às normas da indústria cultural. Consumida esteticamente, a cultura de massa desenvolve também uma práxis e uma mitologia.

⁸¹ Morin utiliza um termo utilizado inicialmente por Henri Raymond

⁸² *Ibidem*, p. 105

3.3.5 *A nova religião*

A cultura de massa consegue arrancar para si grande parte do poder que antes era relegado à religião. Isso é possível ao assumir uma postura muito similar à religiosa, mas de caráter antecipatório: promete o prazer e a satisfação eternos na vida mundana para aqueles que cumprirem seus mandamentos. Para Morin, a essência da promessa é a mesma: a salvação.

A cultura de massa é um embrião de religião da salvação terrestre, mas falta-lhe a promessa da imortalidade, o sagrado e o divino, para realizar-se como religião. Os valores individuais por ela exaltados – o amor, felicidade auto-realização – são precários e transitórios; o indivíduo terrestre e mortal, fundamento da cultura de massa, é ele próprio o que há de mais precário e transitório; essa cultura está comprometida com a história em movimento, seu ritmo é o da atualidade, seu modo de participação é lúdico-estético, seu modo de consumo é profano, sua relação com o mundo é realista. A contradição – a vitalidade e a fraqueza – da cultura de massa é a de desenvolver processos religiosos sobre o que há de mais profano, processos mitológicos sobre o que há de mais empírico. E inversamente: processos empíricos e profanos sobre a ideia-mãe das religiões modernas: a salvação individual⁸³.

Com isso, Morin explica que o imaginário não mais se projeta no céu, mas na própria terra. Os deuses são as estrelas, são as celebridades estampadas nas capas de revistas; os demônios são os criminosos nas páginas policiais e nos noticiários da TV. Todos eles estão entre nós, tem nossas origens, são mortais. Nesse sentido, ele diz que a cultura de massas é realista. Essa nova dinâmica possui um efeito prático que dá ainda mais força a indústria: não se promete apenas um lugar entre esses deuses – ou olímpianos –, mas a oportunidade de se tornar um deus também.

Os conceitos reforçados pela cultura de massa têm poder de mandamento, e cada vez mais a religião mundana ganha espaço no mundo, oferecendo respostas para nossas angústias e substituindo os sofrimentos de nossas vidas por uma esperança de eterna felicidade. É, portanto, um trabalho com direções inversas. Se por um lado esses sócias vivem em nosso lugar, soberanos, eles nos servem de consolo para a vida que nos falta, de distração para a vida que foge da nossa escolha; de outro, incitam-nos à imitação, dão o exemplo da busca da felicidade. Estrelas criadas da noite para o dia passam a ideia de que é possível para os

⁸³ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 167

mortais a ascensão ao reino dos deuses. Por um lado, a cultura de massa alimenta a vida; por outro, atrofia-a.

3.4 A revolução feminina

Apesar da conquista do direito ao voto, as mulheres ainda não tinham declarado sua independência. Suas aspirações profissionais foram freadas e relegadas ao período entre a escola e o casamento. Tanto a primeira quanto a segunda guerra mundial possibilitaram o ingresso no mercado de trabalho, mas foram desestimuladas assim que os homens retornavam a seus postos: a hora da mulher voltar para o lar, de ser feliz no matrimônio. É do período pós-guerra o baby-boom, a reafirmação do papel histórico de parideira, só que desta vez com adjetivos como *rainha do lar*, *dona de casa*. Foi só na década de 60 que as mulheres começaram a perceber que a conquista do voto foi apenas simbólica. A revolução ainda estava por vir, tão certa como as iniciativas para impedi-la ou minimizá-la.

Ninguém, contudo, as encorajou a querê-la. Então, choviam sobre elas todos os novos brinquedos e diversões da era pós-guerra. Cosméticos, roupas leves, jóias baratas, discos de vitrolas, férias à beira-mar, salões de dança, restaurantes, cafés, salas de chá e, acima de tudo, o cinema, conspirando para absorver o breve poder de gastar daquelas cujas vidas profissionais, segundo se esperava, durariam apenas os poucos anos entre o colégio e o casamento. Durante mais de 5000 anos, os homens tinham possuído as mulheres e as mulheres haviam sido possuídas pelos homens, de maneira que seria preciso mais que do que um voto e um salário, para que fosse quebrado o hábito do casamento⁸⁴.

Primeiro porque a ideia vendida pela igreja e por uma Hollywood com resquícios de vitorianismo não condizia com a realidade do matrimônio. Os casais – principalmente os mais novos, que acreditavam na promessa do amor eterno vendida pelo cinema, pelas revistas, pela religião – se depararam perdidos e isolados ao lidar com um período que marcava a falência das velhas tradições. No lugar da eterna alegria, havia tédio, tédio infindável. Os filhos eram um problema que causava tensões financeiras e brigas, muitas brigas.

⁸⁴ TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 438

Mesmo assim, o medo do divórcio, que era visto como um fracasso da mulher, era maior que o medo de uma vida infeliz. O baby-boom definitivamente não significava a felicidade do lar. Os relatórios de Alfred Kinsey mostravam que 40% dos homens eram infiéis e que 70% tinham visitado prostitutas. Além disso, um sexto dos homens do campo já havia tido relações zoofílicas.

Só em meados dos anos 60 que a situação começou a mudar. Os responsáveis por ela foram justamente os filhos do baby-boom, que negaram os costumes e os modos de vida dos seus pais, predominantemente infelizes. É a geração Hippie, é a geração de maio de 68, são os beatniks, que se rebelaram contra a ortodoxia política, social e sexual dos seus pais. Nos Estados Unidos de 65, havia um divórcio para cada quatro casamentos. Em 77, um divórcio para cada dois casamentos⁸⁵. Por conta da nova revolução social, nasce um culto à juventude (em 65, um quarto da população americana tinha menos de 20 anos), embasada pelos pais que sentiam que desperdiçaram sua vida na guerra, e pelos filhos, que não queriam cometer os erros dos pais.

No passado, muitos casamentos insatisfatórios haviam sobrevivido porque as mulheres se apegavam a eles, mas em meados dos anos 70, isto deixou de ser verdadeiro. O movimento feminista, que começou efetivamente com a fundação da Organização Nacional em prol das Mulheres, em 1966, com direção e estilo especiais, pela necessidade de competir por atenção política, juntamente com os direitos civis e campanhas contra a guerra do Vietnã, foi uma proposta muito diferente do anterior movimento sufragista. E uma razão de peso foi que, onde a permissão de votar e ganhar a vida falham em modificar o conceito das mulheres sobre si mesmas, aconteceu espetacularmente um único desenvolvimento médico dos anos 60⁸⁶.

A pílula anticoncepcional foi determinante no processo da revolução feminina. Ela finalmente libertou as mulheres – depois de milênios se arriscando em técnicas anticoncepcionais perigosas e falhas – do estigma de ser mãe. A maternidade seria uma escolha, não uma conseqüência. A pílula abre caminho para a independência sexual, para a afirmação do corpo, da sexualidade. O sexo é retirado do domínio público e devolvido ao domínio privado, depois de um controle cristão que começou com Santo Agostinho, no século IV d.C.

Desse processo, multiplica-se a literatura sobre o assunto. Antes restrito a alguns círculos sociais, o sexo vira assunto indispensável, discutido à demasia.

⁸⁵ TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 441

⁸⁶ Idem.

Proibido, agora, é não falar de sexo. As revistas femininas são determinantes, tanto para abrir a discussão quanto para desviá-la para o outro caminho.

Se todas as tentativas de reestrutura da ordem econômica e da ordem social foram combatidas e minimizadas, com a revolução feminista não seria diferente. A indústria cultural se apoderou da revolução, abriu caminho para que se discutissem determinados assuntos e não se discutissem outros.

O processo de massificação, que a indústria exerce sobre a cultura, retira o caráter ideológico, porque ser este de ruptura, e incorpora somente elementos que sejam comuns a todos. Ética vira etiqueta. As exigências da revolução feminista foram eliminadas da discussão nos veículos de massa. Reduziu-se a revolução feminista a uma revolução sexual. O direito da mulher à emancipação à liberdade do usufruto do corpo. As revistas femininas, produtos da indústria cultural, ajudaram no processo de subjugação das conquistas da década de 60. Parecia que a luta era apenas pelo direito de fazer sexo livremente, quando era muito mais que isso.

3.5 Breve histórico dos periódicos femininos

Os periódicos voltados para o público feminino têm desde sua origem uma grande relevância na construção dos costumes e práticas femininas. Eles surgem no início do século XX, com a instituição de uma nova ordem social. A criação de eletrodomésticos e outros produtos para o lar, além de maquiagens e acessórios femininos geram uma oferta publicitária. As publicações nascem a partir disso.

Tem-se na década de XX uma nova postura em relação às mulheres. Elas adquirem o direito ao voto, ganham espaço no mercado de trabalho, mas ainda são presas a raízes vitorianas, que as colocam como subalternas. É uma relação ambivalente, na medida em que se valoriza a imagem feminina, mas perpetua o seu papel doméstico.

Na realidade, a cultura de massas revela, no preciso momento que dela se apropria, a ambivalência da imagem feminina cultural ocidental, acrescida, mais do que reduzida,

pelas exigências de emancipação: a hegemonia da figura feminina na publicidade, nas capas das revistas e nos cartazes, remete com efeito para a coincidência entre a mulher como potencial sujeito e a mulher como possível objeto⁸⁷.

Os espaços destinados às mulheres surgem juntamente com a indústria cultural. A imprensa feminina reflete e estimula as mudanças. Não é coincidência que a indústria dos cosméticos se estabeleceu na França justamente neste período. Mudaram aspectos fundamentais na cultura e na visão do papel ideológico da mulher.

Em 1937, é lançada a revista Marie-Claire. Com um preço popular e uma tiragem de 800 mil exemplares, a revista introduz às classes menos abastadas os tratamentos cosméticos e os cuidados com moda e comportamento. Esses processos são interrompidos durante a segunda guerra, mas retornam logo após, acompanhando e estruturando as mudanças sociais. A Marie-Claire é publicada em mais de 30 edições internacionais, cada uma seguindo um modelo diferente, de acordo com a cultura do país. No Brasil, é publicada desde 1991.

Na Itália, a imprensa feminina é o segmento mais sólido da indústria cultural. Em alguns casos, a publicidade chega a significar mais de metade do conteúdo das revistas. Entre 53 e 63, o número chega ao triplo na relação publicidade/reportagens⁸⁸. Além disso, nota-se um oligopólio na produção desses conteúdos, já que quatro empresas controlam $\frac{3}{4}$ da produção editorial.

Da desvalorização “apocalíptica” de tais publicações passou-se ao reconhecimento de que elas respondiam a uma “necessidade profunda” e eram capazes de exercer “uma função na economia psíquica” (...) ou então a considerá-las não apenas como momento de evasão, mas também como afinação da sensibilidade. Esta mudança insere-se numa nova perspectiva histórica-política que controla, por exemplo, a posição a favor do divórcio de algumas importantes revistas femininas (como Grand Hôtel, Cosmopolitan, Amica, Annabella), por ocasião do referendo que pretendia a sua revogação, rejeitada em 1974 por 59% dos votos. Alguns comentadores atribuíram essa escolha a considerações de mercado; reaparecia, pois, de uma forma nova, a conexão problemática entre o mercado e o consumo, por um lado, e a emancipação, por outro⁸⁹.

Nos Estados Unidos, o processo é similar. Às mulheres americanas, são exigidos cuidados na administração do lar, como economia, produtividade, e cuidados com a aparência física. Essa redefinição do ideal feminino tem influência

⁸⁷ PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 382

⁸⁸ Ibidem, p. 398

⁸⁹ Ibidem, p. 399

determinante tanto da indústria de cosméticos quanto de Hollywood. As revistas abordam essas duas questões, com dicas para cuidar da casa, receitas para economizar dinheiro, e matérias sobre produtos de beleza e moda. As mulheres que trabalham, na sua grande maioria em cargos modestos (secretárias, telefonistas, vendedoras etc.), gastam seu ordenado principalmente no cuidado estético. Essas revistas, como parte da indústria cultural, estimulam o consumo desses produtos e a adoção dos costumes dos novos tempos. Os periódicos valorizam a figura feminina, mas não discutem a emancipação das mulheres ou sua condição na sociedade.

O ideal de energia, alegria, higiene, assim como uma graciosa coqueteria e uma forma de independência, não segue apenas o exemplo americano oferecido por Bette Davies e Katherine Hepburn, mas representa uma interpretação das novas necessidades que utiliza a tradição francesa do fascínio e da liberdade da mulher. É interessante recordar que, apesar da predominância do modelo americano, a cultura de massas usa a referência constante a um modelo outro, inacessível; no período entre as duas guerras ele é certamente, para a publicidade americana, o modelo da mulher francesa, a ponto de muitos produtos americanos serem apresentados como uma recuperação das práticas oriundas de Paris⁹⁰.

Acompanhando a revolução feminista da década de 60, a revista americana *Cosmopolitan* – que já existia desde o fim do século XIX, mas sob a forma de revista para a família – assume uma produção voltada para as mulheres. Ela faz uso do momento histórico para falar abertamente de sexo. Seu modelo – que dá ênfase ao sexo e mostra celebridades, moda, mercado de trabalho – é exportado rapidamente para o resto do mundo. Hoje conta com 58 edições internacionais, inclusive com filial brasileira, sob o nome de *Nova*, revista que é tema de análise nesta pesquisa.

O longo processo (ainda inconcluso) de emancipação feminina e de auto-afirmação passou pela indústria cultural, em forma de massificação e de uniformização. O papel da mídia feminina foi determinante para essas mudanças, tanto para acelerar quanto para retardar. Eles criaram novas exigências de comportamento e de conduta e abriram um espaço para que as mulheres expusessem suas angústias e aflições.

São mais convincentes as interpretações que conseguem pôr em evidência a relação contraditória entre as mulheres e o feminino, por um lado, e a cultura de massas, por outro. O que conduz a reconhecer os aspectos de real conexão entre o desenvolvimento da cultura de massas e as formas de emancipação das mulheres ou a

⁹⁰ PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 390

permanência de velhas formas de feminilidade. No primeiro tipo de conexão inclui-se a capacidade dos meios de comunicação para retomar e relançar discursos de inspiração feminista, por exemplo na publicidade de “soutiens que libertam”, no final dos anos 60, ou das férias como “liberdade de escolher”, nos anos 80. No segundo tipo, cabem todas as identificações da imagem feminina com o natural, com o biológico e com a reencarnação daquilo que no nosso mundo é representado como “exótico”, como outro facilmente integrável no plano do turismo e da aparência⁹¹.

A revolução feminina da década de 60 foi minimizada pela indústria cultural, principalmente pelos veículos voltados a esse público. Eles criaram novas obrigações para a mulher, massificaram seu comportamento. As revistas se resumem a cuidados com o corpo, e a sua constante erotização, numa relação narcisística, enquanto as questões fundamentais, que dizem respeito a emancipação da mulher e a sua condição na sociedade, foram – e permanecem – silenciadas.

A mídia constitui-se num dos principais meios de difusão e capitalização do culto ao corpo como tendência de comportamento. De um lado, a mídia, de outro lado, a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendência. A imprensa escrita vem se consolidando como espaço privilegiado não só para a divulgação de informações relativas ao corpo, mas também para a inculcação de padrões de beleza e de comportamento. Para isso, a imprensa recorre ao especialista – profissional que tem espaço e sucesso garantidos em revistas femininas – para dar dicas acerca dos cuidados com o corpo no campo da sexualidade, moda, dieta, beleza e exercícios físicos⁹².

⁹¹ PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991, p. 385

⁹² SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004, p.127

4. A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE TÂNATOS

4.1 O elemento desencadeador

As exigências sociais que ganharam forças a partir de 1960 foram freadas pela indústria cultural. É do comportamento da cultura de massas retirar caracteres de fragmentação e impor um conteúdo que subjuga as diferenças culturais e ideológicas, pois só há lugar para apenas uma ideologia: o hedonismo pelo consumo.

A indústria cultural fabrica produtos cuja finalidade é a de serem trocados por moeda; promove a deturpação e a degradação do gosto popular; simplifica ao máximo seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor; assume uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se à sua disposição⁹³.

É do seu ímpeto o ajuste cultural aos seus interesses, que são econômicos *per se*. A regulação sexual, que se deu de diversas formas ao longo dos séculos, sempre se subordinou à ordem econômica. A diferença que ocorre a partir do século XX é que se antes o controle se dava por meio do Estado ou da religião, o papel agora é o da indústria capitalista. Isso porque Estado e religião não conseguiram acompanhar o ritmo industrial e perderam seus postos, ambos por não serem mais possuidores do poder econômico e, portanto, político. É a indústria que regula, que normatiza. Ela é supra-estatal e arreligiosa. Estado e religião agora se adéquam ao sistema capitalista (vide *Ética Protestante e Espírito do Capitalismo*, de Max Weber).

A indústria, que anteriormente já havia aplicado à cultura os seus princípios de automatização, padronização e tecnicismo, agora introduz no sexo o seu *modus operanti*. Isso porque a revolução feminista – graças ao advento da pílula anticoncepcional – faz do sexo fonte de prazer antes de fonte de procriação. As mulheres passam a afirmar sua sexualidade. Isso, no entanto, foi apenas uma das

⁹³ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p.24

várias demandas femininas. Elas queriam a emancipação do seu papel passivo e subordinado – e o usufruto do seu corpo teria de ser uma afirmação dessa vontade de potência.

O feminismo tradicional não cessou de reivindicar a plenitude dos direitos masculinos, como se o masculino significasse plenitude da humanidade. O neofeminismo, que assimila a situação da mulher à do proletário ou do colono, restabelece-a a uma situação “androica” em que o sexo é politizado, isto é, em que as relações sexuais são transformadas em relações de força⁹⁴.

No entanto, esse discurso é silenciado pela cultura de massas. Não é de seu interesse a discussão sobre gênero ou classes, mas a manutenção do modelo econômico. Modifica-se, então, a estrutura do feminismo. No lugar da emancipação das mulheres, das reivindicações contra seu papel subalterno, fica apenas aquilo que é de agrado, que se adéqua aos pressupostos da cultura industrial. Resume-se a revolução a uma revolução sexual. Não são abordadas nos veículos de massa (a revista *Cosmopolitan* inclusa) as grandes questões de gênero. Essas são emudecidas. O que se nota nas publicações voltadas para o público feminino a partir da década de 70 é a ênfase no sexual, na discussão prática, técnica do sexo. As razões, novamente, são econômicas: A indústria explora a sexualidade feminina desde o início do século XX. Agora, passa a vender o sexo. Antes disso, normatiza-o, com as revistas femininas servindo de guia prático para essas mulheres que não só podiam como agora deveriam fazer uso da sua sexualidade.

Com isso, se tem o domínio da ideologia industrial até no plano da sexualidade. É a subjugação do princípio de prazer. A contra-revolução feminina acaba, na ilusão de libertar as mulheres para a sexualidade, condicionando ainda mais a sua conduta sexual, cada vez mais estreita à ordem econômica.

4.2 Um novo puritanismo

O sexo se torna mais um produto da indústria. A conduta sexual é mais uma vez subjugada pela ordem econômica. O que se passa a ver nos veículos

⁹⁴ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.156.

midiáticos a partir do final dos anos 60 e início dos anos 70 é a ênfase na técnica, aos moldes da produção industrial.

Assim como os produtos culturais de massa utilizam a diversão como instrumento para alienar e garantir um escape das tensões cotidianas, o sexo, produto industrial, possui o mesmo efeito e objetivo. No entanto, diz Marcuse, a indústria cultural inverte a lógica, e o que é repressão passa a ser visto como liberdade.

A necessidade de “relaxamento” nos entretenimentos fornecidos pela indústria da cultura é em si mesma repressão e sua repressão significa um passo para a liberdade. Sempre que a repressão se tornou tão efetiva que, para o reprimido, assume a forma (ilusória) de liberdade, a abolição de tal liberdade prontamente se manifesta como um ato totalitário⁹⁵.

O sexo é também fonte de diversão como sinônimo de dispersão. Se no início do desenvolvimento capitalista as condições de trabalho levavam o operário à exaustão, e por isso o sexo precisava ser racionado, no novo modelo capitalista, o desgaste não é mais físico, mas mental. O sexo cumpre a função de válvula de escape. Ele alivia as tensões provocadas pela labuta mecânica e repressiva, descaracteriza-se enquanto ato subjetivo e pessoal para se tornar objetivo e impessoal: assim como é o trabalho na indústria.

Apesar de um novo modelo repressivo, a lógica puritana se mantém. O que se modifica, portanto, é a textura da experiência. Essa liberalidade sexual, em oposição ao período anterior, acaba por se tornar um paradoxo, que, para Rollo May, consiste de três elementos: um estado de alienação física, a separação de emoção e razão e o uso do corpo como se fosse uma máquina.

Em nosso novo puritanismo, má saúde está equacionada com pecado. O pecado significava ceder aos impulsos sexuais; agora significa não encontrar plena expressão sexual. O puritano contemporâneo afirma ser imoral não manifestar a libido⁹⁶.

Para May, o que está em questão não é o desejo e a necessidade em si de satisfazer o parceiro, e sim o fato de que essa necessidade é interpretada apenas em sentido técnico, ou seja: proporcionar sensação física. Ele diz que foi omitido das discussões o partilhar de sentimentos e fantasias, que constitui a riqueza psíquica interior e que em geral leva tempo, permitindo que a sensação transcenda

⁹⁵ MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999, p. 195.

⁹⁶ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.49.

a si mesma, passando à emoção, e a emoção se transforme em ternura e às vezes amor. Isso leva a um segundo paradoxo:

O segundo paradoxo é que na nova ênfase sobre a técnica sexual o tiro sai pela culatra. Ocorre-me com frequência que existe um relacionamento inverso entre o número de obras de ensinamento prático saídas das gráficas de uma sociedade e o volume de paixão sexual, ou mesmo prazer, experimentado pelas pessoas que as leem. É claro que nada existe de mau na técnica em si, seja para jogar golfe, representar ou fazer amor. Mas a ênfase na técnica sexual, quando excede determinado ponto, inclina a uma mecanização do ato amoroso, acompanhada de alienação, sentimento de solidão e despersonalização⁹⁷.

Os veículos midiáticos falam sobre sexo, mas não o discutem. Falam sobre o tema como se fosse um fetiche, algo que é excitante por ser intransigente. As relações interpessoais (afinal estamos falando de algo que exige relação interpessoal), os sentimentos gerados a partir dessa relação e as suas consequências são ignorados (ou seriam irrelevantes?) na abordagem do tema. O Outro é excluído da relação. Ele pode ser qualquer um, desde que tenha conhecimento prévio das normas técnicas.

Não é surpreendente que as tendências contemporâneas para a mecanização do sexo tenham muito a ver com o problema da impotência, que começou a ser detectado a partir da década de 60. A característica distintiva da máquina é executar os movimentos sem qualquer sensação. Com o início do processo de mecanização do sexo, Tannahill relata que tão logo surgiram as pressões da cultura pela obrigatoriedade do prazer nas relações sexuais, muitos homens deixaram de ver no sexo uma fonte inesgotável de prazer. Agora ele exigia o mesmo esforço técnico e produtivo do trabalho.

O homem, por exemplo, começou a perder a calma. Cambaleando sob o assalto combinado de educadores sexuais, entrevistadores, feministas e sexólogos – todos eles enfatizando que era a sua responsabilidade assegurar a satisfação sexual da parceira – ele foi batendo em retirada. O sexo perdeu muito de sua atração e os pesquisadores de inícios dos anos 70 descobriram que esse homem estava tendo intercurso com menos frequência, que se voltava mais para a masturbação e desenvolvia gosto pela pornografia⁹⁸.

Cria-se uma necessidade de ser produtivo não em valores subjetivos, mas num sentido estrito: obtenção de prazer. Prazer este que, assim como na indústria cultural, é obtido como fonte de diversão, de alívio das tensões provocadas pelo ambiente repressivo de trabalho. Sexo como válvula de escape da repressão, mas

⁹⁷ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.46

⁹⁸ TANNAHILL, Reay. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.459

que também é imbuído de características repressivas intrínsecas ao método de produção industrial: a técnica, a objetividade, a mecânica, a despersonalização.

Os veículos midiáticos de massa reforçam essa nova função do sexo – e silenciam as outras. Esse fenômeno, dizem os psicanalistas, gera angústia, solidão e individualismo. A indústria se apodera até da relação interpessoal mais íntima e atinge, com isso, todas as esferas da existência humana. O homem é alienado na produção, no tempo livre, no convívio social e até na sua relação sexual. Em outras palavras, o princípio de realidade se insere totalmente no princípio de prazer. É o domínio total das forças repressivas da sociedade sobre os instintos humanos.

4.3 A vitória do princípio de realidade

Freud explica em *Além do princípio de Prazer* que a civilização surge da repressão dos instintos primários e da conversão dessa energia em força produtiva. A esse fenômeno, ele dá o nome de transformação do princípio de prazer em princípio de realidade. São duas forças antagônicas que atuam entre si e que garantem, ao mesmo tempo, a realização das necessidades fundamentais do inconsciente e a sobrevivência da espécie. O processo civilizatório é progresso no trabalho, que visa o agenciamento e ampliação das necessidades humanas.

O argumento que Marcuse e May levantam é que o embate dessas duas forças fundamentais tem sido combatido. O princípio de realidade passa a se inserir no princípio de prazer; com isso, as forças repressivas atingem até o reino do inconsciente, antes fortaleza impenetrável.

Hoje, comparada com a dos períodos puritano e vitoriano, a liberdade sexual aumentou indiscutivelmente (embora uma reação contra a década de 20 observa-se claramente). Ao mesmo tempo, porém, as relações sexuais passaram a estar muito mais assimiladas com as relações sociais. A liberdade sexual harmoniza-se com o conformismo lucrativo. O antagonismo fundamental entre sexo e utilidade sexual – em si mesmo um reflexo do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade é obnubilado pela progressiva incrustação do princípio de realidade no princípio de prazer. Num mundo de alienação, a libertação de Eros atuaria, necessariamente, como uma força destruidora e fatal – como a total negação do princípio que governa a realidade repressiva⁹⁹.

⁹⁹ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.95

O modelo econômico é determinante para a conduta social – e o sistema de produção industrial desenvolveu um regime tecnicista e repressor que insere seu modelo em todas as estruturas do aparelho mental humano. Marcuse afirma que o controle das forças libidinais modificou sua função instintiva. Se antes eram válvulas de escape do cerceamento pelo princípio de realidade, agora são fonte de ansiedade e objeto de repressão.

Ansiedade, amor, confiança, mesmo a vontade de liberdade e solidariedade com o grupo a que se pertence – tudo acabou por servir às relações economicamente estruturadas de dominação e subordinação. Contudo, pelo mesmo princípio, mudanças fundamentais na estrutura social acarretarão mudanças correspondentes na estrutura instintiva. Com a obsolescência histórica de uma sociedade estabelecida, com o crescimento de seus antagonismos internos, os tradicionais vínculos mentais afrouxam: as forças libidinais ficam livres para novas de utilização e, assim, mudam sua função social. Agora já não contribuem para a preservação da sociedade, mas levam à edificação de novas formações sociais; é como se deixassem de ser o cimento e, em seu lugar, se convertesse em dinamite¹⁰⁰.

O princípio de realidade se insere no princípio de prazer. Com isso, todas as esferas da psique humana se tornam passíveis de repressão. Nesse processo que condiciona os impulsos sexuais à ordem econômica, o instinto de morte sai fortalecido, em detrimento do instinto de vida.

4.4 A derrocada de Eros

Na mitologia grega, Eros foi um dos quatro fundadores do universo. É ele quem doa o espírito vital aos homens, que antes desse evento eram apenas barro. Posteriormente, outros pensadores definiram Eros sob o mesmo enfoque. Platão, por exemplo, via Eros como o poder formador de todas as coisas existentes. Já Santo Agostinho via em Eros a ânsia de união mística que emerge da experiência religiosa.

Em oposição a Eros está Tânatos, a personificação da morte. Freud pegou emprestado essas duas figuras da mitologia para explicar a pulsão de vida e a pulsão de morte. Para o psicanalista vienense, as forças que existem por trás das tensões provocadas pelo id (vide capítulo 1) são chamadas por Freud de instintos, aos quais ele divide em duas forças antagônicas, Eros, o instinto de vida, e

¹⁰⁰ Ibidem, p.208

Tânatos, o instinto de morte. Este tem como objetivo conduzir a vida orgânica de volta ao seu estado inanimado¹⁰¹. Ele define o instinto como um impulso presente em todos os organismos vivos que tem por objetivo retornar a um estado anterior, o qual só foi abandonado por forças externas desviantes. Assim sendo, Freud observa que os organismos possuem uma natureza conservadora¹⁰². Justamente por considerar que “o objetivo de toda a vida é a morte e, retrospectivamente, que o inanimado exista antes que o vivente”¹⁰³, que Freud diz que foi preciso que o instinto de vida surgisse para garantir a preservação dos organismos, que não sobreviviam por muito tempo, até que, novamente por influências externas, células germinativas foram criadas pelos organismos para alongar o percurso para a morte. Essas células germinativas são os instintos de vida, que fazem oposição aos instintos de morte por obter o que parece ser para ela uma imortalidade potencial¹⁰⁴.

Os instintos de vida recondicionam os impulsos sexuais primários, que são de morte, para garantir a perpetuação da espécie. Marcuse postula que com a transformação da sexualidade em Eros, os instintos de vida desenvolvem sua ordem sensual, ao passo que a razão se torna sensual na medida em que abrange e organiza a necessidade em termos de proteção e enriquecimento dos instintos de vida¹⁰⁵.

Com isso, Freud faz a distinção entre sexo como alívio de tensão – este como pulsão de morte – e sexo como força criadora – este como pulsão de vida. Eros é o desejo, a eterna ânsia por expansão. Eros é vontade de potência, é o ímpeto inconsciente e consciente para conectar-se, para a emoção (do latim *e-movere*, mover-se, ir para frente), é a angústia fundamental e inerente ao ser, que visa não por um fim à angústia, mas se formar em torno dela.

O processo de industrialização do mundo também industrializou o homem, não só na sua relação com o universo externo, mas, principalmente, na relação com a sua própria humanidade. O contato cada vez mais intrínseco do homem com a máquina, gera, quase dialeticamente, uma síntese, um híbrido homem-robô: ao

¹⁰¹ FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 53

¹⁰² FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 202.

¹⁰³ Ibidem, pág. 204

¹⁰⁴ Ibidem, pág. 207

¹⁰⁵ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.194

passo que as máquinas ficam cada vez mais humanizadas em sua forma, os homens ficam cada vez mais artificiais.

O caminho para mecanizar o homem é justamente a supressão de Eros, porque ele é o instinto construtor de cultura, o elemento que desencadeia a força vital de construção. Isso porque Eros possui caracteres que são contrários à ordem econômica industrial. Eros é subjetividade, é o ímpeto para uma conexão afetiva. É o campo das angústias e das emoções tão necessárias para o amadurecimento do homem. Freud diz que “quando a satisfação triunfa, Eros é eliminado, e o instinto de morte fica livre para realizar os seus propósitos¹⁰⁶”.

Então Tânetos é sobreposto a Eros. E há de se considerar as vantagens econômicas para tal fato: a paixão erótica gera instabilidade emocional, aumenta a ansiedade e angústia. Ela é subjetiva, pessoal, única. Essas características vão de encontro com os preceitos de objetividade, impessoalidade, estabilidade e estandarização.

Deriva daí o movimento que estimula Tânetos. É da essência humana a propensão para a morte, isto é, obter o máximo de prazer e o mínimo de desprazer. O instinto de morte é o ímpeto para o fim do sofrimento que é a existência. Ele visa a gratificação dos instintos primevos, universais, portanto. O estímulo à libido atinge diretamente o inconsciente, que, mesmo cego, conduz as ações humanas. Mas não se tem, no entanto, Tânetos, e sim princípio de realidade disfarçado de instinto de morte. Vende-se repressão, mas disfarçada de libido, de gratificação.

Pois com o princípio de prazer subjugado, o sistema econômico passa a controlar justamente a parte do aparelho mental que era livre de controle, o inconsciente. E se é Eros a força que pode reaver esse controle para o próprio ser, ele também foi subjugado no processo. O domínio é de Tânetos, mas de um Tânetos adaptado. A pulsão de morte, que é válvula de escape de toda repressão acumulada, que é energia sendo liberada como fim em si, é também objeto de repressão, com o usufruto da libido, da agressividade, do hedonismo a serviço da indústria.

¹⁰⁶ FREUD APUD MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.96

O que Rollo May afirma é que se foge de Eros usando o sexo como veículo de fuga. Isso porque a pós-modernidade trouxe um vácuo emocional, uma ausência de ligações afetivas. As pessoas se sentem cada vez mais solitárias, mais distantes, e sentir torna mais dolorosa essa solidão, de maneira que as pessoas preferem tornar-se insensíveis.

O que não nos disseram – porque quase ninguém o percebe – é que se trata de um sistema radicalmente solipsista e esquizoide, deixando-nos isolados como nômades, alienados, sem uma ponte que nos ligue às pessoas que nos rodeiam. Podemos “emocionar-nos” e ter relações sexuais de hoje até o juízo final, sem jamais experimentar um verdadeiro relacionamento com outras pessoas¹⁰⁷.

Ele diz que para evitar a paixão erótica (por toda instabilidade emocional que ela provoca), há o desvio de forças para a sensação sexual. E para isso, foi preciso definir o sexo de maneira cada vez mais circunscrita, pois quanto maior a preocupação com ele, mais restrita se torna a experiência humana a ele relacionada. Sexo é um novo ópio, que apaga da consciência os aspectos eróticos geradores de ansiedade:

Anestesiando os sentidos para obter melhor desempenho, utilizamos o sexo como instrumento para provar a própria identidade e perícia, usando a sensualidade para ocultar a sensibilidade castramos o sexo, tornando-o insípido e vazio. Sua banalização é subestimada e favorecida pela comunicação em massa. A pleora de livros sobre o assunto que inunda o mercado tem algo em comum: simplifica ao extremo o amor e o sexo, tratando o tópico como um misto de jogar tênis e comprar um seguro de vida. Neste processo, roubamos ao sexo o seu vigor evitando Eros, e terminamos desumanizando a ambos¹⁰⁸.

4.5 O domínio sobre o lúdico

No processo que insere o princípio de realidade no princípio de prazer, o domínio do lúdico se faz fundamental. Isso porque o espaço destinado ao jogo é o denominador comum entre os dois princípios mentais opostos.

Carl Gustav Jung¹⁰⁹ advertiu que o domínio do impulso lúdico acarretaria uma “libertação da repressão”, o que, por sua vez, teria por consequência uma “depreciação dos valores supremos até agora vigentes”, uma “catástrofe da cultura”. Marcuse enumera esse processo de domínio do lúdico:

¹⁰⁷ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.101

¹⁰⁸ Ibidem, p.70

¹⁰⁹ JUNG, Carl Gustav APUD MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.170

- 1) A transformação do esforço laborioso (trabalho) em jogo (atividade lúdica), e da produtividade repressiva em “exibição” – uma transformação que deve ser antecedida pela conquista da carência (escassez) como fatos determinante da civilização.
- 2) A auto-sublimação da sensualidade (do impulso sensual) e a des-sublimação da razão (do impulso formal), a fim de reconciliar os dois impulsos antagônicos básicos.
- 3) A conquista do tempo, na medida em que o tempo destrói a gratificação duradoura.

Esses elementos são praticamente idênticos aos de uma reconciliação entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. Recordaremos o papel constitutivo que se atribui à imaginação (fantasia) no jogo e na exibição; a imaginação preserva os objetivos daqueles processos mentais que se conservaram livres do princípio de realidade repressivo; em sua função estética, eles podem ser incorporados na racionalidade consciente da civilização madura. O impulso lúdico representa o denominador comum dos dois processos e princípios mentais opostos¹¹⁰.

Marcuse diz que o espaço lúdico foi dominado por não possuir utilidade produtiva. Passa-se então os valores e os ideais importantes para a manutenção da ordem, livre da sensação de um princípio de realidade repressivo. Ele pondera que a obtenção das necessidades da vida é pré-requisitos e não o conteúdo de uma sociedade livre. Assim sendo, o reino do trabalho não é o reino da liberdade, já que a existência humana é determinada por objetivos e funções que não são propriamente seus e que não permitem o livre jogo das faculdades e desejos humanos.

O necessário labor ou trabalho esforçado é um sistema de atividades inumanas, mecânicas e rotineiras; em tal sistema, a individualidade não pode constituir um valor e um fim em si. Racionalmente, o sistema de trabalho social seria organizado, pelo contrário, tendo em vista a economia de tempo e espaço para o desenvolvimento do indivíduo fora do mundo de trabalho inevitavelmente repressivo. O jogo e a exibição, como princípios de civilização, implicam não só a transformação do trabalho, mas a sua completa subordinação à livre evolução das potencialidades do homem e da natureza. As ideias de jogo e exibição revelam agora sua plena distância dos valores da produtividade e desempenho: o jogo é improdutivo e inútil precisamente porque anula as características repressivas e exploradoras do trabalho e do lazer. (...) No sistema estabelecido de dominação, a estrutura repressiva da razão e a organização repressiva das faculdades sensuais suplementam-se e apóiam-se mutuamente. Nos termos de Freud: a moralidade civilizada é a moralidade dos instintos reprimidos; a libertação destes implica um “rebaixamento” daquela. Mas esse rebaixamento dos valores superiores dos valores superiores poderá devolvê-los à estrutura orgânica da existência humana, da qual foram separados, e a reunião é suscetível de transformar a própria estrutura¹¹¹.

É importante ressaltar que o ambiente da brincadeira sempre serviu como maneira de transpassar, de forma inconsciente, os valores de determinada época.

¹¹⁰ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.171 et seq.

¹¹¹ Ibidem, p.173

O que se tem de novo é a forma como isso é feito, com a subjugação do princípio do prazer, tornando o id cada vez menos id e cada vez mais ego.

Justamente pela necessidade da labuta ter sido internalizada que a repressão se torna mais eficaz. O oposto consiste em fazer que o trabalho se torne externo no domínio da necessidade, para que a produção seja vista como meio não com fim.

Contudo, a própria alienação progressiva aumenta o potencial de liberdade: quanto mais externo se tornar ao indivíduo o trabalho necessário, tanto menos este o envolve no domínio da necessidade. Aliviada dos requisitos de dominação, a redução quantitativa de tempo e energia laborais leva a uma mudança qualitativa na existência humana: é o tempo livre, e não o tempo de trabalho que determina o conteúdo daquela. O cada vez mais amplo domínio da liberdade passa a ser, verdadeiramente, um domínio lúdico – do livre jogo das faculdades individuais. Assim liberadas, essas gerarão, novas formas de realização e descobrimento do mundo, o que, por sua vez, remodelará o domínio da necessidade, a luta pela existência¹¹².

A mudança de modelo repressivo da pós-modernidade reside na incorporação do princípio de prazer pelo princípio de realidade. Esse fato consiste na interiorização dos preceitos e valores ordem econômica industrial. Como efeito colateral desse evento, Eros, a pulsão de vida, é enfraquecido por Tânatos, a pulsão de morte, que visa eliminar as tensões fundamentais da existência para eliminar a existência em si. Tem-se aí a produção industrial de Tânatos: a objetividade, a impessoalidade, o hedonismo.

¹¹² MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.193

5. ANÁLISE DE DISCURSO DE NOVA

5.1 Objeto

Neste capítulo será analisado o discurso da revista *Nova*. Para isso, foram selecionadas edições aleatórias do ano de 2008 (março, maio, agosto e dezembro). A análise será dividida entre as capas, a reportagem de capa sobre sexo, demais reportagens sobre o assunto e as ilustrações dos textos. Primeiro serão estudadas separadamente para facilitar a compreensão do conjunto, o último tópico do capítulo.

5.2 Capa

Todas as edições seguem o mesmo modelo de capa:

- a) No centro da revista, uma modelo. É jovem, bonita e famosa. Traja poucas roupas e exhibe seu corpo em pose sensual. O nome dessa modelo é adjetivado, para reforçar os atributos que a revista destaca. É Sabrina Sexy Sato¹¹³, *Fabulosa Flávia*¹¹⁴ e *Irresistível Paola Oliveira*¹¹⁵.
- b) As matérias de capa que preenchem o espaço que não é ocupada pela modelo (é nítido o destaque que a imagem tem. Não é ela que ilustra as chamadas, mas as chamadas que reforçam a imagem) giram em torno de três temas principais: sexo, dinheiro e beleza.

¹¹³ *Nova*, São Paulo, n. 8, agosto de 2008.

¹¹⁴ *Nova*, São Paulo, n. 3, março de 2008.

¹¹⁵ *Nova*, São Paulo, n. 5, maio de 2008.

- c) Sexo: o conteúdo sobre sexo corresponde à parte fundamental da publicação. O tema é tratado de forma prática, direta e técnica. O texto é imperativo, mas descontraído:

“SEXO ORAL: O céu é o limite. São sete posições alucinantes, gel que vicia os homens, a depilação nota 10 em prazer, dúvidas de higiene, o que fazer se ele não é adepto. Que dossiê sexy...¹¹⁶”, “SEXO COM GPS: todas as suas zonas erógenas mapeadas (frente e verso), para ele brincar de piloto de orgasmo. Acelera, meu bem!¹¹⁷”, “SEXO: Preliminares explosivas. O jeito de agarrar, jogar na parede, arrancar a roupa, beijar, morder, falar sacanagem... que você adora. Está tudo aqui. Mostre a ele esta noite¹¹⁸”, “KAMA SUTRA: a delegação erótica de NOVA testou (com depoimentos em recordistas em detalhes picantes) e elegeu 10 posições que são ohhhhhh...ouro!¹¹⁹”

- d) Resultado:

A revista desencadeia um processo formado por quatro etapas: adoração, angústia, repulsa e esperança.

A primeira reação da leitora é de **adoração**. A modelo da capa possui grande destaque e reconhecimento por parte da mídia e da sociedade. Ela tem o corpo que é objeto de desejo das mulheres (devido à constante reafirmação por parte da indústria cultural de que este é o corpo que as mulheres precisam ter), usa as roupas que são objetos de desejo. Ao estar naquela revista, protagonizando a capa, ela passa a ser o ideal de felicidade, o objetivo a alcançar – e o objetivo que a revista diz que é possível alcançar. A celebridade cumpre o papel que a revista impõe, afinal, nesse jogo de cena, ela possui os atributos fundamentais para a sociedade de consumo e, por isso, se exhibe plena e sorridente.

A adoração do corpo da modelo causa estranhamento no próprio corpo da observadora: ela não possui os atributos da mulher que estampa a capa. E nem poderia ter, já que a imagem é retocada em todos os detalhes e as modelos são cautelosamente escolhidas com o propósito de causar esse estranhamento, essa **angústia**. Isso porque a observadora se encontra em um estado de fragilidade

¹¹⁶ Nova, São Paulo, n. 5, p. 1, maio de 2008.

¹¹⁷ Nova, São Paulo, n. 12, p. 1, dezembro de 2008.

¹¹⁸ Nova, São Paulo, n. 3, p. 1, março de 2008.

¹¹⁹ Nova, São Paulo, n. 8, p. 1, agosto de 2008.

emocional por conta do encontro com a representação que se faz de realidade. Aquele corpo invejável, que ocupa o centro da revista, não é o corpo dela, mas o corpo de outra mulher, que aparenta uma felicidade plena. Surge a **repulsa** do próprio corpo e do próprio ser.

O próximo passo é a **esperança**. A revista faz a promessa de que é possível abarcar a ilusão de ser também uma modelo, uma celebridade, uma olimpiana. “Quer ser assim?”, diz a revista, indiretamente. “Quer ser linda, famosa, sedutora e poderosa?” “Faça o que dissermos para você fazer”. Aí surgem as chamadas de capa, dizendo como perder peso e ter um corpo desejável, como conseguir um aumento no trabalho e como usar seu corpo como objeto de prazer. A revista desenvolve uma fragilidade emocional para atrair as leitoras. Vende por fazê-las se sentirem mal consigo.

O que se vende é o princípio de realidade disfarçado de princípio de prazer. É a ilusão de que é possível fugir da incompletude inerente ao humano, de se ter um estado permanente de gratificação, que representa, ontológica e psicanaliticamente, a morte. É Tânatos.

Narcisismo advindo do complexo de Electra, uma tentativa de encontrar e possuir o falo. Age no reino do inconsciente, do prazer, da libido, do instinto de morte. Produção industrial de Tânatos.

5.3 Reportagem de capa sobre sexo

5.3.1 Reportagem *aquecimento global*

A reportagem de capa da edição de março tem quatro páginas, sendo duas ocupadas por uma foto, e se propõe a criar um roteiro de preliminares para um casal. São roteiros para quatro situações: *transa-comemoração*, *happy hour eletrizante*, *banho de luxúria* e *bom-dia sexyfumegante*.

São verdadeiras receitas de bolo: a revista diz até o tempo de duração de cada etapa e o que deve ser feito:

Em vez de ir direito ao pênis, brinque com um mix de toques sensuais. Uma massagem tailandesa (aquela sem as mãos) cai como uma luva, pois o peso do seu corpo sobre o dele pressiona na medida. Tire o resto da roupa que falta e deite sobre o rapaz. Você se movimenta como se fosse uma gata manhosa e, esperta, estimula seu homem em lugares que nenhuma outra mulher ousou¹²⁰!

O objetivo da reportagem é propor situações espontâneas e diferentes para “aquecer” a vida sexual. O curioso é que ao realizar as situações propostas pela matéria, o leitor já perde toda a espontaneidade sugerida pela revista. É um teatro, um jogo de cena com papéis já definidos:

“Enquanto o lindo está embaixo do chuveiro, você entra no banheiro e atormenta-o ao máximo. Dança para ele, mostra de relance o que tem de melhor (os seios, o bumbum...) e se cobre novamente. Pergunta se o seu gato escaldado quer que você se livre das roupas e não titubeia. À vontade, vire-se de costas e toca o próprio corpo, com o intuito de se dar prazer.”

Ou: “No meio da brincadeira, seu querido pode dizer palavras picantes ao pé do seu ouvido, como ‘seu bumbum me enlouquece’, ‘Quero devorar você todinha’.”

A matéria termina como se termina uma receita de bolo. Ela não faz distinção entre as idades, vivências, escolaridades e culturas das mulheres. É como se o que foi dito servisse para todas as pessoas. E tem de servir – pois é produzida sem um público específico porque exige justamente a despersonalização desse público.

Ao ler a reportagem, tendo em vista as imagens que a ilustram, tem-se na mente que quem pratica o que é sugerido é a personagem que compõe a capa. A pessoa que realiza aquelas proposições obviamente não se sente insegura com o próprio corpo, não é inibida sexualmente, não é tímida, não tem tabus. Mas a leitora não é a mulher da capa. Ela é insegura, pois se não fosse não compraria a revista, que trabalha em cima dessa insegurança em relação ao corpo, à sexualidade e ao comportamento.

É por essa razão que tudo não passa de uma grande paródia: a leitora se descaracteriza de si, veste uma máscara e participa de um jogo de cena, com diálogos e ações pré-estabelecidas. Naquele momento da leitura, ela não é a

¹²⁰ **Nova**, São Paulo, n. 3, p. 125, março de 2008.

mulher insegura de sua sensualidade, de sua destreza sexual; ela é a mulher da capa em tudo que ela representa.

O mais interessante nesse jogo de cena é que a reportagem considera possuidora de um comportamento selvagem e original para a mulher que realizar o roteiro proposto. No entanto, ao obedecer o dito pela revista, visando o que ela promete, a leitora anula todo o comportamento selvagem e original, já que não foi iniciativa própria: ela faz porque a revista disse que é o que tem de ser feito.

É seguindo os roteiros que o casal vai ter um relacionamento sexual satisfatório – ou seja, se não é satisfatório, é porque o roteiro não é corretamente executado. A fonte da felicidade a dois reside na obediência a guias técnicos, como se algo tão subjetivo como o prazer pudesse ser reduzido a movimentos mecânicos. Como se o aspecto psicológico não exercesse papel fundamental na excitação.

5.3.2 *GPS do sétimo céu*

A reportagem de capa da edição de dezembro de 2008 é destinada aos homens, apesar da revista ser voltada ao público feminino. Ela possui quatro páginas, sendo que as duas imagens ilustrativas – que mostram uma mulher de lingerie deitada na capa em pose sensual – ocupam mais da metade do espaço. A matéria se propõe a apontar para o homem quais as áreas do corpo feminino são mais prazerosas.

E faz isso de forma bem objetiva: traça setas ligando vários pontos da imagem (boca, seios, vaginas, coxas, barriga, pálpebras etc.) para dizer o que deve ser feito em cada uma dessas áreas, com informações sobre o que dizer, o que fazer, por quanto tempo fazer e como fazer. Algumas são um tanto esdrúxulas:

Centro das axilas: como a pele dessa região é fina e cheia de nervos, a sensibilidade a estímulos eróticos fica maior. Ainda resta dúvida de que ela não deve ser desprezada? Para surpreender sua namorada, dê lambidas no centro da axila, de cima para baixo ou o contrário. Quer incrementar a brincadeira? Espalhe antes óleo corporal comestível.¹²¹

¹²¹ **Nova**, São Paulo, n. 12, p. 166, dezembro de 2008.

Novamente, a revista não faz distinção entre as leitoras. E como não há nenhum texto introdutório ao tema, parte do princípio que o corpo, como uma máquina, responderá com exatidão aos movimentos aplicados.

ATRÁS DO JOELHO o “ai! ui! oh!” é garantido. Comece escorregando os dedos pela panturrilha e parte posterior da coxa, até chegar a esse local pouco explorado. Então, use três dedos para roçá-lo de leve. Mas, antes, certifique-se de que ela já está excitada – ou poderá sentir cócegas¹²².

O objetivo da reportagem, feita para que a leitora mostre-a para seu parceiro, é dizer ao leitor onde e como sua parceira sente prazer. “Você sabe melhor que ninguém onde gosta de ser acariciada. Mas será que seu queridinho já decifrou cada milímetro do seu corpo, até mesmo os lugares bem escondidinhos?¹²³” A matéria legitima a vontade da mulher de ter prazer daquela forma. Já para o homem, evita a intimidade da conversa a respeito do que é fonte de prazer para a parceira.

Fica implícito que as dicas funcionarão sem exceções, que sugar o dedão do pé ou lambe o centro das axilas será eficiente para absolutamente todas as mulheres. O fracasso, para a revista, não consiste na mecanização do ato ou na despersonalização do relacionamento, mas na falta de habilidade em aplicar as técnicas.

5.3.3 Prova oral

A reportagem de capa da edição de maio de 2008 inicia com a informação de que uma pesquisa conduzida por britânicos concluiu que “a maioria dos relacionamentos entre casais é mais bem-sucedida quando eles praticam sexo oral”. Por conta disso, cria um roteiro com sete receitas “certeiras” para o sexo oral, como o *funcionário do mês*, o *cálice do arrebatamento* e o *orgasmo da rainha*. Além das receitas, responde perguntas das leitoras a respeito do tema.

Entrega do presente: seu querido a espera nu, sentado no tapete e encostado na chaise-longue. Você se senta de frente para ele, bem ali no vão criado pelas coxas entreabertas dele. Inclina então suas costas para trás até encostá-

¹²² Nova, São Paulo, n. 12, p. 166, dezembro de 2008.

¹²³ Ibidem, p.164

las no chão. Erga as pernas abertas com os joelhos flexionados para que o rapaz possa segurá-la pelos tornozelos. Vá elevando os quadris, como se escalasse o abdômen tanquinho dele, até que a sua vulva alcance a altura ideal para ser beijada. Ele a sustenta pelas coxas. Com suas mãos livres, aproveita para massagear os próprios seios ou separar os grandes lábios a fim de abrir espaço para as lambidas de seu amor. Enquanto isso, o moço abre e fecha suas pernas ao bel-prazer, intensificando as sensações.

A felicidade do relacionamento pode ser adquirida com a obediência a sete receitas sobre sexo. A reportagem utiliza a pesquisa para legitimar a pauta, mas não cita quem realizou o estudo, nem qual foi sua metodologia ou até mesmo qual a porcentagem dessa maioria. São 51% ou 99%? E o sexo oral foi determinante para a felicidade do relacionamento ou é uma consequência da intimidade e segurança que o casal tem?

Ocorre-me com frequência que existe um relacionamento inverso entre o número de obras de ensinamento prático saídas das gráficas de uma sociedade e o volume de paixão sexual, ou mesmo prazer, experimentado pelas pessoas que as leem. É claro que nada existe de mau na técnica em si, seja para jogar golfe, representar ou fazer amor. Mas a ênfase na técnica sexual, quando excede determinado ponto, inclina a uma mecanização do ato amoroso, acompanhada de alienação, sentimento de solidão e despersonalização¹²⁴.

O problema não é a técnica em si, mas reduzir o sucesso de um relacionamento sexual a uma série de fórmulas, esquemas e receitas, como se o corpo respondesse dessa maneira. Nota-se no conteúdo uma tendência à despersonalização e à mecanização. É um jogo de cena, com frases decoradas e ações previsíveis, que mascara a falta de comunicação e tenta compensar com sexo esse problema.

5.4 Outras reportagens sobre sexo

5.4.1 *Boa não, ótima*¹²⁵!

A reportagem se propõe a dizer quais atitudes fazem da mulher uma boa amante e quais fazem uma ótima amante. São sete situações, citadas abaixo:

¹²⁴ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.46

¹²⁵ **Nova**, São Paulo, n. 8, p. 58, agosto de 2008.

A BOA	A ÓTIMA
Fica nua para ele.	Tira a roupa com um strip-tease, anda pelo quarto só de salto alto, insiste em deixar as luzes acessas na hora H.
Concorda em experimentar novas posições.	Não espera ser convidada – sugere aventuras sexuais como transar na cozinha.
Topa realizar fantasias sexuais com o gato.	Pensa em sexo diversas vezes ao dia, até mesmo na fila do supermercado.
Masturba-se quando está sozinha.	Toca a si mesmo na frente do namorado para provocá-lo ainda mais.
Investe no menino dele.	Não esquece as áreas vizinhas e usa a boca para manobras-surpresas.
Nunca recusa uma rapidinha.	Toma a iniciativa quando ele menos espera.
Geme e dá sinais de que está adorando.	Descreve em detalhes o que a faz se sentir no paraíso para que ele repita igualzinho da próxima vez.

Como uma roupa que sai de moda, o comportamento sexual também se torna efêmero, e é condicionado não pela vontade da pessoa, mas pelo sistema midiático, que coloca a venda uma enxurrada de técnicas que as mulheres devem seguir se quiserem ser etiquetadas como ótimas amantes. Em outras palavras, a ótima amante é aquela que obedece ao que a revista diz.

5.4.2 *Seu namoro está quente ou frio?*

É um questionário de dez perguntas, divididos em tópicos como sexo, comunicação, intimidade e diversão, para identificar se a situação do relacionamento é boa ou ruim.

A leitora responde sim ou não e o resultado é definido pela quantidade de sim, sendo de 0 a 2, *entrando numa fria*; 3 a 5, *ficando morno*; 6 a 8, *começando a ebulição* e de 9 a 10, *pegando fogo*. Segue o questionário:

- 1) A menos que um de nós esteja doente, transamos pelo menos três vezes por semana.
- 2) Nos últimos meses, testamos novas posições sexuais.

- 3) Há pouco tempo, tivemos uma conversa maravilhosa. Não falamos de problema.
- 4) No último mês, não discutimos mais do que uma ou duas vezes.
- 5) Demos gargalhadas juntos pelo menos uma vez nos últimos dias.
- 6) Fizemos um programa romântico pelo menos uma vez nas duas últimas semanas.
- 7) Na última vez que vimos tevê, trocamos carinhos sem perceber.
- 8) De ontem para hoje, nós não fizemos amor, mas nos beijamos embaixo dos lençóis.
- 9) Ele me elogiou ou me agradeceu por algo que fiz esta semana – e eu retribuí o agrado.
- 10) No mês passado, fizemos comentários positivos um sobre o outro na frente de amigos.

O teste é assinado por Molly Triffin, repórter da revista *Cosmopolitan* dos EUA. O psicólogo que é fonte do questionário é americano, assim como todos os livros citados, que sequer foram traduzidos para o português. A autora não é brasileira e a matéria foi traduzida da edição americana da *Cosmopolitan*.

A revista atribui, com isso, equivalência de culturas, como se mulheres brasileiras reagissem exatamente do mesmo que mulheres americanas. Adotando padrões de outra cultura a revista subjuga a identidade brasileira e perpetua a cultura industrial, hegemônica, universal.

A imagem também ilustra esse fato: a mulher da fotografia, feliz por ter um namoro quente, é loira, alta e magra, uma reafirmação do padrão de beleza europeu.

5.5 Ilustrações

As imagens que ilustram as matérias analisadas têm a função de servir de exemplo de sucesso para as leitoras: é como se as modelos tivessem realizado o proposto pela revista e são, por conta disso, plenas.

Elas reforçam a ilusão de que é possível atingir o inatingível, isto é, o status de garota da capa, o símbolo da realização de todos os valores que a indústria cultural impõe para as mulheres.

Além disso, há de se questionar se as imagens são de mulheres brasileiras, pois as fotografias não possuem crédito.

5.6 Mensagens

O processo de formação das leitoras se dá por meio de quatro etapas: adoração, angústia, repulsa e esperança. O primeiro contato com a revista é pela capa, que exibe uma mulher jovem, famosa e atraente, que exibe seu corpo no centro da página. Ela representa tudo aquilo que a indústria cultural promove e estimula. Por ser uma representação, um simulacro (até pelas adulterações na fotografia) ela é inatingível. A leitora, no entanto, constantemente reforçada com a imagem de perfeição, não percebe isso – e sofre. É dúbio o sentimento: um misto de adoração e inveja. É inevitável também a comparação daquele corpo – alegre, feliz, jovem, *perfeito* – com o próprio, com todas as imperfeições tão naturais. Cria-se um estado de angústia, seguido de repulsa ao próprio corpo. Neste estágio, a leitora já padece de uma fragilidade emocional, o que a torna mais suscetível para incorporar os valores que a revista as submete. O veículo faz a promessa de que é possível atingir o inatingível, que é possível ser não a mulher da capa (que é humana e, portanto, imperfeita), mas a representação da modelo que estampa o periódico (essa sim perfeita).

Ontologicamente, a modelo da capa é a representação da realização de todos os desejos e do fim de todas as angústias, o que para a revista se resume em três pilares de posse: ter dinheiro para comprar o que quiser comprar, ter um corpo que é objeto de desejo dos homens e das mulheres e ter orgasmos, muitos orgasmos (ter, ter e ter).

O que isso representa, na verdade, é o instinto de morte, é Tântatos sendo produzido em escala industrial. Vende-se a solução para angústias e necessidades

ontológicas, impossíveis, portanto, de serem solucionadas. A indústria cultural faz isso em essência, mudando apenas as máscaras que a encobrem.

Isso porque a indústria cultural modificou o sistema ontogenético de repressão instintual. Se antes o princípio de realidade modificava o princípio de prazer, para direcionar parte das energias daquele para o trabalho produtivo, agora o princípio de realidade se inseriu completamente no princípio de prazer. Este foi subjugado, derrotado.

O tempo livre para a indústria é tão importante quanto o tempo de dispêndio no trabalho. Este é o templo da produção, que tem de ser maximizada; aquele, do consumo daquela produção, que também tem de ser maximizada. Esse consumo abarca, após a revolução feminista, o sexo, que passa a adotar os mesmos princípios industriais.

As técnicas sexuais, os cuidados com o corpo e a postura com a vida demonstram uma ligação direta com o consumo. As informações lidas na revista remetem a isso, com diversas páginas dedicadas a falar sobre os produtos que irão ajudar as leitoras a atingir o status da mulher da capa.

Para se cumprir o proposto pela revista, é necessário uma despersonalização. Executar, por mimese, as ordens dadas. Sair de si, rejeitar-se, abandonar-se para adotar um corpo plástico – ou líquido, na acepção de Bauman –: o corpo desejado.

Muitas das ilustrações que estampam as revistas não são de mulheres brasileiras, assim como matérias de destaque são apenas traduções da edição americana. Importa-se não só um padrão de beleza que não é o nosso, mas um padrão de comportamento externo a nossa cultura. Isso porque a homogeneização se faz importante no processo da indústria cultural. Ela é economicamente mais eficiente, já que reduz gastos e abrange o público.

O corpo é plástico, a mente é plástica, o comportamento é plástico. Uma vez moldado em tais arquétipos, a forma muda e é necessária uma nova adaptação. Por essa constante reorganização que a leitora, por mais que dedique sua vida inteira, nunca será a garota da capa em seu simbolismo, porque ela está em constante mudança. Sempre perseguido, mas nunca atingido para prender as

peças a uma constante necessidade de consumo: novas roupas, novo corpo, novo rosto, novo sexo, nova conduta.

A indústria incita uma constante necessidade de consumir, e uma vez consumido, é preciso que o consumidor não se dê por satisfeito e repita o processo *ad infinitum*.

As mulheres ficam presas ao narcisismo por uma necessidade de afirmação – afirmação do falo perdido, mas essa ânsia é modificada pelo princípio de realidade, e passa a girar em torno da relação produção/consumo. A preocupação com o corpo, com as roupas, com a beleza, ainda que com dotada de uma herança machista, carrega essa necessidade de afirmar-se.

O que torna tudo isso tão atraente é o estímulo ao inconsciente, às necessidades do princípio de prazer. A satisfação nunca será completa porque ela é regida pelo princípio de prazer. Ao levar o consumo para o reino do inconsciente, se obtém o mesmo efeito que Tântalos: uma urgência para se obter a gratificação, prazer temporário, pois em seguida surge um vazio ao notar que aquele prazer não foi suficiente e uma nova urgência pela gratificação.

Por isto a produção industrial de Tântalos: o princípio de realidade se apodera dos impulsos primários do homem, mas sob a forma de instinto de morte. Obtém-se com isso a constante necessidade de gratificação desses impulsos, que foram modificados para atender o princípio de realidade. Pois sob a forma de Tântalos, a repressão deixa de ser vista como repressão para se tornar liberdade. O homem é aprisionado num ciclo vicioso – sem saber que o é –, a lutar contra sua própria incompletude.

6. AFETO NÃO SE COMPRA COM LUBRIFICANTES

6.1 Objeto

Neste capítulo serão analisadas as capas e as reportagens de capa sobre sexo da edição americana da revista Cosmopolitan de agosto de 2009 e da edição francesa da Cosmopolitan de março de 2010 para compará-las com as edições brasileiras analisadas no capítulo anterior.

6.2 Capa

O padrão das capas é o mesmo para as edições dos três países: uma mulher famosa, jovem, atraente, que usa roupas da moda e ocupa a parte central da revista. O objetivo também é o mesmo: ela ocupa o papel de meta a ser alcançada pela leitora, de padrão de beleza, de representação dos ideais da cultura de massa. Desencadeia-se com essa representação, o processo de quatro etapas (adoração, angústia, repulsa e esperança) que fragiliza a leitora e torna a revista mais atraente.

As manchetes também giram em torno dos três grandes temas da edição brasileira. Sexo, dinheiro e beleza preenchem o espaço da capa com reportagens que incitam ao consumo.

Na capa edição francesa: um teste para descobrir se o parceiro é o homem da vida da leitora, um horóscopo que ajuda a descobrir a tigresa que há na mulher, uma matéria que ensina a reconhecer um bom amante, um especial de moda com 187 ideias de roupas e 18 presentes que dizem “eu te amo”.

Na edição americana: uma reportagem em que homens avaliam 125 movimentos sexuais que os deixam loucos, dicas para as mulheres serem cantadas o tempo todo – e deixar suas amigas incomodadas por isso –, conselhos para não estragar uma entrevista de emprego e uma reportagem chamada o encantador de orgasmos: toda mulher precisa de um.

6.3 Reportagem de capa sobre sexo

6.3.1 *The Orgasm Whisperer*¹²⁶ (o encantador de orgasmos)

A reportagem de capa da edição de agosto de 2009 fala sobre como o uso de lubrificantes íntimos vai aumentar as chances de a mulher atingir o orgasmo em toda relação sexual. A reportagem diz, em tradução livre:

Um sorriso sexy, boas mãos, quadris ritmados: não há dúvidas de que seu homem possui o necessário para te satisfazer. No entanto, há mais uma coisa que pode aumentar seriamente as chances de atingir o clímax. Especialistas concordam que lubrificantes íntimos podem fazer cada aspecto do sexo mais satisfatório¹²⁷.

A matéria correlaciona de forma direta a obtenção de um orgasmo com o uso dos lubrificantes, apesar dos *especialistas* dizerem que pode tornar mais satisfatório. Um dos subtítulos fala sobre o caráter potencializador de orgasmos do produto. Já o subtítulo da matéria diz: “dê ao seu homem uma garrafa dessa substância escorregadia e ele lhe levará à terra dos orgasmos toda vez”¹²⁸.

A reportagem conta ainda com depoimentos (citando apenas o primeiro nome) de leitoras sobre as mudanças que o uso dos lubrificantes proporcionaram para a vida sexual delas. Em seguida, tem-se sugestão de lubrificantes com o preço de cada um deles.

¹²⁶ *Cosmopolitan*, Nova York, n. 8, p. 122, agosto de 2009.

¹²⁷ A sexy smile, good hands, rhythmic Hips -no doubt, your guy has what it takes to get you off. But there's one more thing that can seriously up your odds of climaxing. Experts agree that personal lubricant, aka lube, can make every aspect of sex more satisfying.

¹²⁸ Hand your guy a bottle of this slippery stuff and he'll take you to O-town every time.

A linguagem publicitária se faz presente durante todo o texto. O ápice do caráter imperativo está num balão que diz “entre para o clube: as vendas de lubrificantes aumentaram 32% neste ano”. Fica explícito que o objetivo da pauta é vender mais lubrificante, é agregar mais valor comercial ao sexo.

Porque até o sexo precisa agregar valor comercial. Ele não é a conjunção carnal entre dois corpos, ele está ligado a uma série de pré-requisitos. É o que se faz com o corpo, é o que se consome em termos de roupas, estética, técnicas, é o lubrificante que se tem de comprar, é a revista que se compra para saber qual melhor tipo de lubrificante.

Por trás da promessa, há sempre o consumo como contrapartida. Os novos e melhores orgasmos estão sujeitos a gastos com produtos e com o aprendizado da técnica, além da preocupação estética sujeita a gastos com dietas e exercícios físicos. E a terceira temática da revista se justifica assim também, pois quanto mais elas ganharem, mais poderão consumir. A revista diz as roupas para se usar numa entrevista de emprego, o que dizer, o que fazer, o que ler.

É importante notar que por trás desse incentivo ao uso de lubrificantes, se esconde uma evidência um tanto curiosa. O sistema de produção industrial escraviza o homem à máquina. O seu comportamento, por conta de uma relação cada vez mais intrínseca com os meios de produção, tende a se artificializar. Surge um híbrido homem-máquina. O lubrificante possui um papel fundamental para o bom funcionamento da máquina. Ele reduz o impacto e evita desgastes. Para o homem-máquina, o lubrificante também se faz importante pelos mesmos propósitos. O lubrificante é a cultura industrial, é o sexo industrial, que aliena e proporciona um relaxamento das tensões provocadas pelos meios de produção.

6.3.2 *Peut-on reconnaître un bon amant? (Como reconhecer um bom amante?)*

“Escolher um homem é como jogar na loteria”, diz a reportagem de quatro páginas (sendo uma só com uma ilustração), com dicas de um “detetive do amor”

sobre características que podem evidenciar um bom amante. “Alguns sinais podem nos colocar no rumo certo. Mas nós ainda podemos ter surpresas muito desagradáveis...especialmente na cama¹²⁹”

A matéria fala ainda, sempre com tom de conversa íntima, sobre alguns hábitos e características como, por exemplo, a dança. Se um homem sabe dançar, há uma enorme probabilidade de ele ser um bom amante. Fala ainda sobre beleza e dinheiro e conclui um dos tópicos com um conselho genérico: “Para saber se um homem é perfeito, você deve se aproximar um pouco, conversar, aprender um pouco sobre sua vida¹³⁰”.

A reportagem se propõe a facilitar para a leitora o reconhecimento de um bom amante. Ela falha ao chega à conclusão de que não é fácil – e nem exato – o desafio. Mas já estava fadada ao fracasso desde o início: Não se reduz a subjetividade humana a uma série de normas e procedimentos, a menos que se elimine a subjetividade. Aí sim essas fórmulas terão efeito prático.

6.4 Resultado

A Nova é uma franquia do produto Cosmopolitan: ela importa o modelo editorial e comercial da matriz americana e faz pequenas adaptações aos costumes locais. Pequenas – e cada vez menores, pois uma vez derrubadas as barreiras que proporcionam os choques culturais, é mais fácil para a mídia produzir – e para o público digerir – um conteúdo industrializado.

As causas dessa homogeneização de conteúdo são econômicas. Ao utilizar uma matéria feita por outra edição, a revista reduz os custos de produção da pauta. Daí a necessidade para se padronizar o conteúdo: quanto menos distante essas informações parecerem para o leitor, com maior frequência elas podem ser utilizadas.

¹²⁹ Quelques signes peuvent nous mettre sur la voie. Mais on peut quand même avoir de très mauvaises surprises... surtout au lit

¹³⁰ Pour savoir si un homme a l'air parfait, il faut s'en approcher un peu, lui parler, savoir un peu de quoi est faite sa vie.

O mesmo vale para as imagens: ao firmar um padrão de beleza e exportá-lo para o mundo, aumenta-se o público e, com isso, a renda. Nota-se uma verticalização do conteúdo, que é produzido pela matriz e semeado pelas franquias com pequenas adaptações locais. Não há sequer diferença entre o biótipo das modelos utilizada nas três versões.

Além disso, a marca Cosmopolitan agrega valor de mercado, o que facilita na obtenção de anúncios, que financiam a publicação. Na edição brasileira de maio de 2008, por exemplo, das 196 páginas da revista, 87 possuem anúncios publicitários. Além disso, 21 páginas são catálogos de diversos tipos de produtos. Ou seja, das 196 páginas, 108 incitam diretamente ao consumo. Outras páginas, como as de sexo, por exemplo, fazem isso indiretamente.

Na edição de dezembro de 2008, a relação páginas/publicidade permanece a mesma. São 212 páginas, sendo 94 anúncios publicitários e 22 páginas de catálogos de produtos. Mais da metade da revista possui referências diretas ao consumo.

Como efeito colateral desses benefícios econômicos está a supressão da própria identidade. Incorporam-se valores externos alheios à própria cultura e incorporam-se valores externos alheios à própria pessoa. Força uma maioria de mulheres que não faz parte desses padrões (e é por isso que os padrões são esses) a se adequar a eles e abandonar, com isso, elementos identitários.

A legitimidade da mulher – do seu corpo, da sua imagem, da sua conduta – passa por essas revistas. O agendamento por qual se dá a legitimidade não é feito pelo jornalista, mas pelo mercado. É alheio a sua vontade, portanto, já que empresas jornalísticas são empresas e respondem ao lucro.

O culto da *beleza interior* não vende roupas, dietas. Afeto não se compra com lubrificantes. Fala-se e discute-se aquilo que é passível de investimento publicitário, sobre o que gera retorno ao anunciante, pois é a produção que cria demanda. No dia em que a maioria das mulheres forem altas, magras e de traços finos, veremos estampadas na capa mulheres baixas e gordas.

Conclui-se pelo discurso industrial hegemônico. São três países, com idiomas e culturas diferentes, mas a pauta e as imagens são idênticas. O discurso é o

mesmo, verticalizado, de massa; os valores pregados também. Uma mulher líquida, plástica, que não possui identificação consigo, pois é a todo instante impelida a ser uma outra pessoa, a possuir várias identidades e, portanto, nenhuma própria.

CONCLUSÃO

O sistema de produção de uma cultura afeta diretamente a conduta do seu povo, pois o processo civilizatório implica a renúncia dos instintos primários básicos e a sua conversão em energia produtiva. Portanto, sistemas de produção diferentes, acarretam modelos de conduta diferentes, em especial se tratando dos impulsos sexuais.

O modelo econômico atual, focado no aumento da produção e no estímulo constante ao consumo do que foi produzido, implica uma conduta consonante com o modelo produtivo, favorecendo o sistema. A submissão do ritmo humano ao ritmo da máquina, a divisão do trabalho e a exploração do trabalhador acabaram por exigir a criação de mecanismos que reduzam a tensão provocada pelo modelo produtivo repressor. A indústria cultural surge como um fenômeno dessa industrialização. Ela desenvolve um tipo particular de indústria e de cultura, marcada pela colonização do tempo livre.

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização, que passa a dizer respeito à alma, progride no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais¹³¹.

No modelo produtivo atual, não se pode dividir o tempo entre trabalho e ócio, mas entre tempo de produção e de consumo. Não há tempo livre. Quanto maior a produção, maior terá de ser o empenho em se consumir e mais intrínseco ao consumo será o tempo fora do trabalho. A indústria cultural se encarrega dessa enorme responsabilidade (já que o futuro do sistema econômico depende do aumento constante da relação produção/consumo) ao estimular o consumo e disseminar os valores de uma sociedade industrial.

A cultura de massa reforça tanto o consumo quanto o prazer, o que é importante para a indústria, na medida em que o bem estar do trabalhador acarreta ganho em produtividade. Bem disposto, ele pode render mais. Cria-se um produto que distraia, que divirta suas atenções dos problemas reais que o afligem. Ele se projeta no outro para que não lembre de si.

¹³¹ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p.13.

A indústria cultural ganha requinte e utiliza o bem estar a serviço da produtividade em todos os aspectos da vida humana. Aliena-se o trabalho, aliena-se o lazer e aliena-se o próprio corpo. O sexo passa a ser modificado para satisfazer as demandas do sistema de produção. Ele é dotado das mesmas características da cultura de massa, pois o sexo também se torna um produto.

A gênese do novo comportamento sexual reside na revolução feminista do século XX. Com a pílula anticoncepcional, as mulheres são libertadas do estigma de ser mãe, depois de centenas de métodos contraceptivos ineficazes. A maternidade se torna uma escolha e não uma consequência, colocando o sexo como fonte de prazer em primeiro plano. Os produtos da indústria cultural silenciam a essência da revolução feminista – a igualdade de direitos e o fim da subordinação da mulher – e reduzem a revolução a uma revolução de cunho sexual e não de gênero. Os veículos de comunicação moldam a nova mulher: sob uma pretensa emancipação, permanecem modelos arcaicos de conduta. A mulher continua presa à necessidade de afirmação do seu corpo e o uso da libido é explorado.

São mais convincentes as interpretações que conseguem pôr em evidência a relação contraditória entre as mulheres e o feminino, por um lado, e a cultura de massas, por outro. O que conduz a reconhecer os aspectos de real conexão entre o desenvolvimento da cultura de massas e as formas de emancipação das mulheres ou a permanência de velhas formas de feminilidade. No primeiro tipo de conexão inclui-se a capacidade dos meios de comunicação para retomar e relançar discursos de inspiração feminista, por exemplo na publicidade de “soutiens que libertam”, no final dos anos 60, ou das férias como “liberdade de escolher”, nos anos 80. No segundo tipo, cabem todas as identificações da imagem feminina com o natural, com o biológico e com a reencarnação daquilo que no nosso mundo é representado como “exótico”, como outro facilmente integrável no plano do turismo e da aparência¹³².

Com isso, tem-se a produção industrial de Tánatos. O sexo ganha requintes industriais: ele é despersonalizado, padronizados com normas e técnicas, regidos conforme a necessidade de indústria, que descaracteriza a sexualidade e o insere dentro da relação produção/consumo, reduzindo Eros à erotização, ao uso do corpo como ferramenta da indústria.

Na primeira etapa, a produção do sexo, tem-se os cuidados com o corpo, o aprendizado técnico, a conduta. Esse processo demanda gastos. O corpo da moda, a roupa da moda, a técnica da moda têm seus custos de produção. Sexo

¹³² PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente. O Século XX*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 385

não é conjunção carnal de dois corpos nus, pois ninguém está realmente nu no sexo industrial. Os participantes vestem máscaras, assumem papéis previamente concebidos. O ato começa com a concepção do ser industrial, que é sexualmente atrativo porque carrega consigo os valores propagados pela indústria.

Na segunda etapa, o consumo do sexo industrial, tem-se o sexo como válvula de escape das tensões provocadas pelo trabalho repressivo. A nova jornada de trabalho, surgida após importantes movimentos que exigiam melhores condições para os trabalhadores, não leva o operário à exaustão física, mas a adequação do homem à máquina e seu ritmo de produção mecanizado proporcionaram um desgaste mental muito grande. A conduta vitoriana, que reprimia o sexo sob todas as formas que não a para fins procriativos, é abandonada por ser ineficaz nos novos tempos. A conduta sexual é modificada para atender aos interesses produtivos e seu consumo proporciona o relaxamento tão fundamental para o início de uma nova jornada de trabalho.

Com respeito a isso confrontamos um novo e específico problema no mundo ocidental – a guerra entre eros e tecnologia. Não existe guerra entre sexo e tecnologia: as inovações tecnológicas ajudam a tornar o sexo seguro, disponível e eficiente o sexo. Sexo e tecnologia se reúnem para alcançar o “ajuste”; com a plena libertação da tensão nos fins de semana, pode-se trabalhar melhor no mundo convencional às segundas-feiras. As necessidades sensuais e a sua gratificação não estão em guerra com a tecnologia, pelo menos no sentido imediato (se estão a longo prazo é outra questão)¹³³.

O uso da libido é reforçado a partir da década de 1960, mas sua utilização pela indústria cultural é notada desde o início do século XX. Morin diz que o capitalismo, “longe de reduzir a vida humana ao ‘materialismo’, impregnou-a, ao contrário, de um onirismo e de um erotismo difusos”¹³⁴. Ao mergulhar nas profundezas do inconsciente e agir na libido e no mundo onírico que a indústria domestica Eros e transforma os produtos lançados no mercado em prazer, em desejo e em gozo.

Essas imagens que provocam o desejo masculino ditam à mulher suas condutas sedutoras. Constituem os modelos junto aos quais ela irá buscar seus poderes. As imagens mais fortemente erotizadas são da publicidade dos produtos de beleza que se destinam diretamente às mulheres consumidoras, a fim de lhes propor conquistas e vitórias. É para submeter que a mulher se submete ao ideal de sedução e aos figurinos-modelos do erotismo padronizado¹³⁵.

¹³³ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.107

¹³⁴ MORIN, Edgar; **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.120

¹³⁵ Ibidem, p. 122

O que torna o consumo tão atrativo é o estímulo ao inconsciente, às necessidades do princípio de prazer. A invasão do mundo onírico possibilita que as mensagens da indústria cultural tenham a força de vontades instintivas, que atendem a pulsão de morte – Tânatos. Como tal, a satisfação dessas necessidades nunca será completa porque ela é regida pelo princípio de prazer. Ao levar o consumo para o reino do inconsciente, se obtém o mesmo efeito que Tânatos: uma urgência para se obter a gratificação, prazer temporário, pois em seguida surge um vazio ao notar que aquele prazer não foi suficiente e uma nova urgência pela gratificação. A sensação de desconforto e de mal-estar continua, já que é ela que mantém viva a procura pela gratificação dos impulsos primários, mas a incompletude que é inerente ao ser só será eliminada com a morte, o objetivo visado por Tânatos.

Cada vez mais, os meios de comunicação – não apenas sinônimos de troca de informação, como também de publicidade e propaganda – acenam com maiores quantidades de objetos de desejo para os consumidores, fazendo crer que, um dia, o paraíso e o bem-estar prometidos por tais produtos possam ser finalmente encontrados. Desta forma, jogam com o imaginário do sujeito de forma a manter o mal-estar freudiano, uma vez que só esse mal-estar original é que pode alimentar a voracidade por produtos que irão aplacar essa insatisfação, como se fosse possível ao homem dominá-la e separá-la¹³⁶.

Com a subjugação do princípio de prazer, o sistema econômico controla o inconsciente, a parte do aparelho mental que antes era livre de controle. E se é Eros a força que pode reaver esse controle para o próprio ser, ele também foi subjugado no processo. O domínio é de Tânatos, mas de um Tânatos adaptado. A pulsão de morte, que é válvula de escape de toda repressão acumulada, que é energia sendo liberada como fim em si, é também objeto de repressão, com o usufruto da libido, da agressividade, do hedonismo a serviço da indústria.

O que está em jogo nesta discussão sobre o papel da indústria cultural é a própria essência humana. Acompanhamos, do século XIX para cá, a mecanização das relações produtivas; posteriormente, a mecanização das relações culturais e a partir da década de 60 a mecanização das relações amorosas. O choque saudável entre o princípio de prazer e o princípio de realidade foi substituído pela dominação deste sobre aquele. A luta fundamental pela vida, simbolizada pelo duelo entre Eros e Tânatos, é ameaçada por um sistema econômico que cria um estado

¹³⁶ SANTOS, Adriana Bacellar Leite e; **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p.67

permanente de ansiedade e de insegurança, que despersonaliza as relações humanas, que elimina a subjetividade.

O amante tecnologicamente eficaz, derrotado pela contradição que é a cópula sem eros, acaba por tornar-se impotente. Perdeu a força de ser arrebatado e sabe muito bem o que está fazendo. Os instrumentos deixam de ser uma ampliação da consciência, passando a ser seus substitutos, e tendendo a recalá-la e truncá-la. (...) Eros é o centro da vitalidade de uma cultura – seu coração e sua alma. E quando um alívio de tensão substitui o eros criativo está garantida a queda da civilização.¹³⁷

May (1973) afirma que o controle sobre Eros é a morte da civilização, já que ele é o princípio construtor da vida. A indústria e o modo de ser da indústria modificaram o homem e o modo de ser do homem. O trabalho mecânico, adequado ao ritmo das máquinas, é artificial. Cria-se, para tanto, um ser híbrido, que não é nem máquina muito menos homem. Aumenta-se a produtividade, fortalece-se o sistema, mas ao custo da própria humanidade.

É axiomática a análise de Freud sobre a repressão a serviço do progresso. O novo modelo dessa renúncia, com o controle do princípio de realidade sob o princípio de prazer, alterou a estrutura do aparelho mental humano, tornando confusa a própria noção do que é gratificação e do que é renúncia. Sob a forma de Tãtatos, a repressão deixa de ser vista como repressão para se tornar liberdade. O homem é aprisionado num ciclo vicioso – sem saber que o é –, a lutar contra sua própria incompletude. Marcuse considera que no desenvolvimento da civilização, a liberdade só se torna possível como libertação. O universal predomina sobre o indivíduo.

Na medida em que a psicologia rasga o véu ideológico e descreve a construção da personalidade, é levada a dissolver o indivíduo: sua personalidade autônoma surge-nos como a manifestação congelada da repressão geral da humanidade. A autoconsciência e a razão, que conquistaram e deram forma ao mundo histórico, fizeram-no à imagem e semelhança da repressão, interna e externa. Atuaram como agentes de dominação; as liberdades que acarretaram (e que foram consideráveis) cresceram no solo da escravização e conservaram essa marca de origem. São estas as perturbadoras implicações da teoria freudiana da personalidade. Ao “dissolver” a ideia da personalidade do ego em seus componentes primários, a psicologia desvenda agora os fatores subindividuais e pré-individuais que (em grande parte inconscientes para o ego) fazem realmente o indivíduo: revela o poder do universal sobre o indivíduo e neles próprios¹³⁸.

¹³⁷ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**. Petrópolis: Vozes, 1973, p.109.

¹³⁸ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.67

O que está em questão é a nossa capacidade de interagir emocionalmente, de sentir. Há de se notar que a derrocada de Eros resulta numa sociedade incapaz de sentir, de se integrar emocionalmente. Predomina o individualismo e com ele a solidão, a angústia e a ansiedade.

É claro que a revista analisada é apenas parte do processo. Não se pode imputar nela toda a responsabilidade, mas ela é um instrumento de perpetuação de um modelo que promove a despersonalização, a padronização das condutas e controle verticalizado da vontade e das emoções humanas.

O mercado absolutista da mídia exclui, em seu funcionamento, a capacidade de discernimento e de subjetivação em todas as categorias sociais, especialmente nas de menor poder aquisitivo. Seu objetivo principal parece ser transformá-las em sonhos de padronização. Estar na moda passa a ser o que importa: saber o que todo mundo sabe, vestir, ler, usar, comer, experimentar e ver o que todo mundo vê¹³⁹.

A indústria cultural, sob o véu de uma pretensa liberdade, reprime; ela gera infelicidade ao prometer felicidade; angústia e insegurança ao prometer potência. É falsa até mesmo em seu estímulo ao narcisismo e à vaidade, que longe de ser superficial apela aos anseios mais primevos do homem, com gênese em Édipo. Ao transformar a ânsia do sujeito para por um fim à incompletude em desejos materiais, em bens de consumo, a indústria cultural fornece uma nova embalagem ao mesmo produto: instinto de morte.

A mídia constitui-se num dos principais meios de difusão e capitalização do culto ao corpo como tendência de comportamento. De um lado, a mídia, de outro lado, a indústria da beleza são aspectos estruturantes da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, mantendo-a sempre presente na vida cotidiana, levando ao leitor as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendência. A imprensa escrita vem se consolidando como espaço privilegiado não só para a divulgação de informações relativas ao corpo, mas também para a inculcação de padrões de beleza e de comportamento. Para isso, a imprensa recorre ao especialista – profissional que tem espaço e sucesso garantidos em revistas femininas – para dar dicas acerca dos cuidados com o corpo no campo da sexualidade, moda, dieta, beleza e exercícios físicos.¹⁴⁰

Como consequência de tudo isso, diz a psicanálise de Rollo May, reside a perda do elemento demoníaco, ator de Eros na construção da vida.

O Demoníaco

¹³⁹ SANTOS, Adriana Bacellar Leite e; **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p.69

¹⁴⁰ SANTAELLA, Lúcia; **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**; São Paulo: Paulus, 2004, p.127

O psicanalista Rollo May define o demoníaco como o impulso do ser para afirmar-se, perpetuar-se, para alcançar o outro, para criar, ampliar a vida e civilizar. Sua definição não foge do que outros pensadores definiram em tempos passados. A etimologia da palavra vem do grego “daimon”, que significa a voz interior, que se manifesta do inconsciente para o consciente.

Demoníaca é toda e qualquer função natural que tenha o poder de apossar-se de toda a pessoa. Sexo e eros, ira, raiva e ambição de poder são exemplos. O demoníaco pode ser construtivo ou destrutivo, e em geral é ambas as coisas. Quando tal força se desvia e um elemento usurpa o controle de toda a personalidade temos a “possessão demoníaca”, nome tradicional, através dos tempos, da psicose. O demoníaco, evidentemente, não é uma entidade, mas refere-se a uma função fundamental, arquetípica da experiência humana – uma realidade existencial do homem moderno e, ao que sabemos, de todos os homens¹⁴¹.

May diz que o demoníaco não é a consciência em si, que é um produto social relacionado com a força do superego. O demoníaco é um arrebatamento que emerge do fundamento do ser e se revela principalmente na criatividade. A etimologia de *gênio* é a mesma de *demônio*.

O demônio oferece orientação individual em situações particulares. Demoníaco foi traduzido para o latim como *genii* (ou *jinii*). Trata-se de um conceito da religião romana donde advém nosso vocábulo (*genius*) e que anteriormente significava divindade tutelar, o espírito que presidia sobre o destino da pessoa e mais tarde se tornava um dote ou talento mental. Como “*genius*” (da raiz latina *genere*) significa gerar, procriar, o demoníaco é a voz dos processos geradores no íntimo do indivíduo. É o padrão singular de sensibilidades e forças que constituem o indivíduo como um self em relação ao seu mundo¹⁴².

Esse arrebatamento – expressão da subjetividade, força manifesta do inconsciente – se orientado, proporciona ao ser um conhecimento maior de si e a possibilidade de ser afirmar e de se envolver afetivamente com outros seres. O ímpeto para a união que o demoníaco provoca em nome de Eros se manifesta sob a forma de empatia, amor, de posse e de possessão. É no elemento demoníaco que se tem a possibilidade de abertura ao instinto criador de Eros, onde reside a vitalidade orgânica.

O demoníaco precisa ser orientado e canalizado. É aí que a consciência humana se torna tão importante. De início, sentimos o demoníaco na forma de um cego impulso, impessoal no sentido de tornarmo-nos um instrumento da natureza. Impulsiona-nos para a cega afirmação de nós mesmos, como que irado, ou em direção ao triunfo da espécie, impregnando a fêmea, no amor sexual. (...) Mas o consciente pode integrar-se no demoníaco, torná-lo pessoal¹⁴³.

¹⁴¹ MAY, Rollo. **Amor e vontade: Eros e repressão**; Petrópolis: Vozes, 1973, p.136

¹⁴² Ibidem, p.139

¹⁴³ Ibidem, p.140

Quando o demoníaco é recalcado, ele tende a surgir sob formas de agressão e psicopatologias. É a linha tênue que separa o artista do neurótico ou o gênio do louco. Em ambas os exemplos, gênios e loucos, artistas e neuróticos, conseguem tornar conscientes as angústias e recalques que são inconscientes ao restante das pessoas. São as antenas da sociedade, na expressão de Ezra Pound. O que diferencia um do outro é a capacidade de converter – graças ao demoníaco – a repressão em algo benéfico para o *self*.

A arte e a neurose têm, ambas, uma função profética. Uma vez que a arte é comunicação jorrando de planos inconscientes, ela nos apresenta uma imagem do homem que no momento só se encontra presente naqueles membros da sociedade que, em virtude de uma extrema sensibilidade, vivem nos limites dessa sociedade – com um pé no futuro, por assim dizer. Sir Herbert Read afirmou que o artista antecipa a experiência científica e espiritual da raça. ¹⁴⁴

O demoníaco é a expressão do *self*, da subjetividade. É um elemento pertencente a Eros, que, se desenvolvido e estimulado, carrega consigo o ímpeto da afirmação, da perpetuação, de criação, fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade. Se reprimido ou recalcado, o demoníaco subverte e se apodera do *self*, acarretando em agressividade e neurose. O antidemoníaco é a apatia, é a esquizoidia. A supressão do princípio de prazer e do instinto de vida recalcam o demoníaco ao negar a ação de Eros.

Eros, infuso no todo, chama-nos com sua força e a promessa de que talvez de torne a nossa força. E o elemento demoníaco – aquela voz enigmática, que é ao mesmo tempo a nossa força criadora – conduz-nos à vida se não matarmos essas experiências demoníacas, mas as aceitarmos com o senso da preciosidade do que somos e do que é a vida¹⁴⁵.

O demoníaco é tanto construtivo quanto destrutivo, por isso precisa ser canalizado. Recalcado, resulta em apatia, desumanização e angústia. O risco que a civilização enfrenta ao negar o elemento demoníaco é a de incutir em seus habitantes todos aqueles distúrbios que derivam do recalque.

Quando o demoníaco assume por completo, a unidade do *self* e o relacionamento são rompidos, fato confessado por quem diz: “não pude controlar-me, agi como que em sonho, não tinha consciência de mim mesmo”. O demoníaco é a força elementar pela qual a pessoa se salva do horror de não ser ela mesma, de um lado, e de outro, não sentir ligação ou impulso vital em relação a outra pessoa¹⁴⁶.

Enquanto a despersonalização e a objetivação das relações são benéficas para o sistema, o estímulo à subjetividade e à utilização do demoníaco é benéfico ao homem. O argumento final de May é que quanto mais reconhecido for o

¹⁴⁴ Ibidem, p, 20

¹⁴⁵ Ibidem, p. 360

¹⁴⁶ Ibidem, p.164

elemento demoníaco, mais capaz será o homem de utilizar o conhecimento em benefício próprio e da humanidade.

Os Arquétipos do Princípio de Realidade e o Eros Órfico e Narcísico

Marcuse (1999) argumenta que a razão é definida como um instrumento de supressão dos instintos desde o início da civilização. Para ele, a afirmação de Freud (que seguia uma tradição histórica) de que a fantasia retém uma verdade incompatível com a razão é improcedente, pois a fantasia é cognitiva, já que nela as imagens irracionais de liberdade tornam-se racionais. Diz Marcuse:

A insistência que em que a imaginação fornece padrões para as atitudes, a prática e as possibilidades históricas existenciais manifesta-se como fantasia pueril. Somente os arquétipos, os símbolos foram aceitos; e o seu significado é usualmente interpretado em termos dos estágios filogenéticos ou ontogenéticos, há muito ultrapassados, não em termos de uma maturidade individual e cultural¹⁴⁷.

O estudo dos arquétipos e da formação dos heróis ao longo da civilização demonstra o princípio de realidade infiltrado no inconsciente coletivo. Esses heróis culturais, nas palavras de Marcuse, são responsáveis por propagar o princípio de realidade – e a força do trabalho frente às necessidades instintivas – ao persistir na imaginação como aqueles que salvaram a humanidade com seu sacrifício. O exemplo máximo é Prometeu, que, segundo a mitologia grega, é o criador da raça humana. Foi ele quem roubou o fogo dos deuses para dar aos homens. Por conta disso, foi punido por Zeus.

E logo de saída defrontamos com o fato de que o herói cultural predominante é o embusteiro e o rebelde (sofredor) contra os deuses, que cria a cultura à custa do sofrimento perpétuo. Ele simboliza a produtividade, o esforço incessante para dominar a vida; mas, na sua produtividade, abençoada e maldita, o progresso e o trabalho sofrido estão inextricavelmente interligados. Prometeu é o herói arquétipo do princípio de desenvolvimento. E no mundo de prometeu, Pandora, o princípio feminino, sexualidade e prazer, surge como maldição – desintegradora, destruidora. “Por que são as mulheres tal praga? A denúncia do sexo, com que termina a seção [sobre Prometeu, em Hesíodo], enfatiza, acima de tudo, a improdutividade econômica das mulheres; são umas parasitas sem préstimo; um artigo de luxo no orçamento de um homem pobre”. A beleza da mulher e a felicidade que ela promete são fatais no mundo de trabalho da civilização¹⁴⁸.

Prometeu é o símbolo do esforço, da labuta, do progresso pela repressão. Marcuse argumenta que se ele é o herói que representa a renúncia, então outros símbolos, desta vez em um pólo oposto, precisam ser incorporados à cultural para um novo princípio de realidade, um que reconcilie

¹⁴⁷ MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999, p.147

¹⁴⁸ Ibidem, p.147

Eros e Tânatos. São eles Orfeu e Narciso. O filósofo alemão explica que os dois são antagonistas de Prometeu – e do princípio de realidade – por representarem outra realidade. Por conta desse antagonismo, não conseguiram se converter em heróis convencionais da cultura ocidental. Sua imagem é da fruição pura, da liberdade, da paz que advém com o fim da labuta.

Na mitologia grega, Orfeu era tido como o maior músico de todos. Seu canto acalmava as sereias e sua lira era capaz de adormecer Cérbero, o cão de três cabeças que vigiava o reino de Hades.

Narciso também faz parte da mitologia grega. Era possuidor de uma beleza única, incomparável a de outros mortais. Por conta disso, desprezava suas pretendentes, que pediram vingança aos deuses. Por conta de seu orgulho, foi condenado por Nêmesis, deusa da vingança e da ética, a se apaixonar pela própria imagem, que viu refletida em um rio. Definiu enquanto se embelezava sob o reflexo da água.

As imagens de Orfeu e Narciso reconciliam Eros e Tânatos. Relembrem a experiência de um mundo que não vai ser dominado e controlado, mas liberado – uma liberdade que desencadeará os poderes de Eros agora sujeitos nas formas reprimidas e petrificadas do homem e da natureza. Esses poderes são concebidos não como destruição, mas como paz, não como terror, mas como beleza. É suficiente enumerar as imagens reunidas, a fim de circunscrever-se a dimensão a que elas se encontram vinculadas: a redenção do prazer, a paralisação do tempo, a absorção da morte; silêncio, sono, noite, paraíso – o princípio de nirvana, não como morte, mas como vida¹⁴⁹.

Marcuse considera que as imagens do mundo órfico e narcísico são contrastantes com as dos heróis da cultura prometeica, que são úteis, ao contrário das outras, poéticas, mas não possuidoras de mensagens positivas. No entanto, são contextos diferentes para duas mensagens morais. Herbert Marcuse diz que o Eros órfico e narcísico liberta as potencialidades suprimidas pela realidade não-erótica.

A experiência órfica e narcísica do mundo nega aquilo que sustenta o mundo do princípio de desempenho. A oposição entre homem e natureza, sujeito e objeto, é superada. O ser é experimentado como gratificação, o que une o homem e a natureza para que a realização plena do homem seja, ao mesmo tempo, sem violência, a plena realização da natureza¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Ibidem, p.150

¹⁵⁰ Ibidem, p.151

Narciso rejeita Eros para adotar um Eros próprio, afinal ele não sabe que a imagem que admira é a sua. Para Marcuse, a atitude erótica do herói é afim da morte e a acarreta, imperando o princípio do nirvana em todos os estágios. Prova disso é que após a morte Narciso continua a viver como uma flor.

Ao associarmos Narciso e Orfeu, interpretando ambos como símbolos de uma atitude erótica não-repressiva em relação à realidade, tomamos a imagem de Narciso da tradição mitológico-artística, em vez da teoria da libido de Freud. Talvez agora estejamos em condições de encontrar alguma base para corroborar a nossa interpretação, no conceito freudiano de narcisismo primário. É significativo que a introdução do narcisismo na psicanálise tenha assinalado um momento decisivo no desenvolvimento da teoria do instinto: a hipótese de instintos independentes do ego (instintos de autopreservação) foi abalada e substituída pela noção de uma libido não diferenciada e unificada, anterior à divisão em ego e objetos externos. Com efeito, a descoberta do narcisismo primário significou mais do que adicionar apenas mais outra fase ao desenvolvimento da libido; com ele ficou à vista o arquétipo de outra relação existencial com a *realidade*. O narcisismo primário é mais do que o auto-erotismo; abrange o “meio”, integrando o ego narcisista e o mundo objetivo. A normal relação antagonica entre ego e realidade externa é apenas uma forma e estágio ulterior da relação entre ego e realidade¹⁵¹.

Orfeu e Narciso protestam contra a ordem repressiva da sexualidade procriadora. Ambos rejeitam o Eros normal na procura por um Eros mais pleno. São os arquétipos que simbolizam um novo modelo de conduta, um novo princípio de realidade.

No mundo simbolizado pelo herói-cultural Prometeu trata-se da negação de toda a ordem; mas nessa negação Orfeu e Narciso revelam uma nova realidade, com uma ordem própria, governada por diferentes princípios. O Eros órfico transforma o ser; domina a crueldade e a morte através da libertação. A sua linguagem é a canção e a sua existência é a contemplação. Essas imagens referem-se à dimensão estética como sendo aquele em que o princípio de realidade das mesmas deva ser procurado e validado¹⁵².

Marcuse (1999) acredita que a filosofia estética é capaz de libertar a humanidade para uma ordem não-repressiva, pois homem e natureza, objetivo e subjetivo se harmonizariam. Não havendo mais fonte de desejo (com o imperativo do princípio de Nirvana), o homem se encontraria livre da repressão e do sofrimento. Para a filosofia estética, a rendição erótica à beleza une a existência com a natureza e os homens se tornam livres, suscetíveis apenas às leis da exibição e da beleza¹⁵³.

Rumo à Civilização não-repressiva: A Transformação da Sexualidade em Eros

¹⁵¹ Ibidem, p.152 et seq.

¹⁵² Ibidem, p.155

¹⁵³ Ibidem, p.172

O caminho para uma ordem não-repressiva passa pela transformação da sexualidade em Eros. Essa transformação, no entanto, só será possível a partir de um novo sistema econômico, já que este possui as rédeas da conduta instintual humana. Reprimem-se os impulsos primários, especialmente os impulsos sexuais, por necessidade, já que não existem meios suficientes para sustentar a vida sem o trabalho. Supõe-se, portanto, que no momento em que o sistema produtivo possibilitar a sobrevivência de seus habitantes com o mínimo de esforço da parte deles, haverá uma mudança na ordem repressiva. É o que Marcuse argumenta:

A ordem não-repressiva é, essencialmente, uma ordem de abundância: a necessária restrição é mais provocada pela “superfluidade” do que pela necessidade. Só uma ordem de abundância é compatível com a liberdade. Nesse ponto, encontram-se as críticas idealista e materialista da cultura. Ambas concordam em que a ordem não-repressiva só se torna possível no grau supremo de maturidade da civilização, quando todas as necessidades básicas podem ser satisfeitas com um dispêndio mínimo de energia física e mental, num mínimo de tempo¹⁵⁴.

O problema dessa assertiva é que com a penetração do princípio de realidade sob o princípio de prazer, aquele atua disfarçado de Tântatos, e necessidades que antes não eram básicas para o *self* passam a ser, criando um empecilho para a ordem não-repressiva. Surgem-se novas necessidades para que a ordem de abundância não se torne possível.

A mudança da ordem repressiva para uma ordem não-repressiva só será possível com a mudança do sistema econômico. Em seu materialismo histórico, Marx argumenta que as relações sociais são interligadas às forças produtivas. A mudança dessas forças modifica o modo de produção do homem além das suas relações sociais. A mudança da superestrutura de uma sociedade passa, inexoravelmente, pela mudança da infraestrutura, ou seja, do sistema de produção.

Marcuse afirma que a conduta da nova civilização em relação aos instintos sexuais é parte determinante para uma ordem não-repressiva dos instintos sexuais, pois ela só possível e benéfica se for capaz de desenvolver relações eróticas duradouras, compreendidas por ele como a capacidade de promover o progresso para as formas superiores de liberdade. Uma erotização de todas as relações

¹⁵⁴ Ibidem, p.172

interpessoais, que na sociedade de consumo estão limitadas ao lazer, e como preparação para o intercurso genital.

Sob o domínio do princípio de desempenho, a catexe libidinal do corpo do indivíduo e as relações libidinais com os outros estão normalmente limitadas ao período de lazer e dirigidas para a preparação e execução do intercurso genital; só em casos excepcionais, com um elevado grau de sublimação, às relações libidinais é consentido que penetrem na esfera do trabalho. Essas restrições, impostas pela necessidade de conservar uma vasta proporção de energia e tempo aos labores não-gratificantes, perpetuam a dessexualização do corpo, a fim de que o organismo seja o sujeito-objeto de desempenhos socialmente úteis. Inversamente, se o tempo e energia de trabalho forem reduzidos a um mínimo, sem uma correspondente manipulação do tempo livre, as bases de tais restrições seriam abaladas. A libido libertar-se-ia e extravasaria dos limites institucionalizados em que é mantida pelo princípio de realidade¹⁵⁵.

A sexualidade é domesticada na sociedade de consumo. Eros é subnutrido e incapaz de se relacionar profundamente com o ser. O modelo de exploração do trabalho e a repartição do capital são repressivos aos instintos além do necessário para manter os interesses do controle e da ordem social. A isso, Marcuse dá o nome de mais-repressão, que surge do trabalho alienado.

Esse fato novo não observado por Freud (em decorrência da cronologia dos seus estudos) faz Marcuse modificar o termo princípio de realidade para princípio de desenvolvimento, que passa a englobar o aparelhamento tecnológico, político e econômico de dominação.

Esse refinamento cultural da sexualidade, essa sublimação do amor, tem lugar numa civilização que estabeleceu relações possessivas particulares separadas e, num aspecto decisivo, conflitantes com as relações sociais de posse. Enquanto, fora do privatismo da família, a existência do homem foi principalmente determinada pelo valor de troca dos seus produtos e desempenhos, sua vida no lar e na cama foi impregnado do espírito da lei divina e moral. Supôs-se que a humanidade era um fim em si e nunca um simples meio; mas essa ideologia era efetiva mais nas funções privadas do que nas sociais dos indivíduos; mais na esfera da satisfação libidinal do que na do trabalho. A força plena da moralidade civilizada foi contra o uso do corpo como mero objeto, meio, instrumento de prazer; tal coisificação era tabu e manteve-se como infeliz privilégio de prostitutas, degenerados e perversos¹⁵⁶.

Marcuse explica que com a abolição da mais-repressão que é requerida pelo princípio de desempenho esse comportamento seria invertido; conforme a divisão do trabalho se reorientasse para a gratificação das necessidades individuais, a coisificação iria se reduzir nas relações sociais. O corpo deixaria de ser usado como instrumento de trabalho em tempo integral e seguiria em

¹⁵⁵ Ibidem, p.176

¹⁵⁶ Ibidem, p.176

direção a um processo de ressexualização. Isso representaria o fim da supremacia genital, já que todo corpo seria objeto de catexe e todas as zonas erotogênicas seriam reativadas.

O argumento do filósofo alemão é que tal fato significaria uma mudança profunda no valor das relações libidinais, o que seria capaz de levar a uma desintegração das instituições em que foram organizadas as relações privadas, a família monogâmica e patriarcal em particular.

A libido só pode tomar a estrada da auto-sублиmação como um fenômeno social: como uma força irreprimida, só pode promover a formação de cultura sob condições que relacionam mutuamente os indivíduos associados na cultura do meio para fazerem frente a suas crescentes necessidades e empregarem suas crescentes faculdades. A reativação da sexualidade polimórfica e narcisista deixa de ser uma ameaça à cultura e pode levar, ela própria, à criação cultura, se o organismo existir não como um instrumento de trabalho alienado, mas como um sujeito de auto-realização – por outras palavras, se o trabalho socialmente útil for, ao mesmo tempo, a transparente satisfação de uma necessidade individual. (...); na civilização madura só pode ser encarada como o resultado de libertação. Sob tais condições, o impulso para “obter prazer das zonas do corpo” poderá ampliar-se para buscar seu objetivo em duradouras relações libidinais, cada vez mais numerosas, visto que essa expansão aumenta e intensifica a gratificação do instinto. Além disso, nada existe na natureza de Eros que justifique a noção de que a “extensão” do impulso esteja confinada à esfera corporal. Se a separação antagônica da parte física da espiritual do organismo é, em si mesma, o resultado histórico da repressão, a superação desse antagonismo franquearia a esfera espiritual ao impulso. A ideia estética de uma razão sensual sugere tal tendência. É essencialmente diferente da sublimação, na medida em que a esfera espiritual se torna o objeto “direto” de Eros e continua a ser um objeto libidinal: não se verifica qualquer mudança na energia ou na finalidade¹⁵⁷.

Esse processo não envolveria somente a descarga da libido, mas a sua transformação, resultado de uma erotização total da personalidade. A transformação da libido a qual Marcuse se refere proporcionaria o livre jogo – e gozo – das faculdades individuais. A erotização das relações não-libidinais proporcionaria a transformação do alienado, que usa Tântatos como instrumento de alívio de tensão, para uma liberdade advinda da individualização das suas necessidades e satisfações.

O que distingue o prazer da cega satisfação de carências e necessidades é a recusa do instinto em esgotar-se na satisfação imediata, é a sua capacidade para construir e usar barreiras para a intensificação do ato de plena realização. Embora essa recusa instintiva tenha feito o trabalho de dominação, também pode servir à função oposta: erotizar as relações não-libidinais, transformar a tensão e o alívio biológicos em livre felicidade. Deixando de ser empregadas como instrumentos para reter os homens em desempenhos alienados, as barreiras contra a gratificação absoluta converter-se-iam em elementos de liberdade humana; protegeriam aqueloutra alienação em que o prazer se origina – a alienação do homem, não de si mesmo, mas da natureza: sua livre auto-realização. Os homens existiriam como indivíduos, realmente, cada um deles moldando

¹⁵⁷ Ibidem, p.183 et seq.

sua própria vida; defrontar-se-iam mutuamente com necessidades e modos de satisfação verdadeiramente diferentes – com suas próprias recusas e suas próprias seleções. A ascendência do princípio de prazer engendraria assim antagonismos, dores e frustrações – conflitos individuais na luta pela gratificação. Mas esses conflitos teriam, em si próprio, um valor libidinal: estariam impregnados da racionalidade de gratificação. Essa racionalidade *sensual* contém suas próprias leis morais¹⁵⁸.

É em condições não-repressivas que a sexualidade se transforma em Eros, que luta pela perpetuação em uma ordem permanente. A primeira resistência dessa luta se encontra no domínio da necessidade. No entanto, todo o desenvolvimento tecnológico que proporcionou o controle sobre a natureza não eliminou a necessidade por trabalho alienado e mecânico; ao contrário, o estimulou. O surgimento de uma liberdade universal não ocorreu, assim como a pobreza que avassala o mundo ainda é predominante. O atual sistema econômico é incapaz de proporcionar uma auto-realização do sujeito, de libertar o homem para uma experiência completa e gratuita das suas relações afetivas. Ao invés disso, o sentimento de culpa é explorado, o inconsciente é invadido, Eros é dominado e o racionalismo em nome do progresso castra a humanidade dos homens, quimeras robotizadas.

Marcuse é otimista: para ele, o progresso da alienação aumenta o potencial de liberdade, pois quanto mais externo se tornar o trabalho necessário ao indivíduo, menos ele envolverá o homem no domínio da necessidade. Com a redução do tempo e da energia desenvolvidas no exercício laboral, o tempo livre será determinante, o que representará um domínio do livre jogo das faculdades mentais. Para ele, o elemento lúdico será capaz de gerar novas formas de descobrimento de si e do mundo.

E ao transformar a sexualidade em Eros, os instintos de vida irão desenvolver uma ordem sexual que tornará a razão sensual ao organizar a necessidade em termos de proteção dos instintos de vida. É nas raízes de uma experiência estética, diz, que se assumirá uma nova realidade.

A luta pela existência assumirá uma nova racionalidade e se tornará cooperação para o livre desenvolvimento das necessidades individuais. Surge uma divisão de trabalho própria, com hierarquia e prioridades particulares. Razão e felicidade convergem. “A herança histórica do princípio de desempenho é a administração não de homens, mas de coisas: a civilização madura depende, para

¹⁵⁸ Ibidem, p.197

seu funcionamento, de uma multidão de arranjos coordenados¹⁵⁹. Será o fim não da repressão, mas da mais-repressão, que é repressiva das potencialidades humanas.

O que Marcuse deixa debater em sua análise é que não há mais tempo livre, já que o tempo utilizado fora do trabalho é pautado pelo princípio de realidade – ou princípio de desenvolvimento. O espaço lúdico não é livre da realidade repressiva, mas é a realidade repressiva disfarçada. Fonte de obtenção dos valores da sociedade de consumo. O ambiente fora do trabalho é pautado pelo consumo que, com o domínio do inconsciente, assume o caráter de necessidade primária. A própria fuga da repressão é repressiva. O entretenimento é tão alienante quanto o ambiente de trabalho. O sexo também é contaminado pelo manto industrial; é fonte de relaxamento.

Portanto, não é plausível a crença de que uma nova ordem instintual possa surgir dentro do atual modelo de produção, pois ela se tornaria antítese do próprio modelo que a constituiu. Um novo sistema econômico se faz necessário para uma nova ordem instintual. Não se extinguirão as repressões, base do processo civilizatório, mas também as potencialidades humanas não serão extintas por elas. A grande questão, como bem ressaltou Marcuse, é diferenciar a repressão da mais-repressão.

Freud, ao contrário de Marcuse – que o critica por isso –, acreditava ser impossível superar o estado de carência. Para ele é eterna e irreduzível a luta pela existência, assim como é eterno e irreduzível o conflito entre o princípio de prazer e princípio de realidade. O processo de repressão é inevitável.

A crítica que Marcuse faz a esse pensamento é a de que a teoria freudiana não conseguiu reconhecer a exploração do trabalho e a divisão do capital, que representam um excesso em relação ao que seria necessário para a existência da civilização. Esse excesso de repressão pulsional se manifesta como potencializador das restrições que são fundamentais para manter os interesses do controle social. Dessa forma, faltou a Freud a consideração sobre a distinção entre as exigências do princípio de realidade e as exigências que alguma forma

¹⁵⁹ Ibidem, p.194

específica de dominação nos impõe em nome de uma determinada realidade, ou entre a repressão e a mais-repressão.

No entendimento freudiano, não haverá possibilidade de uma ordem não-repressiva sem que a humanidade retorne a um estágio pré-civilizatório, pois o fortalecimento dos instintos de vida é um objetivo inalcançável pela civilização, que é fundada na supressão dos instintos. É por conta disso que ela tende inevitavelmente para a autodestruição, uma vez que tem como base o trabalho e a sublimação, que enfraquecem as pulsões de vida, deixando prevalecer as pulsões destrutivas.

Já na acepção de Marcuse, a ordem não-repressiva é possível, pois para ele é o princípio de desempenho que impõe restrições aos instintos. Portanto, se as instituições do princípio de desempenho se tornarem obsoletas, a própria organização repressiva dos impulsos instintuais também se tornará obsoleta.

É necessária uma mudança no sistema econômico para que haja essa nova ordem não-repressiva aos moldes do que Marcuse defende. Há de considerar para tanto que o atual modelo produtivo é insustentável, tendo em vista a escassez dos recursos naturais. Esse fato, que é concreto e cada vez mais próximo, resultará em um novo modelo de conduta. A necessidade do aumento de produção e a ânsia instintual por consumo terão de dar lugar à temperança e à moderação. O princípio de desempenho se tornaria obsoleto em tais circunstância, deflagrando também a queda de toda uma ordem de supressão dos instintos e das potencialidades humanas. Eros poderá despertar de seu sono profundo para salvar a humanidade do abismo que ela cavou com seus próprios pés.

Uma Nova Práxis Midiática

Na sociedade de consumo, a dominação se dá por meio de um processo de apropriação da estrutura instintiva e do aparelho mental humano. Com o domínio sobre o inconsciente, é possível obter a internalização do consumo e a criação de falsas necessidades.

A mudança social só será possível com uma revolução na base instintiva humana, que deverá precedida por uma modificação do sistema econômico, pois

só desta maneira os homens poderão despertar para as suas verdadeiras necessidades, aquelas que pressupõem uma qualidade de vida digna de todo ser humano.

Isso porque o sistema capitalista adota a mais-repressão como forma de manter vivo seu modelo econômico, que, em longo prazo, está fadado ao fracasso: da humanidade ou do sistema. À nossa escolha.

Marcuse defende que a mais-repressão só será eliminada dialeticamente. A superação do trabalho alienado se dará com a consumação dessa alienação por parte dos homens. A mudança dialética proporcionaria o ressurgimento de Eros e, com ele, do livre jogo das faculdades humanas.

Um dos instrumentos para a mais-repressão é a indústria cultural, responsável pelo surgimento de uma sociedade de consumo. Ela possui um papel importante na perpetuação do sistema econômico industrial: ela produz os modelos de conduta, reforça a figura dos arquétipos que definem a imagem dos heróis culturais e amplifica os anseios da indústria. A cultura de massa tem poder personificador: é a voz e a face da sociedade de consumo.

Por ser a mídia uma indústria em essência, já que vende produtos e serviços e objetiva primariamente o lucro, não dá para dissociá-la do pensamento capitalista. Se a empresa de cigarros quer que seu consumidor fume cada vez mais, a emissora de TV também quer que seu telespectador gaste cada vez tempo assistindo a sua programação. É justamente essa ânsia voraz que desencadeia a bola de neve da alienação.

É por conta do seu caráter industrial que uma mudança midiática terá, inevitavelmente, de passar por uma mudança econômica. Esse determinismo procede por conta dos veículos de comunicação serem também um tipo específico de indústria. Não se dissociando desse fato, os veículos de comunicação irão perpetuar o modelo repressivo vigente.

O agendamento desses conteúdos não é realizado pela figura do jornalista, mas pelo próprio financiador do conteúdo. Ao profissional da imprensa, cabe a formulação do produto em consonância com o agente capitalizador. Afinal, um produto que dispõe de mais de metade de suas páginas voltadas exclusivamente

para o consumo não o faz por decisão própria. Muito maior que a vontade do editorialista, está a vontade do poder econômico. Sobrevivem no mercado os veículos que reafirmam o modelo econômico de produção.

O outro problema reside na má formação dos profissionais da imprensa, que já estão inseridos completamente na ordem repressiva. Criados desde cedo com a indústria cultural, eles incorporam tais valores e princípios e os reproduzem como naturais. A formação dos profissionais também é técnica e prática: manipulam a forma, mas são manipulados no conteúdo.

Uma nova práxis midiática surgiria da insubordinação ao modelo econômico, de uma independência dos veículos de imprensa em relação ao sistema produtivo. Na impossibilidade dessa autonomia, a mídia só teria chances de ser plena em seu exercício em um sistema econômico menos repressivo e mais justo. Enquanto a mídia for industrial, seu comportamento será industrial.

Não cabe à imprensa o papel de reafirmar e legitimar os costumes da sociedade de consumo, mas de questionar. O jornalista é um contestador por natureza. O segundo ponto para uma práxis midiática não repressiva consiste na melhor formação dos profissionais da mídia, para que possam compreender o processo dominador e alienante e assim promover a discussão sobre a funcionalidade do sistema.

A formação dos profissionais da mídia não pode ser aos moldes da indústria, tecnológica, profissionalizante, em consonância com uma demanda do mercado. O comunicador precisa de uma formação sólida, universal, que estimule o livre exercício das faculdades humanas. Só uma formação universal, humanitária e contestadora que o comunicador estará a par de suas obrigações, de seus deveres de profissional e de pessoa.

Uma imprensa reflexiva, questionadora de si e da sociedade constitui um poder a serviço das pessoas e não do sistema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ADORNO, Theodore; **Dialética do Esclarecimento**; Rio de Janeiro: Jorge

AMOURETTI, Marie-Claude; RUZÉ, Françoise. **O Mundo Grego Antigo**. Lisboa: Dom Quixote, 1993

ANDERSON, Perry. **Passagem da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989

BASTIDE, Roger. **Sociologia e psicanálise**. São Paulo: Melhoramentos, 1974

BEAUCHAMP, Chantal. **Revolução Industrial e Crescimento Econômico no séc. XIX**. Lisboa: edições 70, 1998

CABRAL, Juçara Teresinha. **A Sexualidade no Mundo Ocidental**. São Paulo: Papyrus, 1999

CIPOLLA, Carlo M. **História Económica da Europa Pré-industrial**. Lisboa: Edições 70, 1991

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2003

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984

FOUCAULT, Michel; **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2003.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund. **Ego e Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund. **Inibições, Sintomas e Angústias**. Rio de Janeiro: Imago, 1998

FREUD, Sigmund. **Mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 2001

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2006

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital (1848-1875)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

HUXLEY, Aldous; **Admirável Mundo Novo**; Rio de Janeiro: Globo, 2001.

JONES, Peter V (org). **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

LACAN, Jacques. **Seminário 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

LACAN, Jacques. **Seminário 4: A relação do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

LAGRAVE, Rose-Marie. **Uma Emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise de discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000

MANTEGA, Guido. **Sexo e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura**. São Paulo: Paulus, 2003

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

MARCUSE, Herbert; **Eros e Civilização**; Rio de Janeiro: LTC, 1999

MARTÍNEZ, Soares. **Economia Política**. Coimbra: Almedina, 1998

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro, 2005

MAY, Rollo. **Eros e repressão: amor e vontade**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1987

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX, Vol. 1: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX, Vol. 2: Necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003

NOUSCHI, Marc. **O século XX**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999

PASSERINI, Luisa. **Mulheres, consumo e cultura de massas**. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. O Século XX**. Porto: Afrontamento, 1991

PERROT, Michelle... [et al], **História da Vida Privada, volume 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (orgs.), **Cultura de massa**. São Paulo: Cultrix, 1973

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintomas da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004

SANTOS, Adriana Bacellar Leite e; **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SODRÉ, Muniz; **O império do Grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

TANNAHILL, Reay, **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983

VEYNE, Paul. **A sociedade romana**. Lisboa: Edições 70, 1993

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

ANEXO A

Capa da edição de março de 2008 da revista Nova

COSMOPOLITAN

NOVA

Fabulosa Flávia

VISTA-SE NO BAZAR DE NOVA. PEÇAS A PARTIR DE R\$ 49

sexo preliminares explosivas

o jeito de agarrar, jogar na parede, arfancar a roupa, beijar, morder, falar sacanagem... que você adora. Está tudo aqui. Mostre a ele esta noite

rica aos 30

salários entre 7 e 15 mil reais, altos cargos, prestígio nas empresas. Chegou a sua vez, agarre esta chance

muito mais bonita

• vida nova para seu **rosto!** Chegou a última safra de peelings, lasers e pilulas • dossiê da **tintura:** as cores da moda, as ímãs de homens, as certas para você • o passo-a-passo para pintar o cabelo em casa • **cosméticos** de 5 a 30 reais

o poderoso Oráculo da Cabala que as mulheres estão consultando

• você se sente a salvo do HIV? Não caia nessa armadilha. Pode ser fatal

www.nova.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

EDIÇÃO 414 ANO 36 Nº 3 MARÇO 2008

ANEXO B

Capa da edição de maio de 2008 da revista Nova



COSMOPOLITAN

NOVA

Irresistível
Paola Oliveira!

ALERTA:
PARE DE
ENGOLIR TANTO
SÓDIO

sexp oral

o céu é o limite!

são 7 posições alucinantes, gel que vicia os homens, a depilação nota 10 em prazer, dúvidas de higiene, o que fazer se ele não é adepto. Que dossiê sexy...

as franquias que estão enchendo o boiso de mulheres espertas de dinheiro

Será que ele anda me enrolando?' NOVA usou o detector de mentiras em 4 suspeitos e descobriu tudo. T-U-D-O!



cura para uma crise pessoal

romance

o guru Deepak Chopra ensina a ser, enfim, feliz no amor

cabelo

100 perguntas urgentes

marcamos hora hoje para você com o cabeleireiro das estrelas, Marco Antônio de Biaggi, que responde: qual a receita para um cabelo de comercial de xampu? Como mudar sem tosar? Que corte emagrece? E muito, muito mais

www.nova.com.br
ISSN 0104-344X R\$ 8,90
0 0416
9 770104 163002
EDICAO 214 ANO 36 Nº 5 MAIO 2008

ANEXO C

Capa da edição de agosto de 2008 da revista Nova



ANEXO D

Capa da edição de dezembro de 2008 da revista Nova

COSMOPOLITAN

08/12/08

A explosão de beleza de Angélica

PRESENTES IN-CRÍVEIS DE 10 A 200 REAIS

Abri!

guia astrológico 2009
quando, onde e como o amor, a sorte e o sucesso baterão à sua porta!

inocente e condenada a 20 anos de prisão. Leia. Poderia ser com você

sexo com GPS
todas as suas zonas erógenas mapeadas (frente e verso), para ele brincar de piloto de orgasmo. Acelera, meu bem!

é festa!

- cabelo, make e looks de deusa sexy. Os homens vão querer devorá-la. As mulheres, matá-la
- este luxuoso vestido pode ser seu
- 7 doces para comer sem susto

é fácil!
acabar com os pêlos, perder peso jogando videogame, desestressar

www.nova.com.br

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

NOVA 423 ANO 36 Nº 12

ANEXO E

Capa da edição de agosto de 2009 da revista Cosmopolitan (EUA)

COSMOPOLITAN AUGUST 2009

THE HOT ISSUE

Guys Rate 125 SEX MOVES
Thousands of Men Agree: These Are the Techniques That Send Them Over the Edge

Katy Perry
How She Grabbed Hollywood by the Balls

Get Hit On All the Time
(Your Friends Will Be Really Annoyed)

What You Should Never Let Your Gyno Do

THE Orgasm Whisperer
EVERY WOMAN NEEDS ONE!

5 Things That Can Blow a Job Interview

SEX EXTRAS
* Secrets His Sex Style Reveals
* Cheatproof Your Love—With 4 Words

Have the Summer You Want!
See p. 142

cosmopolitan.com

ANEXO F

Capa da edição de março de 2010 da revista Cosmopolitan (FRANÇA)

COSMOPOLITAN
MARS 2010 2€

Test : où est l'homme de votre vie ?

Astro chinoise
Découvrez la tigresse qui est en vous !

Beauté: ongles de folie + top vernis !

SPÉCIAL MODE!
187 chic idées fashion
+ 24 h dans la peau d'un top

La gentille attitude : ça marche ou pas ?

Anne Hathaway
Les 4 secrets de son succès

FAITES LE PLEIN D'AMOUR!
Peut-on reconnaître un bon amant ?
Cadeaux : 18 « je t'aime » by Cosmo
Saint-Valentin : fête des câlins ?

www.cosmopolitan.fr

T 01413 - 430 - F: 2,00 €

ANEXO G

Reportagem *aquecimento global*





SEXO

quecimento GLOBAL

NOSSOS
ROTEIROS DE
PRELIMINARES
TRAZEM
MANOBRAS
QUE VÃO
ACENDER DO
DEDINHO DO PÉ
ATÉ O ÚLTIMO FIO
DE CABELO DE
VOCÊS.
ELES INCLUEM
CONCHINHA
NADA INOCENTE,
SEXO ORAL
SUBMARINO,
MASSAGEM
ENERGÉTICA
NO BUMBUM,
RITUAL DA
DANÇA PRÓ-
ORGASMO,
RESPIRAÇÃO
MAXIERÔTICA...
TESTE COM ELE
OS QUATRO
CARDÁPIOS E
FIQUEM
FERVENDO DE
DESEJO.

GIOVANA LOMBARDI

sexperts avisam:



A MULHER PRECISA DE MAIS TEMPO QUE O HOMEM PARA FICAR BEM EXCITADA. E A RAZÃO DESSE DESCOMPASSO NÃO É APENAS FISIOLÓGICA, MAS TAMBÉM CULTURAL. "ELES SÃO ESTIMULADOS A TODO INSTANTE POR NOSSOS DECOTES, SAIAS... ENTÃO, CHEGAM À CAMA MAIS SINTONIZADOS EROTICAMENTE", EXPLICA A PSICÓLOGA E EDUCADORA SEXUAL LAURA MÜLLER, QUE TIRA DÚVIDAS SOBRE SEXUALIDADE NO PROGRAMA *ALTAS HORAS*, DA REDE GLOBO.

Além disso, segundo pesquisas, são necessários de dez a 15 minutos em média para o nosso corpo clamar por orgasmos. Como incentivar o seu amado a cumprir esse tempo regulamentar? Montamos quatro roteiros de preliminares que são garantia de diversão para ele também: transa-comemoração, bom-dia sexyfumeante, banho de luxúria e happy hour eletrizante. Como bônus, mais nove idéias de aquecimento vapt-vupt para turbinar uma rapidinha. Tudo com tempo mínimo para cada manobra — mas não precisa deixar o relógio do lado da cama. Nas palavras de Laura: "As preliminares têm de ser uma curtidão e só devem parar quando você estiver morrendo de tesão. Nesse ponto, já terão andado várias casas em direção ao clímax". Oba! Brincar com fogo pode.

TEMPO DA MANOBRA Estes sinais sugerem o tempo mínimo de cada carícia:

1 minuto 2 minutos 3 minutos
4 minutos 5 minutos

TRANSA-COMEMORAÇÃO Aniversário, promoção no emprego... Para uma celebração erótica em grande estilo, o segredo é planejar o cenário. E, desta vez, seu homem se incumbirá disso. É que ver o namorado da gente preocupado em criar surpresas sedutoras faz maravilhas pela libido. Ele pode iluminar o quarto com velas, escolher as músicas, encher a cama com pétalas de rosas, deixar morangos e calda de chocolate na mesa-de-cabeceira, além de champanhe no balde com gelo... Quando tudo estiver pronto, você, a rainha dessa festa, chega.

Que tal uma dança de rostinho colado, mas nada pudica, para abrir essa balada privê? Ele vai escorregando a mão forte pelo seu corpo e tirando sua roupa no ritmo da música. Enquanto a beija como se fosse a primeira vez, desce o zíper da saia, sobe devagarinho o top. Quando você só estiver de calcinha e sutiã, ele beija seus seios por cima da renda, simula arrancar a tanga com os dentes... Aproveite! De pé, a excitação costuma dobrar.

No meio da brincadeira, seu querido pode dizer palavras picantes ao pé do seu ouvido, como "Seu bumbum me enlouquece", "Quero devorar você todinha".

Já está se sentindo a mulher mais gostosa do planeta? Seu apaixonado anfitrião a deita na cama, amarra suas mãos com um lenço ou a gravata e se delicia em cada centímetro do seu corpo. A boca atrevida atíça certas zonas erógenas ora beijando, ora mordiscando, ora investindo num passeio de língua. A medida do sucesso é fazer todos os seus pelinhos arrepiarem.

Ele vem com esta surpresa: óleo que aquece! Sem pressa, aplica o líquido mágico no bico dos seios, ao redor do umbigo e desce até o seu latejante pólo sul. Cheio de quintas intenções, molha os dedos no balde de gelo e brinca de esquentar-esfria com a sua menina.

Na beira da cama, os morangos e a calda de chocolate viram pretexto para um jogo sexy. Basta saborearem as delícias um sobre o outro.

HAPPY HOUR ELETRIZANTE Vocês vêm trabalhando muuuuito. E, de tão exaustos, têm cabulado o sexo durante a semana. Isso foi só até ontem à noite! Este roteiro proporcionará uma merecida quebra de rotina:

Seu homem começa um cafuné caliente no sofá da sala, enquanto você fecha os olhos e se concentra nas diferentes sensações se espalhando pelo seu corpo. Com a ponta dos dedos, ele toca a região próxima à nuca e sobe o afago para perto de uma das orelhas, como se quisesse desenhar a letra V. Vira a sua cabeça, alisando seu cabelo, e repete o caminho do êxtase no outro lado. Primeiro de leve, depois com mais pressão e paixão. Em seguida, mordisca ali e no pé da nuca, depois sopra...

Suas orelhas são a próxima vítima desse amante voraz: com a ponta da língua umedecida, invade todo o território por dentro e por fora. Uí, que arrepio bom!

Agora ele a carrega nos braços até a cama e a deita de bruços. Tira sua calcinha e começa uma massagem no... bumbum! Prepare-se para emoções únicas, pois ele vai apalpar com vontade, fazer carícias, alternar com beijos e mordidelas. Ah! Seu homem não deve esquecer a região central: vale passar a língua endurecida e úmida ali, na divisão das partes, acariciar o cóccix e investir também na fronteira com as coxas. Nesse momento, usa os polegares para escorregar de uma ponta a outra, do centro para as extremidades.

♥♥♥♥♥ Você quer retribuir tamanha dedicação? Em vez de ir direito ao pênis, brinque com um mix de toques sensuais. Uma massagem tailandesa (aquela sem as mãos) cai como uma luva, pois o peso do seu corpo sobre o dele pressiona na medida. Tire o resto da roupa que falta e deite sobre o rapaz. Você se movimenta como se fosse uma gata manhosa e, esperta, estimula seu homem em lugares que nenhuma outra mulher ousou! Que tal acariciar o bumbum dele e, ao mesmo tempo, sugar o lóbulo da orelha? Segundo especialistas, carícias contrastantes eletrificam as terminações nervosas da pele.

BANHO DE LUXÚRIA Dá para transformar a hora do banho em momento propício para preliminares de tirar o fôlego. A água morna dilata os poros e acorda as terminações nervosas do corpo — mas isso é só o começo...

♥♥♥♥♥ Vê-la nua no banho não é novidade para ele. Um strip-tease próximo da pia é! Enquanto o lindo está embaixo do chuveiro, você entra no banheiro e atormenta-o ao máximo. Dança para ele, mostra de relance o que tem de melhor (os seios, o bumbum...) e se cobre novamente. Pergunta se o seu gato esquentado quer que você se livre das roupas e não titubeia. À vontade, vira-se de costas e toca o próprio corpo, com o intuito de se dar prazer. Seu adorável voyeur implora para participar da festa solo. É hora de apagar as luzes, acender uma vela perfumada e entrar no boxe. Melhor baixar a temperatura da água, pois vai fazer um calor...

♥♥♥♥♥ Agora o namorado domina a cena colocando sabonete líquido hidratante nas mãos e ensaboando devagar seus ombros, costas, seios, bumbum... Demora-se nas coxas, friccionando com mais vontade a parte interna. Em seguida, acaricia a vagina e... o lado B.

♥♥♥ Com o chuveirinho direcionado para os lábios vaginais, ele inicia uma massagem vibrante. Aproxima e afasta o jato da parte que mais deseja do seu corpo. E a pressão da água estimulará seus sentidos mais lascivos.

♥♥♥♥♥ Para tirar 10 em transa molhada, seu homem oferece a você um sexo

oral "submarino", deixando que a sensação da água quente se misture com a da língua no clitóris.

♥♥♥♥♥ Hora de mais um jogo, o atíça-e-pára: a língua percorre a vulva por uns instantes, depois some dali. Se o seu Acquaman repetir essa brincadeira algumas vezes, você chegará às portas do paraíso. Aí é só entrar.

BOM-DIA SEXYFUMEGANTE Para passar o dia com a pele boa (e pensando naquilo!), acordar com sexo é a pedida esperta. Sem contar que o menino do seu amor já está, digamos, pronto para a ação. Não é uma boa razão para que o namorado se dedique inteiramente a você?

♥ Encaixado de conchinha, ele insinua que deseja mais do que ficar abraçado. Assim que você dá sinais de que está acordando, seu amor encosta o pênis em seu quadril e faz movimentos que insinuam uma transa.

♥♥♥♥♥ Em seguida, seu amado conduz uma das mãos até os seios, essa zona erógena poderosíssima. Suga-os, com você deitada de costas, além de afagá-los com a palma das mãos.

♥♥♥♥♥ Assim que fizer um bom trabalho na cobertura, ele arranca sua calcinha com os dentes, coloca você de quatro, escorega os dedos até o andar de baixo e incendeia o clitóris fazendo círculos ao redor dele — sem tocá-lo ainda. Não contente, surpreende-a com uma respiração erótica. Assim: encosta os lábios, entreabertos, na base das costas e sobe inspirando e expirando o ar até a nuca. No pé do seu ouvido sussurra: "Agora quem manda é você".

♥♥♥♥♥ Que tal usar e abusar do menino do seu homem? Uma ótima idéia é criar desenhos como ele, como se fosse um pincel atômico, em seu corpo, escolhendo onde colocá-lo (e quando).

♥♥♥♥♥ Já que está com o poder em suas mãos, assuma as rédeas da transa. Experimente mostrar seu lado selvagem correndo as unhas pelas costas dele enquanto beija o pescoço, enroscando as coxas na cintura dele ao mesmo tempo que mordisca os lábios e... fique por cima! Sua performance fará com que ele queira preliminares de café-da-manhã, pode crer. ★

9 IDÉIAS PARA TURBINAR UMA RAPIDINHA

1. Antes que ele a arraste para o lavabo da festa ou o banheiro do barzinho, começar a pensar em sexo.
2. Pedir a ele que fale bobagens no seu ouvido.
3. Sugerir a ele que mande mensagens para o seu celular reforçando que está louquinho por você.
4. Ir preparada para o crime com saia de tecido mole e calcinha de fácil acesso, com zíper ou fenda (para nem precisar tirar).
5. Botar pimenta forte no beijo. Vale explorar os cantos da boca dele, sugar e morder os lábios...
6. Conduzir a mão dele, embaixo da mesa, para que sintam as coisas ferverem entre as suas pernas.
7. Ir para o canto escolhido antes do lindo e passar um lubrificante em sachê acariciando lá embaixo.
8. Contrair os músculos da vagina algumas vezes para esquentar a menina.
9. Puxar a calcinha para cima em vez de tirá-la — a pressão da renda contra o clitóris aumenta o prazer.

ANEXO H

REPORTAGEM GPS do sétimo céu



PARTE INTERNA DO PULSO Como esse local é mais sensível a variações de temperatura, experimente excitá-lo alternando lambidas com assopros. Outra idéia é chupar, antes de cada lambida, ora bala de canela, ora cubo de gelo para aumentar ainda mais o excitante contraste quente/frio.

PÁLPEBRAS Deslize a língua sobre elas, distribua beijinhos, toque os cílios com seus lábios. Daí, suba acima das sobrancelhas e massageie a região usando os polegares em movimentos circulares.

LÁBIO SUPERIOR Mescle lambidas no lábio superior com mordidelas no centro dele. Com a ponta da língua, dê leves e rápidas lambidas nos cantos da boca.

AO REDOR DOS MAMILOS Toque levemente com os lábios, a língua e as mãos. Experimente também apertar cuidadosamente a área. Quanto mais tempo brincar ao redor, maior será o prazer que sua amada desfrutará, quando você finalmente explorar os mamilos.

para
ele
ler

VOCÊ SABE MELHOR QUE NINGUÉM ONDE GOSTA DE SER ACARIKIADA. MAS SERÁ QUE SEU QUERIDO JÁ DECIFROU CADA MILÍMETRO DO SEU CORPO, ATÉ MESMO OS LUGARES BEM ESCONDIDOS, QUE RENDEM ARREPIOS ELETRIZANTES? MOSTRE A ELE ESTE GUIA E PREPARE-SE PARA ALCANÇAR INÚMEROS OOOHHH. FERNANDA ALLEGRETTI

GPS do sétimo céu



UMBIGO Massageie-o com movimentos de cima para baixo se quiser aumentar a circulação nos genitais e, conseqüentemente, a excitação. Para uma performance digna de muitos aplausos, finalize lambendo toda a pele que circunda o umbigo.

PONTO G Introduza um dedo na parte anterior da vagina e movimente-o como se estivesse chamando alguém. Sua garota não hesitará em pedir bis. Uma ousadia a mais é pressionar a área com dois dedos enquanto suga o clitóris vagorosamente.

GRANDES LÁBIOS Atice-os com a famosa série das nove: inicia com nove penetrações rasas seguidas de uma profunda. Depois, você vai subtraindo uma rasa e adicionando outra profunda... Quanto maior for o número de séries, mais trepidante será o orgasmo final.

PARTE INTERNA DA COXA Antes de focar o clitóris ou cair de boca lá embaixo, provoque-a acariciando a perna pelo lado de dentro, partindo do Joelho em direção à virilha. Quando estiver próximo à vagina, apenas inspire sobre a região. Vai ver como ela se contorcerá de prazer.



COLETO E OMBEIRO

Suba pela nuca com a ponta dos dedos, jamais as unhas, em direção às orelhas, formando um V. Repita algumas vezes, ora fazendo pressão leve, ora forte. Se quiser, siga o mesmo roteiro usando o queixo. Vai estimular sensações que são distribuídas por todo o corpo, incluindo o clitóris

LÓBULO DA

ORELHA Além de excitar a amada com palavras ditas ao pé do ouvido, como "Seu bumbum me deixa louco" ou "Não resisto à sua cintura fininha", experimente morder os lóbulos usando os dentes ou apenas os lábios — vale até dar leves puxões, pois eles ficam ainda mais sensíveis quando a mulher é estimulada sexualmente.

NUCA Afaste o cabelo dela dando beijos leves na base da nuca e vá subindo em direção à orelha. A penugem fina que a encobre contribui para aumentar a sensibilidade. Portanto, até mesmo respirar sobre o local ou correr a ponta dos dedos suavemente vai deixá-la arrepiada e cheia de tesão.

CENTRO DAS AXILAS

Como a pele dessa região é fina e cheia de nervos, a sensibilidade a estímulos eróticos fica maior. Ainda resta dúvida de que ela não deve ser desprezada? Para surpreender sua namorada, dê lambidas no centro da axila, de cima para baixo ou o contrário. Quer incrementar a brincadeira? Espalhe antes óleo corporal comestível.

LOMBAR É onde a maioria das terminações nervosas das costas acaba. Já pensou o prazer que ela sentirá se você deslizar aqui um minivibrador? Aumente, aos poucos, a pressão. Usar óleo de massagem para fazer movimentos circulares é outra idéia, pois prepara o corpo para receber carícias ainda mais deliciosas. E não dispense o ossinho do cóccix: com os dedos besuntados de óleo ou lubrificante, faça círculos em torno dele, aumentando aos poucos o espaço até alcançar o bumbum.



ATRÁS DO JOELHO

O "Ai! Ui! Oh!" é garantido. Comece escorregando os dedos pela panturrilha e parte posterior da coxa, até chegar a esse local pouco explorado. Então, use três dedos para roçá-lo de leve. Mas, antes, certifique-se de que ela já está excitada — ou poderá sentir cócegas.

PERÍNEO Essa zona erógena entre o final da vagina e o ânus costuma ser relegada ao esquecimento. Deixe as encanações de lado e peça a ela para deitar de bruços. Daí, lambuze seu menino com lubrificante e faça movimentos de vaivém enquanto pressiona uma nádega contra a outra.

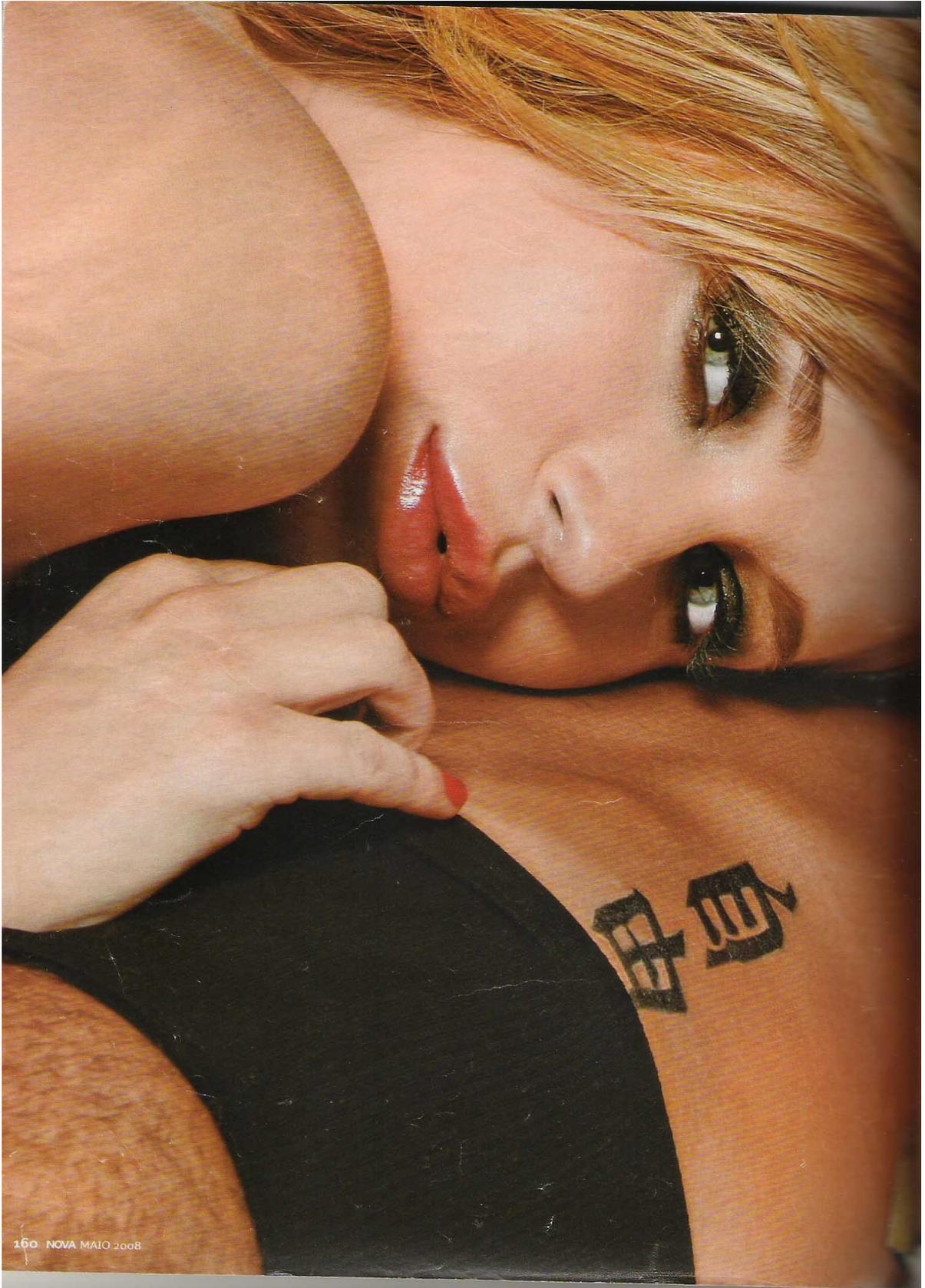
LINHA ONDE O BUMBUM E A COXA SE ENCONTRAM

O derrière tem muitas terminações nervosas, por isso é tão sensível. Dê atenção à linha onde ele se encontra com a coxa demarcando a região com a língua, um acessório (como pena ou cubo de gelo), os dentes ou mesmo seu dedo lambuzado de óleo.

PLANTA DO PÉ

Para fazê-la entrar no clima, massageie toda a planta, especialmente a parte gordinha abaixo dos dedos, com força moderada. Se tiver um óleo de massagem à mão, melhor ainda. Topa ousar mais? Inspire-se nos praticantes do tantrismo, que acreditam que o dedão é uma zona erógena e que sugá-lo leva algumas mulheres ao orgasmo. ★

ANEXO I
REPORTAGEM *Prova oral*



SEXO

NO SOFÁ, NA CHAISE, NA MESA, NO TAPETE E,
CLARO, NA CAMA MACIA. SE O SEXO ORAL JÁ
FAZ PARTE DO REPERTÓRIO DE VOCÊS, É HORA
DE VARIAR POSIÇÕES E CENÁRIOS PARA
ALCANÇAR NOVOS PATAMARES DE PRAZER.
VOCÊ VAI AO NIRVANA. ELE GANHA A VISÃO
DO PARAÍSO... PARA TIRAR PARTIDO DESSA
EXPERIÊNCIA TÃO ÍNTIMA, BASTA EXPLORAR
MÃOS E LÁBIOS DE SETE MANEIRAS. TEXTO DALILA
MAGARIAN FOTO CAIO MELLO ILUSTRAÇÕES SILVIA CAMPOS

prova

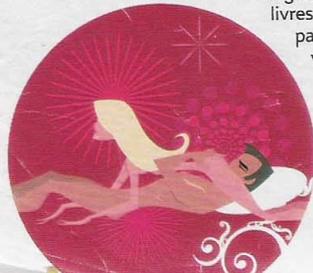
Oral

Recente pesquisa conduzida por britânicos concluiu que a maioria dos relacionamentos entre casais é mais bem-sucedida quando eles praticam sexo oral. Essa é mesmo a maneira mais fácil de fazer o desejo entrar em ebulição e aumentar a lubrificação, especialmente quando você e seu querido estão a fim de transar mas o corpo ainda não entrou completamente no clima. Sem falar que a boca, os lábios e a língua permitem estimular um ao outro com precisão e de um jeito superversátil. Agora, o que talvez ainda não tenham percebido é que a posição escolhida pode amplificar essas poderosas sensações e até provocar um orgasmo diferente e muito mais intenso. Aqui, sete receitas certas para colocar um sorriso de satisfação no rosto de ambos.



cálice do arrebatamento

Há um sofá de encosto alto e macio em casa? Maravilha! A peça é o cenário perfeito dessa posição capaz de deixá-la relaxada e pronta para receber os mimos de seu amor. Deite-se com as costas sobre o assento, mas de um jeito que consiga pôr as pernas abertas em cima do espaldar. Use duas almofadas para ajudá-la a elevar bem os quadris e ficará mais fácil alcançar a altura ideal. Seu querido se posiciona atrás do sofá e se inclina sobre o encosto a fim de mergulhar a cabeça entre suas coxas. Por que é bom? Além de alcançar diretamente o seu clitóris, o gato também terá livre acesso a todo o entorno, incluindo o ânus e o períneo, para passear lábios e língua ao bel-prazer. Uma variação: apoiar as pernas sobre os ombros dele ou trazer os joelhos para perto do seu rosto a fim de contrair os músculos da região e acelerar o orgasmo. Se é que você tem pressa...



a felina dominadora Vocês podem continuar no sofá, ir para a cama ou mesmo para o chão, sobre um tapete macio. O importante é que o local escolhido seja confortável, já que agora deve ficar de quatro, e não vai querer ralar os joelhos. Seu amor se deita de costas de um jeito bem à vontade, de preferência com um travesseiro sob a cabeça, assim garante a altura ideal. Você posiciona sua pélvis sobre o rosto do rapaz. Para saber se acertou no ponto, observe se consegue sentir a respiração do gato bem ali. Como as mãos dele estão livres, a pedida é massagear o seu bumbum — ou mesmo usar os dedos para acariciar o seu períneo e o ânus — enquanto penetra sua vagina com a língua. Experimente pedir ainda que incline a cabeça para trás, e não se arrependerá — o queixo recém-barbeado dele poderá pressionar o seu clitóris com uma intensidade diferente, capaz de levá-la ao paraíso, sem escalas. Sua parte nesse sexdesafio? Subir e descer os quadris, avançar ou recuar o tronco sobre ele, da maneira que mais gostar.

P Como torno o sexo oral mais gostoso?

ANA, 30 ANOS

R Se quer deixá-lo obcecado por sexo oral, a pedida é investir na equação gel comestível + depilação. A idéia é fazê-lo associar a guloseima e o desenho de seus pêlos a inesquecíveis sessões de prazer. Assim, toda vez que você tirar da gaveta o tubinho do produto (ou mostrá-lo dentro da bolsa), o rapaz ficará ávido por cair de boca. Arrisque:

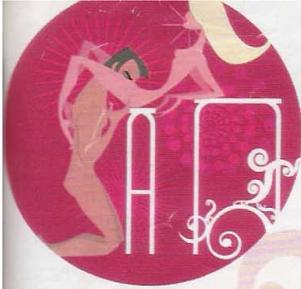
■ **O GEL QUE VICIA OS HOMENS** Fizemos uma pesquisa em sex shops de São Paulo e do Rio de Janeiro e os géis de morango ou similares (como framboesa e amora) ganharam disparado como os favoritos da ala masculina. São menos adocicados (e, lembre-se, muitos homens não gostam de açúcar) ao mesmo tempo que remetem a mente masculina a outras brincadeiras, tais como regá-la com champanhe, vinho ou até cerveja.

■ **A DEPILAÇÃO NOTA 10** Como nossos amantes adoram conforto, pêlos curtos cutucam ou pinicam a língua. Eles também não apreciam ter de cuspir fios muito longos que cismam em entrar garganta abaixo (não custa você passar a mão sobre os seus para eliminar aqueles soltos antes da ação). O meio-termo do triângulo invertido e a Brazilian Wax (depilação tão cavada que poupa só uma estreita faixa) oferece segurança e estímulo visual.



pocket show

O cenário desse espetáculo — que vai fazê-lo pedir bis — é uma poltrona confortável e de assento largo. Ele fica de pé, com as pernas encostadas num dos lados, enquanto você se ajoelha na transversal sobre o assento e usa o braço dela como apoio, ficando com a cabeça na direção do pênis e o bumbum bem erguido. A idéia, claro, é que seu querido possa admirar seu derrière à vontade. Aqui, é ele quem estabelece o ritmo dos movimentos, embora você possa usar as mãos livres para trazer os quadris dele para mais perto, e vice-versa, quando quiser. O rapaz vai delirar se você percorrer, com a ponta da língua endurecida, a coroa da glândula enquanto tenta introduzir um dos dedos, de leve, no orifício da uretra.



orgasmo da rainha

Ao usar uma banqueta, ficará numa altura em que seu homem ajoelhe a seus pés para alcançar o clitóris com a boca. Facilite a vida de seu súdito pondo o bumbum próximo da borda e dobrando os joelhos para elevar as coxas, com os pés suspensos. E nada de perder o equilíbrio: o segredo é se segurar em um objeto fixo próximo. Enquanto seu amado dá lambidas longas e potentes, oriente verbalmente o que ele deve fazer, com ares de majestade. Mais excitada, apóie os pés sobre as costas arqueadas do rapaz e deslize-os em movimentos de vaivém, no ritmo da língua dele, como se quisesse puxá-lo para mais perto e indicar a velocidade ideal da carícia dele.

entrega do presente Seu querido a espera nu, sentado no tapete e encostado na chaise-longue. Você se senta de frente para ele, bem ali no vão criado pelas coxas entreabertas dele. Incline então suas costas para trás até encostá-las no chão. Erga as pernas abertas com os joelhos flexionados para que o rapaz possa segurá-la pelos tornozelos. Vá elevando os quadris, como se escalasse o abdômenzinho dele, até que a sua vulva alcance a altura ideal para ser beijada. Ele a sustenta pelas coxas. Com suas mãos livres, aproveite para massagear os próprios seios ou separar os grandes lábios a fim de abrir caminho para as lambidas de seu amor. Enquanto isso, o moço abre e fecha suas pernas ao bel-prazer, intensificando as sensações.



P Meu namorado até topa, mas... O que faço com meu cheiro lá embaixo? TAÍS, 26 ANOS

R Se você estiver saudável — isto é, sem nenhuma infecção provocada por bactérias na região vaginal —, seu odor será totalmente normal, do tipo que todo homem gosta. Para se sentir mais segura, experimente usar durante o banho, antes de encontrá-lo, algum produto específico para higiene íntima (*leia mais na seção Consulta Íntima desta edição*). Duchas internas não são recomendadas, já que o interior da vagina é autolimpante, e elas ainda podem eliminar ou diminuir sua lubrificação natural. Se ainda assim você se preocupar, experimente usar um filme de PVC. Estenda na região e brinque dizendo que quer descobrir qual é a sensação.

funcionário do mês Providencie uma escrivaninha (ou improvise, com a mesa da sala enfeitada com canetas e outros objetos típicos de escritório) de cenário. Ainda no quarto, deixe o seu amado nu, mas sem tirar a gravata. A peça servirá para guiá-lo até o móvel. Ele recosta o bumbum e mantém as mãos apoiadas nele, sem tirá-las de jeito nenhum, sob pena de você parar o que estiver fazendo. Sente-se no chão ou sob a almofada (ou mais, se o homem for muito alto). Para não cansar o seu pescoço durante os movimentos, diga a ele para dobrar os joelhos. Com a língua, dê pequenos golpes na glândula e provoque-o com frases do tipo "Seu chefe sabe o que você anda fazendo no trabalho?" Prossiga em sua missão de atormentá-lo até que, já com as pernas bambas de tanto prazer, ele implore para ter um orgasmo.



P E se ele não quiser nem tentar?

PAULA, 24 ANOS

R Verdade que, quando o assunto é sexo oral, alguns homens tendem a preferir receber a fazer. Ou mesmo rejeitam a idéia de pôr a boca bem ali. Isso não significa que você esteja condenada a passar o resto da vida sem esse prazer, caso seu querido faça parte dessa turma. "A melhor maneira de virar o jogo é aumentar o desejo dele nessa direção", diz o sexólogo Celso Marzano, colunista do site de NOVA. Jogos eróticos são perfeitos para esse fim. "Você pode usar uma lanterna para iluminar os pontos que seu namorado deve beijar até chegar lá embaixo", sugere. "Diga brincando que ele só pode parar quando a pilha acabar." Calcinhas provocantes também o farão olhar mais lá para baixo. Outro conselho: na hora em que ele se puser em ação, demonstre todo o prazer que está sentindo. "Homens gostam de ver uma mulher excitada e tendem a repetir o que funcionou da última vez", conclui ele.

adoração à deusa Os dois ficam de pé, frente a frente. O gato se ajoelha diante de você, que abre um pouco as pernas para colocar o felizardo bem na porta do seu parque de diversões. Enquanto cresce a excitação, ele ergue os braços, agarra-se ao seu bumbum e inicia a aproximação da boca, primeiro nas virilhas e só então nos grandes lábios. Ao alcançar a entrada da vagina, a língua deve fazer movimentos lentos e percorrer os pequenos lábios de baixo para cima, até tocar o clitóris com a ponta da língua bem úmida. Peça ao seu querido agora que mude a intensidade e a direção das carícias para aumentar o seu prazer. A essa altura, provavelmente suas pernas começarão a ficar tão relaxadas que pode ser uma boa idéia apoiar um dos pés sobre o ombro dele, o que implicará ampliar ainda mais o campo de visão do rapaz. Hora, então, de

usar os dedos (os seus ou os dele) para puxar totalmente a pele do capuz que recobre o clitóris e se oferecer para o gran finale. Como? Comprima o seu botão mágico nos lábios do bonitão e aumente a intensidade da pressão enquanto ele a suga com vontade para um clímax inesquecível. ★



ANEXO J

REPORTAGEM BOA NÃO, ÓTIMA!

sexpert

DALILA MAGARIAN



boa não, ótima!

NÓS SABEMOS QUE você arrasa na cama e deixa o gato morto de desejo. Mas certos detalhes podem representar a diferença entre ser uma amante nota 10 — ou 1 000!

A BOA	A ÓTIMA
Fica nua para ele.	Tira a roupa com um strip-tease, anda pelo quarto só de salto alto, insiste em deixar as luzes acesas na hora H.
Concorda em experimentar novas posições.	Não espera ser convidada — sugere aventuras sexuais, como transar na cozinha.
Topa realizar fantasias sexuais com o gato.	Pensa em sexo diversas vezes ao dia, até mesmo na fila do supermercado.
Masturba-se quando está sozinha.	Toca a si mesma na frente do namorado para provocá-lo ainda mais.
Investe no menino dele.	Não esquece as áreas vizinhas e usa a boca para manobras-surpresa.
Nunca recusa uma rapidinha.	Toma a iniciativa quando ele menos espera.
Geme e dá sinais de que está adorando.	Descreve em detalhes o que a faz se sentir no paraíso para que ele repita igualzinho da próxima vez.



A PÍLULA DO DESEJO

A perda de libido atinge tanto homens quanto mulheres. Pensando nisso, cientistas de Edimburgo criaram um medicamento unissex capaz de estimular o desejo em ambos os sexos. A pílula usa um hormônio que libera a gonadotrofina do tipo 2, que regula o sistema reprodutivo. Segundo o jornal inglês *Daily Mail*, esse remédio também tem a capacidade de aumentar a fertilidade e favorecer a perda de peso. Enquanto o produto não chega às prateleiras, o especialista recomenda diminuir o stress. “É a principal causa da perda de libido”, diz Robert Millar, chefe da equipe de pesquisa.

DIVERSÃO PARA MAIORES

Usar a versão pornô do seu nome e a do gato entre os lençóis pode ser bem excitante. Para isso, basta acessar www.sinner.se/pornalizer/male.html (para os homens) ou o final female.html (para as mulheres). É só digitá-los na caixa de diálogo, clicar em “porn!” e ver o que aparece. Se a pedida é elevar o tesão com base na audição, visitem juntos o site **Porn for the Blind (Pornô para cegos)**. Oferece clipes sonoros com descrições de cenas de sexo disponíveis na internet.

aula extra de massagem

NÃO HÁ QUEM resista a esse tipo de contato, não é mesmo? “Por ser a maneira mais natural de explorar as sensações, facilita a comunicação amorosa com o outro”, diz Nelma Penteado, autora do livro *Massagem Sensual — Como Você Nunca Viu* (Idéia & Ação). Para funcionar na medida, a especialista aconselha investir na preparação. “Cuidar do local, da higiene, do ritmo e das posições faz uma grande diferença”, diz. Segundo ela, antes de começar, tente relaxar. “Como as mãos são capazes de transmitir as emoções do momento, se você estiver com pressa, o parceiro perceberá”, alerta.



168 páginas de pura inspiração. R\$ 27,90, no Americanas.com

ANEXO K

REPORTAGEM SEU NAMORO ESTÁ QUENTE OU FRIO?



seu namoro está quente ou frio?

HÁ QUANTOS DIAS VOCÊ E SEU AMADO NÃO DÃO BOAS GARGALHADAS JUNTOS? UM JÁ ELOGIOU O OUTRO ESTA SEMANA? FAÇA O TESTE PARA MEDIR A TEMPERATURA DESSA PAIXÃO E SABER COMO BOTAR MAIS FOGO NELA.
MOLLY TRIFFIN

SEXO

- 1 A menos que um de nós esteja doente, transamos pelo menos três vezes por semana.
 SIM NÃO

- 2 Nos últimos meses, testamos novas posições sexuais.
 SIM NÃO

COMUNICAÇÃO

- 3 Há pouco tempo, tivemos uma conversa maravilhosa. Não falamos de problemas.
 SIM NÃO

- 4 No último mês, não discutimos mais do que uma ou duas vezes.
 SIM NÃO

DIVERSÃO

- 5 Demos gargalhadas juntos pelo menos uma vez nos últimos dias.
 SIM NÃO

- 6 Fizemos um programa romântico pelo menos uma vez nas duas últimas semanas.
 SIM NÃO

INTIMIDADE

- 7 Na última vez que vimos tevê, trocamos carinhos sem perceber.
 SIM NÃO

- 8 De ontem para hoje, nós não fizemos amor, mas nos beijamos embaixo dos lençóis.
 SIM NÃO

- 9 Ele me elogiou ou me agradeceu por algo que fiz esta semana — e eu retribuí o agrado.
 SIM NÃO

- 10 No mês passado, fizemos comentários positivos um sobre o outro na frente de amigos.
 SIM NÃO

Marque 1 ponto para cada sim e some os valores.

DE 9 A 10 PONTOS — **pegando fogo** Fique à vontade para gritar "Nós somos o máximo!" Para continuar nesse clima quente, não tenha medo de ser autêntica. "Muitas mulheres que estão nessa fase têm receio de conversar com o namorado sobre problemas por achar que botarão tudo a perder", comenta o psicólogo David Olson. "Discutir é uma forma de fortalecer o relacionamento."

DE 6 A 8 PONTOS — **começando a ebulição** "Diminuir a frequência dos programas românticos mostra que já não experimentam mais aquela fase carregada de emoção", afirma Barton Goldsmith, autor de *Emotional Fitness for Couples* (Malhação emocional para casais). Quer alimentar seu dia-a-dia com luxúria? Promova pequenas mudanças, como abrir um vinho no jantar.

DE 3 A 5 PONTOS — **ficando morno** Ao que tudo indica, você está focada em problemas e continua namorando... por inércia. A saída é sacudir a relação planejando um encontro especial. Por exemplo, em vez de fazer hora extra, prepare um sábado erótico. "Assim, se sentirá tão ansiosa quanto no começo do namoro", compara Robert Phillips, autor de *Love Tactics* (Táticas de amor).

DE 0 A 2 PONTOS — **entrando numa fria** Verdade que nenhum namoro é um mar de rosas o tempo todo, mas, "se existem muitas áreas nas quais vocês simplesmente não combinam, comece a considerar a possibilidade de não serem feitos um para o outro", fala Debbie Magids, co-autora do livro *All the Good Ones Aren't Taken* (Nem todos os bons já estão comprometidos).★

ANEXO L

REPORTAGEM *The Orgasm Whisperer*

Love & Lust

THE
HOT
ISSUE

His moves are about to get even smoother.

Turn Him Into the Orgasm Whisperer

Hand your guy a bottle of this slippery stuff and he'll take you to O-town every time.

BY BETHANY HEITMAN

▶ A sexy smile, good hands, rhythmic hips—no doubt, your guy has what it takes to get you off. But there's one more thing that can seriously up your odds of climaxing.

Experts agree that personal lubricant, aka lube, can make every aspect of sex more satisfying.

"With a little extra lube, every touch and thrust will feel smoother and more pleasurable," says Eric Garrison, a consulting sexologist in New York City and Boston and author of *Mastering Multiple-Position Sex*. And because you're wetter, your partner will feel

more confident, which will inspire him to try new moves and positions.

That's just the beginning. Here, find out why this liquid accessory should always be within reach of your bed.

It Has O-Boosting Potential

In an ideal world, your body would provide enough natural lubricant to keep you slick from the moment he slides his hand between your legs to that last frenzied moment of intercourse. Unfortunately, that's just not likely. "There's a myth out there that

if a woman is completely aroused, she'll get really wet and stay that way," says sex therapist Debra Macleod, author of *Lube Jobs: A Woman's Guide to Great Maintenance Sex*. "But the fact is that you can be turned on and either not get wet enough or even experience desertlike conditions down south."

The reason: Things like medications or being slightly dehydrated can prevent you from getting moist. Or your body may simply not be able to produce lubrication at a fast enough rate to keep up with the action. And if you're not wet enough, penetration will start to—ouch—chafe.

But adding lube doesn't just prevent sex from hurting; it also helps the two of you maintain the steady rhythm most women need to orgasm. "When you're wet, he can thrust continuously, and it's easier for him to vary the speed," says

JOIN THE CLUB

Sales of lube have risen 32 percent so far this year. Seems like couples are dealing with the sucky economy by slipping between the sheets.

SOURCE: INFORMATION RESOURCES INC.

CHRIS CLINTON

Love & Lust

Macleod. "That extra stimulation will help build sexual tension and bring you to climax."

Why It'll Be His New Best Friend Too

Think about the hottest days of summer, when you're walking around and your thighs stick together—that's pretty much what it feels like for your guy when he tries to enter you when you're not wet. And psychologically, dryness can have an even more negative and traumatizing effect on his libido. "While a guy may logically know that a woman's wetness has nothing to do with his sexual prowess, subconsciously, he still may think he's not good enough in bed to arouse her," says Natasha Janina Valdez, a sex therapist in Los Angeles. "But lube lets him forget about that fear and focus on how good everything feels."

Most men will have no problem with trying something new. But on the off

chance he's hesitant, kiss his neck and tell him that if he doesn't like it, you'll toss it. Trust us: That won't happen.

Sexy Ways to Use It

First, pick your potion. Water-based lubes feel more natural and less goopy (try Sliquid H₂O, \$12), whereas silicone-based formulas last longer and are water-resistant, making them great for shower sex (try Astroglide X, \$12). If you use silicone-based lube, just be sure to wash with soap and warm water afterward, as silicone is more likely to stick to your body, which (if you don't wash it away completely) could attract bacteria and cause an infection.

Warming lubes (try KY Intense, \$25) can boost arousal by increasing blood flow to your clitoris, and freezable lubes (try Durex Quiver, \$7) work like an ice cube at first, then melt—perfect for summer nights. Whichever you pick, be sure to keep it nearby so you don't have to stop and hunt for it.

"Start by incorporating lube into foreplay," says sex therapist Gina Ogden, PhD, author of *The Return of Desire*. "Have him place a pea-size drop on his fingers before he rubs your clitoris." Since that spot is made up of delicate skin, a smoother touch will ensure that it doesn't get irritated. You can do the same for his penis—put a tiny dollop in your palm before rhythmically stroking him.

Using a condom? Put a small amount inside the tip before rolling it over his shaft. "Many guys complain that a condom diminishes the sensation," says Garrison. "Adding a little lube ups the sensitivity he feels inside the latex."

When you're ready to put tab A in slot B, have him place a dime-size drop on his fingers and rub them around the entrance to your vagina, or you can DIY. Warning: Using too much can reduce friction to the point where you barely feel each other, so be conservative—you can always add more.

maceration is perfectly natural.

maceration is Belvedere's distinctive process of soaking pure fruit in our luxury vodka. treat yourself to the world's superior, most natural, flavored vodka, Belvedere black raspberry. it's hard to resist what's natural.

LUXURY REBORN
macerationisnatural.com



Indulge Moderately. Belvedere vodka, 40% ALC/VOL, 80 proof. 100% Neutral spirits distilled from top grain. ©2011 Imported by Mott Trevisan USA, Inc., New York, NY

www.stormer.com & www.fantasma.com

Let It Slide

RealLife lube fans rave about its sexy effects.

"I never used to go for quickies because it takes me a while to get wet, but with lube, we can jump-start the fun." —Kate, 25

"I keep single-use packets in my purse. When I pull one out, my boyfriend has a Pavlovian response—he knows he's going to get some action and becomes totally aroused." —Laura, 32

"Shower sex gets uncomfortable fast because the water washes away whatever natural lubricant my body makes, and it took just one try to learn that soap can be horribly irritating. Silicone-based lube is the only thing that works." —Cara, 27

"When I masturbate, I put a drop or two on my fingers before I start rubbing my clitoris. The wetness feels great against my skin and instantly puts me in the mood." —Stephanie, 23

"I'm obsessed with the kind that slowly warms up. When I first saw it, I was afraid it would make my crotch feel like it was on fire. Instead, it nicely warms both of us, and the tiny bit of heat adds a ton of intensity while we're going at it." —Amanda, 30

Advanced Tricks

Anytime you're handling his package, lube can make things wetter and better. Surprise him with a hand job by placing some in your palm before holding him. Then use a good grip—about as hard as you would squeeze a banana without it getting mushy—as you slide up and down.

Oral sex is another fantastic time to use the slippery stuff. "Women often use spit, but it can be hard to muster up enough," says Ogden. "But a flavored lube provides enough wetness that your jaw won't get as tired." Consider buying a sample pack to taste test before investing in a whole bottle (our favorite: Babelicious Pomegranate Vanilla, \$8, babeland.com).

Bottom line: There isn't a spot on your body that lube can't go. "Lube can work like massage oil," says Macleod. Just watch what happens to foreplay when he drizzles some over your breasts and lets his hands glide all over you. ■

maceration is all about technique.

Belvedere works with top french artisans who macerate, or soak, real fruit in our luxury vodka to unleash pure taste. treat yourself to the world's superior, most natural, flavored vodka, Belvedere black raspberry. it's hard to resist what's natural.

LUXURY REBORN
macerationisnatural.com



Includje Moderately. Belvedere vodka, 40% A.C. 90% (80 proof) 100% Neutral spirits distilled from the finest grains. Imported by Blue Moon Vodka, Inc., New York, NY. ©2010

ANEXO M

REPORTAGEM *Peut-on reconnaître un bon amant?*

Peut-on reconnaître un bon amant ?

BONTÉ DIVINE, IL DOIT QUAND MÊME BIEN Y AVOIR D'AUTRES MOYENS QUE DE COUCHER AVEC UN HOMME POUR SAVOIR S'IL EST BON AU LIT ? LA LOVE DÉTECTIVE EST À BLOC SUR L'ENQUÊTE.

Par Sasha Philippe. Photo Arthur Elgort.

Choisir un homme, c'est comme jouer à la loterie. Quelques signes peuvent nous mettre sur la voie. Mais on peut quand même avoir de très mauvaises surprises... surtout au lit. J'en faisais alors la cruelle expérience avec Julien. Julien a 30 ans, un physique d'Apollon, une bonne situation, mais il est nul au lit. Nul de chez nul. « C'est quoi nul pour toi Sasha ? », me demandait mon amie Diane, penchées sur nos caïpirinhas. « Parce que nul pour toi, ça veut pas dire nul pour tout le monde. » Oui, je sais ça. Mais moi, je m'ennuie tellement quand je suis au lit avec Julien. L'autre jour, j'ai même fait mentalement ma liste de courses pendant qu'il... enfin, elle voit quoi. « Ah oui, pas bon ça. C'est dommage, surtout s'il est beau. » Eh oui, c'est dommage. C'est pour ça que ça fait trois mois que je lui laisse le bénéfice du doute. Mais je ne peux pas continuer comme ça encore longtemps. « Eh bien, quitte-le et trouves-en un autre. Et cette fois-ci, fais attention à ce qu'il soit bon au lit. » Tu

parles d'un conseil. Comment savoir avant d'avoir essayé ? « Oh ne sois pas bête Sasha, il y a plein de trucs qui peuvent te mettre sur la voie. » Des trucs ? Genre quoi ? « Genre plein de choses, c'est presque une science. » Mais pourquoi on ne me dit jamais rien, à moi ! « Tu sais quoi ? Ce soir, c'est soirée pyjama chez moi, et je vais te révéler tous mes trucs. Garanti. » Après tout, pourquoi pas.

La love détective n'en revient pas

Le lendemain matin, Diane m'a transformée en Sherlock Holmes du bon coup. Je brûle de mettre en pratique tout ce que j'ai appris et me demande même si je ne vais pas me plaindre à ma mère pour mon manque d'éducation en la matière. Mais avant de partir à la chasse à l'homme, je décide de quitter Julien... au téléphone. Oui, je sais, c'est lâche, mais s'il me fait son sourire de prince charmant je vais craquer, je le sens. « Je

PEUT-ON RECONNAÎTRE UN BON AMANT?

ne suis pas très étonné, me lâche-t-il, au lit ça n'allait pas super. » Ah oui puisqu'on en parle... » Non, mais ne t'excuse pas, Sasha. C'est pas grave. Tu as d'autres qualités. C'est pour ça que je suis resté avec toi. » De quoi? Non mais n'importe quoi lui! » Excuse-moi mais j'en'ai jamais eu de plainte de mon côté. » Ah ouais. Eh ben, ça ne me gêne pas d'être la première! Et crac je lui raccroche au nez. Non mais quel goujat!

La love détective et la théorie des « Feux de l'amour »

De toute façon, j'aurais dû m'en douter que Julien n'était pas un bon coup. Il était « trop ». Selon Diane, quand un homme cumule trop de perfections, c'est comme dans « les Feux de l'amour », ça cache quelque chose. Et, généralement, c'est au lit que ça coïncide. Histoire de mettre un peu de justice en ce bas monde, ma pauvre dame. Par exemple, beau et pauvre, ça marche. Riche et laid, ça marche aussi. Intelligent, beau et pauvre, ça marche encore. Mais beau, riche et intelligent, alors là ça ne va plus. C'est dommage parce que sur le papier ça a l'air bien quand même. Mais comme dit Diane: « Si avec toutes les perfections, c'est quand même un bon coup, c'est que c'est un serial killer. » Non vraiment, c'est dommage.

Pendant les quinze jours qui suivent, j'effectue un tri des hommes que je rencontre en éliminant tous ceux qui pourraient être un peu trop parfaits sur le papier. Un soir, mon amie Erin m'emmène avec elle dans un club privé. Non, pas une boîte échangiste. Un vrai club privé, façon club anglais mais ouvert aux femmes. « Tu verras, me lance Erin, il y a toujours un homme charmant pour te payer un verre. » Effectivement, il ne faut pas plus de quinze minutes pour qu'un homme nous aborde. Il s'appelle Stuart. C'est un avocat d'affaires anglais exilé à Paris. Il porte un costume noir magnifiquement coupé, il a des yeux bleu cobalt, la quarantaine grisonnante, un accent so sexy et un sourire de tombeur. Après nous avoir offert quelques cocktails, il me propose de l'accompagner dans un endroit qu'il connaît où il me fera goûter un champagne millésimé. C'est trop. Soit je suis pour de bon dans un épisode des « Feux de l'amour », soit Diane a raison et c'est un mauvais coup. Alors, la mort dans l'âme, je réponds que je dois me lever tôt le lendemain et je m'en vais.

Je ne sais pas si Stuart est un bon amant, mais une chose est sûre, je n'aime pas cette méthode de détection, trop frustrante à mon goût. Je passe donc à la suivante.

La love détective cherche chaussure à son pied

Pour savoir si un homme a l'air parfait, il faut s'en approcher un peu, lui parler, savoir un peu de quoi est faite sa vie. Alors qu'avec « la théorie des chaussures »,

Un amant pauvre mais beau, ça peut coller. Riche et laid aussi. Mais beau, intelligent et riche, ça ne va plus. Ou alors c'est un serial killer.

c'est beaucoup plus simple. Selon Diane, l'élément le plus important d'une tenue, c'est les chaussures. Il faut examiner avec attention le soin apporté à la chaussure, autant que le choix de la chaussure elle-même. C'est paraît-il révélateur du soin que l'homme porte aux petits détails (soin des petits détails qui peut se révéler déterminant dans l'intimité). Exemple: homme qui prend soin de lui + joli costume + mocassins mal

cités = mauvais coup. Mais à l'inverse homme en jean + soutire de charmeur + jolies baskets coordonnées à son écharpe = bon coup. Je me demande vraiment où Diane va chercher tout ça.

Depuis quelques jours, j'aiguise donc mon œil à remarquer les chaussures qui pourraient me permettre de dénicher la perle rare. Et par une belle matinée ensoleillée, je crois avoir trouvé mon bonheur à la terrasse d'un café. Seul, un homme d'une trentaine d'années est en train de lire son journal en buvant un café. Il est plutôt mignon, ça tombe bien, et il porte des petites baskets marron assorties à son pull. Elles sont propres et bien entretenues. Je décide donc de m'asseoir à la table à côté et d'engager la conversation. Je fais ainsi la rencontre de Tristan, jeune comédien au chômage. Malheureusement, la conversation s'épuise vite et je soupçonne Tristan de manquer un peu d'esprit. Je lui glisse rapidement que j'aime beaucoup ses chaussures et voilà qu'il me répond: « Ah bon? Ce sont celles de mon coloc, il me les a prêtées parce que j'avais un casting aujourd'hui. » C'est pile à ce moment que je me rappelle ce rendez-vous très urgent que j'ai et qui m'oblige à partir là maintenant tout de suite.

Je ne baisse pas les bras pour autant et me dis que Tristan est une erreur de parcours et que cette théorie a du bon. Lors d'une virée shopping avec ma mère, nous croisons un homme que j'écarte immédiatement de ma liste de bon amant potentiel à cause de ses affreuses baskets sales. Mais Maman, elle, s'exclame: « Il est drôlement beau lui, dis-moi! » Je lève un œil blasé, mouais, pas mal, mais franchement, ses chaussures... » Quoi ses chaussures? Et alors? » Alors? Je la briefe rapidement. « Non, mais n'importe quoi mes pauvres petites! Il faut arrêter de regarder des séries télé idiotes, ça vous monte au cerveau. Les chaussures n'ont jamais décidé de ce que vaut un homme au lit. Moi, quand j'ai connu ton père, il ne portait que des vieilles baskets sales et je t'assure que... » Ah non! Elle ne m'assure rien du tout. Je ne veux surtout pas entendre ça. Beurk! » Sasha,

quand tu sors sans make-up le dimanche pour acheter le pain, peut-être que tu as déjà croisé un super bon coup qui a une théorie sur les filles qui achètent du pain sans avoir mis de make-up... » Moutais, c'est pas faux. Bon d'accord, on oublie la théorie des chaussures. « Par contre, poursuit Maman, les garçons très propres sur eux sont souvent très mauvais au lit. »

La love détective et la théorie de « Narcisse »

Finalement, les trucs et astuces de Diane pour trouver un bon amant ne semblent pas très efficaces. Sans compter qu'ils limitent beaucoup les possibilités d'investigation. Maman, elle, a une autre théorie qui n'exclut que peu de candidats. Selon elle, il faut se détacher de l'apparence à tout prix et fuir les hommes trop apprêtés et aux détails trop soignés. « Ce ne sont pas des hommes, Sasha, ce sont des Ken grandeur nature. Et je te rappelle que Ken n'étant pas pourvu d'attributs masculins, lui et Barbie n'ont aucune vie sexuelle. Un homme qui passe trop de temps à s'occuper de lui dans sa salle de bains risque aussi de trop s'occuper de lui une fois que vous serez au lit. C'est ce que tu veux ? » Euh, ben non... Finalement, je crois que je vais écouter ma maman et prendre le problème autrement.

Je repense alors à ma copine Barbara et à son homme, du genre toujours tiré à quatre épingles. Je décide de l'inviter à prendre un verre. Nous nous retrouvons quelques jours plus tard pour nous raconter nos vies. Alors, elle en est où, elle ? « Je suis dans une période de renouveau. J'ai changé d'appart, j'ai changé de travail et surtout... je suis célibataire. » Oh mince alors. Mais qu'est-il passé ? « Un beau matin, je me suis réveillée, et j'ai été étonnée de voir mon copain dans mon lit. C'est devenu évident d'un coup, j'avais l'impression de vivre seule depuis des mois et ce matin-là j'avais oublié jusqu'à son existence. » Ah ben, c'est pas commun ça. « Non, mais tu sais, quand on vit avec un homme auto-centré pendant longtemps, soit on est malheureuse, soit on apprend à vivre autrement. » Il était auto-centré ? « Oh oui ! Pour tout. Il passait des heures entières dans la salle de bains à se faire beau tous les jours, il commençait toutes ses phrases par « je » et surtout il ne pensait qu'à lui. La goutte d'eau, ça a été quand il a dit à une de mes amies "J'adore tes yeux parce que je peux me regarder dedans". Quel goujat ! Je me demande encore comment je suis restée deux ans avec lui. » Parce qu'il était bon au lit ? « Même pas, Sasha. Il était au lit comme dans la vie, il n'y en avait que pour lui. » Note pour plus tard : homme narcissique = mauvais coup. Et de plus, Maman est un génie, il faut toujours l'écouter (enfin presque). Pauvre Barbara, elle se retrouve célibataire comme moi. « Oui, enfin pas tout à fait. J'ai pas mal d'aventures. Après

deux ans de misère sexuelle, je me rattrape. Mon truc, c'est les danseurs. » Les danseurs ? « Oui, les meilleurs amants que j'ai jamais eus étaient tous des danseurs. »

La love détective et le complexe « Dirty Dancing »

La théorie de Barbara est simple : si c'est un bon danseur, c'est un bon amant. Comme Patrick Swayze dans « Dirty Dancing ». Danse = homme sensuel = meilleur amant du monde. Logique. De toute façon, moi, quand on me parle de Patrick Swayze, tout me semble logique. Un soir, j'entraîne ma copine Mathilde en boîte, histoire de vérifier. Ce n'est pas mon terrain de chasse préféré, mais si ça me permet de rentrer à la maison avec Patrick Swayze... Au bout d'une heure, Mathilde repère un homme en train d'esquisser une chorégraphie en véritable pro. « En plus il est mignon, me crie-t-elle dans l'oreille. Vas-y, Sasha, tu verras bien. » En m'approchant de l'homme en question, je me rappelle pourquoi je déteste draguer en boîte : on ne peut pas s'entendre, donc pas se parler. Tant pis, je vais me tremousser aussi. Et je ne dois pas m'ensortir si mal puisqu'au bout de quelques minutes, le garçon en question, Baptiste (moins exotique que Patrick) m'invite à prendre un verre. Après avoir discuté un peu, et être arrivée à la conclusion qu'il était mignon, pas très bête et super bon danseur, je lui propose de prendre un verre à la maison, histoire de passer de la théorie à la pratique. Ce qui devait arriver arriva, sauf que ce n'était pas du tout ce à quoi je m'attendais. Non seulement c'est pire qu'avec Julien, mais en plus le garçon satisfait conclut avec un « Ça t'a plu, hein ? ». Je me réfugie dans la salle de bains pour ne pas éclater de rire devant lui.

La love détective n'écoute plus que son bon sens

Les chaussures, « les Feux de l'amour », les Narcisses et les Patrick (oh non, pas Patrick quand même), là, j'en ai ras les escarpins. Terminé les trucs et astuces. Maintenant, quand un garçon me plaît, j'arrête de me poser des questions idiotes et j'applique la bonne vieille méthode : papillons dans le ventre = homme qui me fait de l'effet = on verra bien ce que ça donne. Tiens, en parlant de papillons dans le ventre... Je n'arrête pas de penser à Stuart, l'avocat d'affaires anglais. Je sais qu'il était trop tout, mais quand même. J'appelle Erin pour qu'elle m'emène de nouveau dans son club, juste au cas où. Et j'ai été très inspirée puisque Stuart est là. Ni une ni deux, je vais le voir pour lui rappeler qu'il m'a promis une bouteille de champagne millésimé. Quelques jours plus tard, une constatation s'impose à moi. Non seulement Stuart est trop, mais en plus sa voiture est trop, son appartement est trop, et son champagne millésimé est trop lui aussi. Mais le meilleur dans cette histoire, c'est que, même comme amant, Stuart est trop, trop génial ! ●

mars 2010 COSMOPOLITAN III